

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO  
PROFESSOR X ALUNO NO ENSINO SUPERIOR**

**CLÁUDIA REGINA PARRA**

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO  
PROFESSOR X ALUNO NO ENSINO SUPERIOR**

**CLÁUDIA REGINA PARRA**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação

Área de Concentração: Instituição educacional e formação do educador.

Linha de pesquisa: Formação e prática pedagógica profissional docente

Orientador: Profa. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Helena Tiosso Moretti

378  
P258c

Parra, Cláudia Regina.

Contribuições da psicologia para a  
compreensão da relação professor x aluno no  
ensino superior / Cláudia Regina Parra. –  
Presidente Prudente : [s.n.], 2008.  
130 f.

Dissertação (Mestrado em Educação...) –  
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE:  
Presidente Prudente – SP, 2008.  
Bibliografia

1. Professores – Formação. 2. Educação  
permanente. 3. Ensino superior. I. Título.

**CLÁUDIA REGINA PARRA**

**Contribuições da Psicologia para a compreensão da relação professor x aluno  
no Ensino Superior**

Dissertação apresentada a Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 15 de Abril de 2008.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Helena Tiosso Moretti  
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Rosemarie Elizabeth Schimidt de Almeida  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria Vicente Cardoso  
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais:  
Francisco e Vicentina( in memoriam)  
pelo carinho, compreensão e conscientização do estudo em minha vida,  
pelos cuidados ternos e eternos que transcendem o aqui e agora,  
por tudo que os faz sempre presentes.*

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus, que me ouve com muito amor e guia os meus passos sempre.*

*À Profa. Dr<sup>a</sup>. Lúcia, minha orientadora e amiga, um grande exemplo de competência profissional e emocional em todas as orientações, um grande modelo a ser seguido.*

*Aos membros da banca examinadora: Profa. Dr<sup>a</sup> Rosemarie, Profa. Dr<sup>a</sup>. Sônia, pela leitura minuciosa, colaboração e incentivo que dispensaram contribuindo para o amadurecimento desta pesquisa.*

*Aos professores do mestrado em Educação da UNOESTE com os quais convivi: Prof. Dr. Levino, Prof. Dr. Camilo, Profa. Dr<sup>a</sup>. Raimunda, Profa. Dr<sup>a</sup>. Ivone, Profa. Dr<sup>a</sup>. Sônia, Profa. Dr<sup>a</sup>. Helena, Profa. Dr<sup>a</sup>. Tereza, pelos ricos conhecimentos ministrados que foram contribuições essenciais para a realização deste estudo, mas principalmente, por serem educadores corajosos na arte de inovar e manter sempre acesa a chama do desejo de aprender.*

*Aos colegas do mestrado em especial a Gilmara, Zenilda, Andréa pela parceria constante e amizade que certamente perdurará.*

*A incansável Ina, que sempre me atendeu com um sorriso acolhedor.*

*Aos alunos e professores do CESD que participaram desta pesquisa com entusiasmo, abertura e disponibilidade.*

*Aos amigos sempre presentes nesta trajetória: Fátima, Dorinha, Beth, Lílian, Aldo e Donizete porque me ouviram, participaram e me incentivaram a perseverar.*

*Ao Carlinhos, querido irmão, Elisete, cunhada-irmã e amados sobrinhos, pelo amor que nos une e por acreditarem nas minhas escolhas.*

## RESUMO

### **Contribuições da Psicologia para a compreensão da relação professor x aluno no ensino superior**

Este estudo aborda a relação professor-aluno no ensino superior e as influências da transferência e contratransferência na transmissão e aquisição do conhecimento. Foi escolhido o ensino superior como campo da pesquisa pela vivência que temos experimentado com essa modalidade de ensino. Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva, realizada com 81 alunos e 42 docentes do Centro Superior de Ensino em Dracena - CESD nos cursos de Ciências Contábeis, Direito e Turismo, operacionalizada através de entrevistas com questionários aplicados a alunos e professores. Buscamos compreender o vínculo relacional e sua importância para a construção do saber. Usamos como referencial teórico os conceitos psicanalíticos de Freud, destacando a transferência e contratransferência que propõe compreender como as relações acontecem. Através dos dados pudemos entender o "lugar" que o professor ocupa no inconsciente do estudante, o que o autoriza ou não a ensinar. Constatamos que, por meio da reedição, o aluno adulto alimenta com o professor as mesmas motivações e desejos de iniciante em suas atividades escolares, o professor que transita com facilidade nesse contexto torna-se mais atraente ao aluno e conquista êxito na sua propositura de ensinar. Características de bom professor, de disciplinas preferenciais dos alunos estão mais vinculadas à personalidade do professor do que ao conhecimento técnico valorizado pela titularização acadêmica. Outrossim, quanto aos professores, constatamos o desconhecimento desses na representatividade que ocupa no imaginário do aluno no processo, o que dificulta a posse da autoridade; pois, com isso, o professor deixa de reconhecer os sentimentos transferenciais e; conseqüentemente, direcionar os desejos do aluno para o saber. O acontecer eficaz, nesse contexto, surge mais por ensaio e erro. Com apoio na discussão e análise dos aspectos encontrados, constatamos que a fundamentação teórica atendeu às necessidades do estudo, facilitando caminhar em direção à concretização dos objetivos propostos.

Palavras chaves: Relação professor-aluno, educação superior, formação docente, transferência, contratransferência.

## **ABSTRACT**

### **Contributions of psychology for the understanding of the relation professor x pupil in superior education**

This study addresses the teacher-student relationship in higher education and the influences of the transfer and countertransference in the transmission and acquisition of knowledge. It was chosen higher education as a country of research by the experience that we have experienced with this type of education. This is a search country descriptive taked with 81 students and 42 teachers of the Centro Superior de Ensino in Dracena - CESD in courses of Accounting Science, Law and Tourism, maked through interviews with questionnaires applied to students and teachers. We understand the link relational and its significance to the construction of knowledge. We use as reference the theoretical of concepts Freud psychoanalytical, highlighting the transfer and countertransference that proposes understand how the relationships happen. Through the data we can understand the "place" that the teacher occupies in the student unconscious, that authorizes or not to teach. We note that, by means of the publication, the student adult feeds with the teacher the same motivations and desires of newcomer in their school activities, the teacher who passed easily in that context becomes more attractive to the student achievement and success in his commencement of teach. Characteristics of good teacher, the subjects preferential the students are more linked to the personality of the teacher than the technical knowledge valued by academic title. Also, as teachers, we perceive the ignorance of these who occupy the representativeness in the imagination of the student in the process, which hinders the possession of the authority, therefore, with this, the teacher fails to recognize the transference feelings and, consequently, direct the wishes of student to learn. The case effectively, in this context, arise more by trial and error. With support in the discussion and analysis of the aspects found, we deduce that the theoretical foundation met the needs of the study, facilitating moving toward achieving the objectives.

Key words: teacher-student relationship, higher education, teacher formation, transfer, countertransference.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	- Amostra discente	38
TABELA 2	- Amostra do número de alunos por curso respectivos termos e dos participantes do estudo	39
TABELA 3	- Amostra docente	40
TABELA 4	- Grupos dos alunos	42
TABELA 5	- Conhecimento dos alunos sobre projeto pedagógico do curso	44
TABELA 6	- Opinião dos alunos sobre o currículo do curso	44
TABELA 7A	- Grade curricular do curso de Ciências Contábeis	47
TABELA 7B	- Grade curricular do curso de Direito	48
TABELA 7C	- Grade curricular do curso de Turismo	48
TABELA 8	- Disciplinas diretamente relacionadas ao exercício profissional futuro e indicadas como preferidas pelos alunos	49
TABELA 9	- Disciplinas parcialmente relacionadas ao exercício profissional futuro e indicadas e indicadas como preferidas pelos alunos	50
TABELA 10	- Disciplinas consideradas complementares ao exercício profissional futuro e indicadas como preferidas pelos alunos	50
TABELA 11	- Características do bom professor aos olhos do aluno	58

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	- Formação universitária anterior ao atual curso	43
QUADRO 2	- A influência geral do professor sobre o aluno	53
QUADRO 3	- Resumo da aula anterior	57
QUADRO 4	- O professor e seu mestre	81
QUADRO 5	- Apresentação de trabalho do docente em eventos científicos	87

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- Total de alunos entrevistados	42
GRÁFICO 2	- Faixa etária dos alunos entrevistados	42
GRÁFICO 3	- Estado civil dos alunos	43
GRÁFICO 4	- Sobre a influência do professor da disciplina de sua preferência	51
GRÁFICO 5	- Como o aluno percebe o professor da disciplina de sua preferência	52
GRÁFICO 6a	- Opinião dos alunos sobre a importância da relação professor / aluno para a construção do conhecimento	56
GRÁFICO 7	- Sobre o professor de preferência do aluno e o que o motivou na escolha	62
GRÁFICO 8	- Sobre o aluno usar o professor como modelo para o futuro exercício do magistério	62
GRÁFICO 9	- Sobre o que importante para o aluno na relação com o professor	65
GRÁFICO 10	- Total de professores entrevistados	66
GRÁFICO 11	- Faixa etária dos professores	67
GRÁFICO 12	- Estado civil dos professores	67
GRÁFICO 13	- Professores que ministram aula na sua primeira formação	68
GRÁFICO 14	- Quantidade de curso superior do professor	68
GRÁFICO 15	- Titulação do corpo docente	69
GRÁFICO 16	- Conhecimento dos professores sobre o projeto pedagógico do curso	71
GRÁFICO 17	- Meio pelo qual os professores conheceram o projeto pedagógico do curso	71
GRÁFICO 18	- Opinião dos professores sobre o currículo do curso	72
GRÁFICO 19	- A importância que o professor dá a sua disciplina na organização curricular	73
GRÁFICO 20	- Opinião do professor sobre seu desempenho	74
GRÁFICO 21	- A influência da personalidade do professor sobre o aluno	75
GRÁFICO 22	- Importância que o professor dá ao contexto relacional	76
GRÁFICO 23	- A didática do professor	78
GRÁFICO 24	- O perfil do bom professor	79
GRÁFICO 25	- O uso do professor modelo	81
GRÁFICO 26	- O que o professor julga mais importante na relação aluno	84
GRÁFICO 27	- Sobre emprestar material ao aluno	85
GRÁFICO 28	- Atualização do professor	86
GRÁFICO 29	- Participação em eventos	86
GRÁFICO 30	- Publicação dos professores	87
GRÁFICO 31	- A contribuição das IES na capacitação do professor	88
GRÁFICO 32	- A preferência do professor na capacitação da IE em sua capacitação	88
GRÁFICO 33	- Como o professor vê seu curso	89

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
1.1 Objetivos da Pesquisa .....	16
1.1.1 Objetivo geral .....	16
1.1.1 Objetivos específicos .....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	19
2.1 Conceitos Psicanalíticos e sua Relação com a Educação .....	19
2.2 Questões Transferenciais .....	26
2.3 O Professor Comprometido .....	33
3 PERCURSO METODOLÓGICO .....	37
3.1 Contextualizando a Amostra .....	37
3.2 O Corpo Discente Investigado .....	39
3.3 O Corpo Docente Investigado .....	40
3.4 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados .....	40
4 RESULTADO E DISCUSSÃO .....	41
4.1 Dos Questionários Aplicados aos Alunos .....	42
4.2 Dos Questionários Aplicados aos Professores .....	66
4.3 das Entrevistas Realizadas com os Professores .....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	107
APÊNDICES .....	110
Apêndice A – Solicitação de Autorização a Direção .....	111
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento .....	113
Apêndice C – Questionário de Pesquisa para Alunos .....	117
Apêndice D – Questionário de Pesquisa para Professores .....	123

## 1 INTRODUÇÃO

Os profissionais da área da psicologia que percorrem os ambientes acadêmicos, freqüentemente, são solicitados e, às vezes, até desafiados formal ou informalmente a encontrarem soluções para dificuldades advindas de transtornos de aprendizagem, desinteresse, despreparo, enfim, assuntos comuns numa sala de professores do ensino fundamental, médio ou universitário.

As indagações sobre o que fazer e como fazer, advindas dos protagonistas da educação, refletem a grande angústia que o educador vivencia na prática. Isso remete a, pelo menos, dois aspectos que se instalam no processo de “não conseguir ensinar”.

O primeiro aspecto que suscita tal questionamento é compreender quem é esse professor, como ele concebe o vínculo e a relação necessária para que o conhecimento sistematizado se concretize, o que pode levá-lo a justificar o seu insucesso como sendo o desinteresse do aluno.

A segunda indagação, mais propriamente uma observação, é que quantitativamente a relação professor aluno, no contexto universitário, não tem sido objeto de estudo com tanta freqüência como no ensino fundamental e médio.

Pouco se fala na prática docente universitária, sobre a didática que engloba o saber pedagógico. O que se vê valorizado, nesse segmento da educação, é a titulação.

No entanto, “as dificuldades de aprendizagem,” do acadêmico também acontecem e surgem, da mesma maneira, carregadas de queixas dos professores e de dúvidas sobre como lidar com essa realidade. Aqueles que ouvem, sem dúvida, identificam com aquelas feitas aos aprendizes crianças e adolescentes sobre suas dificuldades, as questões do descomprometimento e do despreparo são sempre muito freqüentes nas falas dos professores.

Para melhor organizar a leitura do panorama que aqui será apresentado, serão abordados, alguns fatos reais sobre o aluno que encontramos hoje na universidade, em especial, neste estudo, no local onde se desenvolveu.

A democratização do ensino facilitou o acesso de alunos que outrora não freqüentavam ensino superior, visto que, no passado, a clientela acadêmica buscava formação para depois fazer dela uma profissão. Atualmente o aluno que

curso o ensino superior já está no mercado de trabalho e busca a universidade para a manutenção do emprego, há também aqueles que almejam outra colocação, mas permanecem empregados para, inclusive, manter financeiramente os estudos. Portanto, a motivação se diferenciou, mas a universidade e os educadores não acompanharam esse processo.

Além da motivação para o estudo, outro aspecto observável, em nosso ambiente universitário, é o número de alunos. As classes se avolumaram e surgiu mais uma adaptação que professor e aluno juntos experimentam.

Senge (1999, p. 48) diz: “As Instituições que realmente terão sucesso no futuro serão aquelas que descobrirem como cultivar nas pessoas o comprometimento e a capacidade de aprender em todos os níveis institucionais”.

Cultivar é um processo que pode ser ensinado, diante disso, a primeira consideração a fazer se traduz na formação do docente universitário que é, sem dúvida, um processo em construção.

Correndo o risco de ser repetitivo nessas considerações, não há como se furtar em discutir essa necessidade que é evidente, requer investimento, aprendizado e, ainda mais, o sucesso dos protagonistas em suas práticas tem sido experimentado numa esfera individualizada muito mais de ensaio e erro do que de formação propriamente dita.

Nesse estudo isso foi observado de forma muito cristalina, principalmente, porque a amostra foi formada de professores de diferentes formações que ministram aulas nas áreas como Ciências Contábeis, Direito e Turismo, quase todos com formações em áreas distintas da educação, capacitados profissionalmente, com títulos de doutores, mestres e especialistas. Muitos desses mestres não cursaram, pelo menos uma licenciatura, apresentam conhecimento técnico. Isso contribui para que o fazer docente se limite a uma experiência solitária, personalíssima em que, cada um busca os próprios recursos advindos de experiências profissionais anteriores como alunos, figuras parentais ou qualquer outra fonte que possa ter proporcionado a esses atores experiências relacionais e de aprendizagem.

A construção do conhecimento, para que seja efetiva, além de práticas docentes como metodologia de ensino superior, didática, requer ainda relações interpessoais satisfatórias.

Perrenoud (1993), citando Freud, diz que a docência é uma profissão

impossível, porque representa uma profissão na qual a formação não garante desempenho elevado e regular dos gestos profissionais, uma vez que, as profissões que trabalham com pessoas (psicólogos, assistentes sociais, professores e outros) convivem com a mudança, com a ambigüidade, o desvio, a complexidade, o conflito.

Nesta pesquisa pode-se perguntar: por que a psicanálise revela-se como ferramenta para fundamentar teoricamente um trabalho sobre educação? O que a psicanálise pode dizer sobre esse tema, se o próprio autor da teoria psicanalítica já disse que educação é a profissão do impossível?

Kupfer (2005, p. 59) diz que impossível não é sinônimo de irrealizável, mas indica principalmente, a idéia de algo não ser jamais integralmente alcançado: o domínio, a direção e o controle que estão na base de qualquer sistema pedagógico.

A psicanálise não propõe fundamentos para a pedagogia, mas também não se opõe a ela. Muitas vezes aqui se faz uma leitura equivocada. Ocorre que a prática psicanalítica é fundamentada em associações livres<sup>1</sup> e esta sim, segundo Freud, seria uma dificuldade.

No passado, no início do séc. XX várias tentativas foram feitas por Oskar Pfister e Hans Zulliger na Suíça de se criar a disciplina “pedagogia psicanalítica”, todas foram infrutíferas. Sem dúvida, a psicanálise pode contribuir com os conceitos de sedução, identificação, transferência e contratransferência no processo de educação e nossa proposta nesta investigação com os acadêmicos, foi fundamentada exatamente nesse contexto.

Entendemos que os conceitos psicanalíticos, citados por Freud na construção de vínculos, possibilitam a melhor compreensão da relação professor e aluno.

Nesse sentido notamos aqueles que seduzem<sup>2</sup> o aluno ao conhecimento e aqueles que claudicam nessa arte, ou seja, esbarram em dificuldades, muito embora capacitados tecnicamente para ensinar, são eternos neófitos em questões “relacionais”.

Polity (2002, p. 30), chama esse impasse de “dificuldade de ensinagem”.

---

(1) Associação Livre: uma técnica psicanalítica onde o paciente fala tudo que lhe vem à mente e ao falar surge sentimentos e memórias reprimidas. A associação livre é considerada uma das formas de se penetrar no inconsciente do indivíduo.

(FREUD, Obras Completas – Vol. XI)

(2) O conceito psicanalítico de sedução que se aplica a educação será discutido no capítulo seguinte quando abordados “Conceitos Psicanalíticos e Sua Relação Com a Educação”.

Para a autora “ensinagem”, abrange a percepção emocional que o professor tem da própria prática. “Não só como ele a pensa, mas a forma como ele a sente”.

Professores em geral que estão capacitados teoricamente para ensinar, mas não conseguem estabelecer relação prazerosa, de interesse, de seduzir o aluno para o conhecimento. Vale salientar que a sedução citada aqui não é aquela conhecida no discurso leigo, eivado de conotação sexual, que se processa, muitas vezes, no corrompimento, na preversão perverter e se efetiva na subjetividade, percorrendo descaminhos de infortúnios e desconforto no processo de desenvolvimento humano saudável. A sedução em tese emana de uma atração nos processos primários de desenvolvimento da personalidade, e, se fundamenta na relação filial, sendo este o primeiro vínculo que o ser humano experimenta.

O aluno universitário, mesmo freqüentando um curso superior, retroalimenta, na relação com o professor, os mesmos desejos de quando estava iniciando as atividades escolares e ainda mais, identifica este momento com suas relações originais com suas figuras parentais.

O professor nessa relação sedutor/seduzido ocupa o papel que, em geral, foi desempenhado pelos pais do aluno ou por seus substitutos.

Ao exercer essa função, o sedutor traz consigo a própria história de vida, suas elaborações o que permitirá a ele fazer a distinção entre o seduzir para si, para satisfação de seu desejo, ou seduzir o aluno para o saber. Há ainda aqueles que transitam em outra dimensão, essa ainda causadora de maior insatisfação que é a dificuldade em seduzir.

Neste estudo, procuramos atentar, de forma sistematizada, a leitura que o aluno faz do professor enquanto detentor do conhecimento, a importância da identificação dos sujeitos no processo, a transferência do vínculo relacional para o conhecimento, os embates, as facilidades, como os envolvidos neste estudo.

Se o professor não provocar este momento, não há como trazer o aluno para a luz do conhecimento. Ele não conseguirá exercitar o “ensinar” que é a proposta inicial, aquela que o mobilizou para essa atividade prazerosa e fascinante.

Para Regis de Moraes “ensinar é tentar fazer com o aluno uma jornada que lhe fique, de uma forma positiva, inesquecível” (MORAIS, 1986, p. 30). Com isso o professor que não conseguir conduzir o aluno nessa aventura, se frustrará enquanto profissional.

É comum ouvir de professores que a escola é a sua “segunda casa”, conseqüentemente, estabelecem na instituição, quer seja com os colegas de trabalho, quer seja com os alunos, vínculos “quase parentais”, evidentemente, com esses laços, os sentimentos ambíguos de amor e de ódio, expectativas de reconhecimento, atenção, valorização vividos no ambiente familiar também temperam essa relação no cotidiano escolar. Suscita-se então a dúvida: Isso é bom ou ruim?

O professor cria expectativas também sobre o aluno e precisa aprender a lidar com suas frustrações para não aguçar a insegurança do aluno.

O presente estudo nos traz uma leitura mais específica sobre todos os aspectos citados anteriormente. Analisa se os sujeitos da amostra, de fato, identificam os mestres com as figuras parentais e, ainda mais, quando isso acontece e como o conhecimento é assimilado.

## **1.1 Objetivos da Pesquisa**

### **1.1.1 Objetivo geral**

- Verificar o vínculo relacional do professor/aluno no desenvolvimento do cotidiano universitário, sua importância para a construção do saber no processo de conhecimento.

Com base nesse objetivo geral e na integralidade do seu pressuposto, têm-se os seguintes objetivos específicos:

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

#### **Com os alunos**

- Conhecer o vínculo do aluno-professor no acontecer do cotidiano acadêmico;

- Identificar as disciplinas preferenciais dos acadêmicos e sua relação com o professor;
- Verificar os tipos de características do professor adequado apontadas pelos alunos.

### **Com os professores**

- Analisar a importância que o professor dá ao vínculo relacional para transmissão do saber;
- Definir como o professor se vê na relação professor-aluno como transmissor de conhecimento;
- Perceber se o professor usa alguma referência de experiência anterior, para estabelecer o vínculo com o aluno;

Mediante os objetivos definidos, formulamos, enfim, o seguinte problema:

“A relação professor-aluno no ensino superior é importante para a efetiva aprendizagem? Até que ponto essa relação influencia a construção do saber? Que recursos poderão auxiliar o professor nesta construção?”

O estudo foi realizado com um grupo de universitários e professores dos cursos de Ciências Contábeis, Direito e Turismo do CESD-CENTRO SUPERIOR DE ENSINO EM DRACENA e está estruturado em quatro capítulos.

Ao primeiro, reservamos as noções introdutórias e objetivos do estudo.

No segundo capítulo, serão expostos os aportes teóricos que nortearam o estudo e as contribuições para a compreensão da relação professor aluno que os autores propõem.

O percurso metodológico, caracterizando o campo da pesquisa, a razão dessa escolha, estão inseridos no terceiro capítulo.

Em seguida, no quarto capítulo, os aspectos abordados serão a análise e discussão dos dados coletados. Nosso olhar procurou detectar nos discursos dos sujeitos e na literatura a dinâmica dessas relações e as construções que acontecem durante a trajetória do efetivo saber acadêmico.

Ao quinto e último capítulo reservamos as considerações finais em que procuramos refletir sobre os saberes necessários à formação do docente

universitário e, nessa reflexão, sugerir algumas práticas que poderiam levar a alguns avanços rumo à formação de um profissional mais comprometido, e conseqüentemente, mais eficaz na prática docente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Conceitos Psicanalíticos e sua Relação com a Educação

Este capítulo objetiva discorrer conceitos estudados pela psicologia, mais especificamente, pela psicanálise de como a dinâmica relacional acontece e a importância dela para as construções humanas do saber.

Cabe aqui um primeiro esclarecimento, muito embora esta pesquisa se originou no campo da Educação, no seu acontecer, poder-se-ia questionar o porquê de usar um referencial teórico de um cientista da mente, da área biológica para compreender como acontece a relação humana no ambiente escolar.

Ora, num primeiro momento, todo profissional, em especial um cientista, teve um professor, alguém que o ensinou. Afinal o que é o ensinar?

“É ciência, técnica ou arte?” De acordo com o professor Balzan no prefácio do livro “O professor em construção” (PIMENTEL, 2005, p. 14) ensinar é arte.

Portanto, alguém que estudou, de maneira exaustiva, os processos mentais, a nosso ver está apto a falar sobre essa arte.

Expoente no meio acadêmico e no cotidiano em geral, Sigmund Freud (1856-1939), sem dúvida alguma, deixou o nome registrado na história da humanidade com as contribuições que trouxe em seus estudos. A frase célebre “Freud explica” tornou-se sinônimo de um pensar psíquico que busca compreender os comportamentos humanos na maioria das vezes.

Freud, médico neurologista, nascido em Freiberg, na Morávia, pertencente à Áustria daquela época e atualmente a Tchecoslováquia, (1856), foi um grande estudioso do psiquismo humano, sem dúvida alguma a frente de seu tempo, comparável a Karl Marx na compreensão dos processos históricos e sociais.

Considerado o pai da psicanálise e postulador do conceito de inconsciente, declarou em 1908 “que o Educador é aquele que deve buscar, para seu educando, o justo equilíbrio entre o prazer individual - vale dizer, o prazer inerente a ação das pulsões sexuais e às necessidades sociais, vale dizer, à repressão e sublimação dessas pulsões” (KUPFER, 2005, p. 45-46).

Segundo ele, o ser humano é regido por forças que estão no seu interior, mas que esse as desconhece. A vida psíquica não se resume aos fatores conscientes (percepção, atenção, memória, intencionalidade, etc), mas está apoiada em manifestações inconscientes, sendo esse o objeto de estudo da psicanálise. Ao descobrir a existência dessa instância, Freud retira do ser humano a idéia de que este pode controlar totalmente seus atos e pensamentos, afirmando que não somos senhores absolutos de nossos próprios comportamentos (KUPFER, 2005, p. 46).

A psicanálise não trata diretamente das emoções ou do desenvolvimento afetivo, mas da constituição do sujeito e de suas transformações ao longo da vida, em que os afetos e suas manifestações estão presentes. Essa ciência interessa-se, sobretudo, pelo inconsciente seu principal objeto de estudo.

Freud, ainda que polêmico e muito contestado em sua época e até nos dias atuais, abordou diversos assuntos em seus estudos, foi um pesquisador incansável, muito embora não tenha dedicado os estudos à educação ou à pedagogia diretamente, trouxe indubitavelmente, grandes contribuições a essas áreas de estudo, uma delas o artigo intitulado "Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar" (Freud, 1914).

A matéria foi redigida para um volume coletivo em comemoração aos cinquenta anos de fundação de um colégio em que Freud havia estudado em Viena entre os nove e dezessete anos de idade. O autor da psicanálise descreve claramente o desligamento do adolescente de "seu primeiro ideal".

De seu quarto de criança, o menino começa a vislumbrar o mundo exterior e não pode deixar de fazer descobertas que solapam a alta opinião original que tinha sobre o pai e que apressam o desligamento de seu primeiro ideal. "Descobre que o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres; fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar o seu lugar na sociedade; e então, em regra, faz com que ele pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou" (FREUD, 1914, p. 288).

Nessa publicação, Freud presta homenagem a seus antigos professores, sugerindo que os sentimentos ambíguos ou excessivos experimentados pelos aprendizes muitas vezes em relação aos mestres, denotam uma importante tarefa desempenhada por eles na adolescência ao substituírem o lugar de ideal ocupado na infância, pelo pai.

Freud relata que, talvez, seu grande interesse pela ciência ao longo da vida; deva-se, em grande parte, à admiração e à afeição que dedicava a seus

mestres em sua adolescência, quando propõe reflexões sobre as relações que se estabelecem entre o professor e o aluno e o prazer que ambos precisam vivenciar nessa relação de aprendizagem.

Importante ressaltar que o prazer nesse contexto se aplica à definição de uma sensação agradável, contentamento e não no sentido de deleite sexual.

No que se refere ao âmbito da educação segundo a leitura psicanalítica, a “transmissão de conhecimentos” é um ato carregado de emoção, pois pressupõe uma ação de uma pessoa sobre a outra e evidentemente os efeitos dessa ação.

Recorrendo à história para exemplificar essa idéia, pode-se lembrar, por exemplo, a inegável influência na “transmissão de sabedoria” de Sócrates sobre Platão, este não se limitou a ser só seu seguidor, mas teve ainda a brilhante idéia de registrar os ensinamentos do mestre nos famosos diálogos.

Ainda na publicação citada anteriormente, o próprio Freud mais adiante fala da influência de seus mestres

Como psicanalista, estou destinado a me interessar mais pelos processos emocionais que pelos intelectuais, mais pela vida mental inconsciente que pela consciente”. Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres (FREUD, 1914, p. 284).

Continuando ainda sua reflexão neste assunto Freud, como conhecedor das trajetórias que os questionamentos humanos provocam nas estruturas mentais vai mais além:

Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamos-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los (FREUD, 1914, p. 284).

A psicanálise deu nome de ‘ambivalência’ a estas atitudes contraditórias e não tem dificuldade em indicar a fonte de sentimentos ambivalentes

desse tipo, como necessárias para o crescimento.

Mais tarde nas suas descobertas sobre a psicanálise, ele recebeu várias influências como por exemplo, de Charcot, neuropatologista que lhe provocou um grande entusiasmo no terreno da histeria, passando por Breuer, um colega 14 anos mais velho que Freud, a quem Freud fez a seguinte referência [...] “Durante anos compartilhamos todo interesse científico, sendo eu, naturalmente, a pessoa a quem esse intercâmbio mais beneficiava”. (KUPFER, 2005, p. 26).

Wilhelm Fliess foi outro professor, médico, com quem Freud se relacionou durante suas construções do conhecimento, um otorrinolaringologista a quem he escrevia cartas que passaram das descobertas científicas a assuntos de caráter pessoal e isso muito provavelmente, influenciou Freud nas descobertas do psiquismo.

Freud desejava ansiosamente ser mestre de si mesmo, gerar conhecimento, foi então neste período que descobriu através de correspondências que manteve entre os anos 1887 a 1904 com o médico alemão, uma figura investida de autoridade e confiança, que superar a relação com os mestres significava superar a relação com o pai, que era subjacente a ela como cita Kupfer (2005, p. 27).

Destas cartas surgiu o livro que Freud publicou em 1900 “A Interpretação dos sonhos”, onde se lê um relato de um sonho de Freud conversando com seus mestres: Meynert, Breuer e Fliess quando faziam uma viagem de trem, eles jogavam baralho, chamavam-no de filho; em certo momento, Freud diz que é preciso um morto para o jogo, Meynert diz ao jovem que aquele é um jogo de três mortos e um vivo, em seguida acrescenta que ele é órfão. No mesmo instante, os três desaparecem e surge o chefe do trem com o rosto do pai de Freud. A Interpretação dada a esse sonho: “Não preciso de professores, cabe ao meu verdadeiro pai me ajudar. Na verdade não quero ninguém acima de mim. Salvo aquele que me fez” (KUPFER, 2005, p. 28).

Com isso Freud, colocou fim a sua incessante busca em compreender a relação com seus mestres e, com isso, iniciou uma nova fase em sua vida na qual ele passa a ocupar o posto de transmissor de idéias através de suas propostas interpretativas.

A interpretação exerceu um fascínio muito proveitoso para seus pares nos estudos da psique humana, o seu maior seguidor e um dos teóricos da psicologia, Carl Gustav Jung é a prova incontestável de como o conhecimento se

constrói recheado de ingredientes de prazer, atenção, afetividade, além do conteúdo ministrado propriamente dito. Jung iniciou seus estudos através de Freud, por quem tinha uma grande admiração.

Isso nos faz pensar e reafirmar que o processo de transmissão de conhecimento transcende ao que é ensinado implica também num fenômeno subjetivo o qual envolve, além do conteúdo, a ação de quem ensina e a relação que se estabelece entre ambos os atores inseridos no processo e o conhecimento em si.

Contextualizando as contribuições existentes da psicologia neste pensar da relação professor e aluno, observa-se que os estudos de Freud, avançaram fronteiras. Na sua Sexta Conferência, Freud (1933, p. 191) esclarece que a psicanálise pode ser aplicada em outras ciências, sobretudo sobre aquelas do espírito, e "suscita novos trabalhos e novas pesquisas". Por mais fundamental que seja o estudo e a análise da função psíquica, é indissociável falar sobre o sujeito sem falar no contexto global no qual esse está envolvido.

Freud (1933, p. 194) cita que "a infância é um período da vida difícil para atravessar porque a criança deve, em pouco tempo, assimilar toda uma civilização que foi elaborada em milhares de anos".

Nas práticas escolares, quer seja no ensino fundamental, médio ou superior, tudo é feito de forma excessivamente programada; pois, ao final de cada ano letivo, o aluno deve provar que conhece totalmente ou parcialmente satisfatório o que o professor lhe transmitiu naquele tempo e o professor, por sua vez, tem compromissos administrativos a cumprir que vão provar que conseguiu transmitir todo o programa e o conteúdo previsto para aquele período. Este é o sistema educativo dos tempos modernos que, por mais que novas propostas surjam, ainda é predominante.

A psicanálise contribuindo para que a intervenção educacional possa se fortalecer no caminhar progressista, lança o olhar para a importância do vínculo relacional nas práticas pedagógicas, disso tudo se pode somar algumas contribuições.

A primeira que vamos destacar é o olhar do educador que atravessa os limites da parede das salas de aula e se preocupa com o aprendiz na íntegra.

Levamos em consideração, neste contexto, que o fato de ensinar um conteúdo específico das ciências "exatas" ou "humanas" não isenta o professor de uma postura relacional com o aluno, muito embora nossa pesquisa tenha se

realizado no campo das ciências conhecidas como sociais.

Investir-se de um olhar clínico, que diagnostica o aluno, no contexto educacional é uma ferramenta interessante para os professores. Nesse sentido, Freud (1933, p. 197) afirma que:

Conhecer as particularidades constitucionais da criança, saber adivinhar, graças a pequenos indícios, o que se passa dentro da sua alma ainda inacabada, lhe testemunhar sem excesso o amor que lhe é dado, conservando a autoridade necessária, é a tarefa desconcertante que se impõe ao educador e, querendo, dizemos que somente o estudo aprofundado da psicanálise é capaz de constituir uma preparação suficiente para o exercício de tal profissão.

Muito embora no texto de Freud, citado acima, fique acentuado o estudo aprofundado da psicanálise, entendemos que o professor que reflete sobre a própria prática e procura concentrar esforços em caminhos mais adequados para, de fato, contribuir para a construção do conhecimento do aluno, acaba quase que intuitivamente, obtendo mais êxito em seus propósitos e, conseqüentemente, desfrutando de melhor aceitação, sendo alvo de admiração dos alunos e conseqüentemente, se sentindo-se mais confortável em sua prática.

No dizer de Paulo Freire, conhecido pelo comprometimento com a liberdade educativa “a educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da própria história e não como objetos” (2001, p. 40).

Freud pesquisou a fundo o inconsciente do indivíduo, nesta estrutura da mente ele também faz uma relação que o sujeito é antes de tudo um ser de relação, um ser social. Além do mais, o seu inconsciente não é cunhado sem a presença do outro, uma relação que acontece no real e caminha posteriormente no imaginário.

No processo educacional, o campo das relações entre o professor e o aprendiz é atravessado por um conhecimento que se pretende transmitir ou adquirir, no processo de análise psíquica a relação é mais direta, sem intermediários, uma vez que acontece entre terapeuta e paciente.

Na educação infantil, essas relações podem ser percebidas de maneira mais claras, pois o campo educacional, embora recém introduzido na vida do educando, traz como vantagem a própria idade de seus atores que estão

experimentando as primeiras vivências fora do referencial familiar.

O professor que começa a fazer parte da nova rede de relacionamentos da criança, com facilidade, ocupa papel de “pai (ou mãe) substituto”, herdando assim sentimentos que foram endereçados, num primeiro momento, às figuras parentais do aprendiz. Como será essa interação, neste primeiro instante, está muito ligado a como esse aprendiz será seduzido frente a esse processo, como se estabelecerá o prazer nesta relação e como acontece a relação real e simbólica com as figuras parentais.

Nesse ponto, estamos nos referindo à sedução no processo pedagógico, a qual Freud entendeu se manifestar recoberto de sentimento de “poder” sobre o outro.

Essa sedução não está ligada ao conceito que se tem no contexto comum de uma capacidade ou processo de corromper, de perverter, ou de atrair sexualmente, mas como, já citado acima, quando mencionado o prazer no ato de ensinar e aprender se refere a um conjunto de qualidades e características que despertam em outrem simpatia, desejo, fascínio que, neste caso, nasce no ato específico de seduzir o aprendiz para o processo de conhecimento.

Despertar o desejo pelo saber no aprendiz é auge que o professor pode almejar no processo educacional.

As relações familiares do professor e sua orquestração nas construções de vínculos também o favorecerão para que ele tenha sucesso neste momento com o aprendiz

A identificação e a ambigüidade do amor e do ódio nas figuras familiares irão determinar "naturalmente" qual é a distância ou a aproximação com que o professor vai estruturar, nesse vínculo, para o “bem” ou para o “mal”.

Freud (1974, p. 249) reconheceu a possibilidade de que a transferência acontecia na relação professor-aluno:

É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores, de maneira que agora podemos entender a nossa relação com eles. Estes homens, nem todos pais na realidade, tornam-se nossos pais substitutos...Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a trata-los como tratávamos nossos pais em casa.

A literatura traz vários estudos sobre a importância desse vínculo na

infância e na adolescência, quando então o aprendiz está, em termos escolares, vivenciando o ensino infantil, fundamental e médio.

O presente estudo, porém, foi desenvolvido com adultos, mais especificamente, no ensino superior e ele nos leva a compreender que o adulto alimenta pelo professor os mesmos desejos inconscientes que a criança e o adolescente alimentaram; muito embora, nestas circunstâncias, disfarçados por conteúdos racionais bem elaborados que traduzem o vínculo em conhecimento daquele que ministra o saber.

Para melhor elucidação desse fenômeno, abordaremos alguns conceitos que Freud identificou, presentes no processo psicanalítico do paciente com o psicoterapeuta, o primeiro a ser abordado será a “transferência”, conceito, aliás, que ele elaborou a partir do sentimento que nutria pelos próprios mestres na busca do saber.

## 2.2 Questões Transferenciais

“Os educadores, investidos da relação afetiva primitivamente dirigida ao pai, se beneficiarão da influência que esse último exercia sobre a criança.”  
(Sigmund Freud, 1974, p. 249)

Transferir, em sentido genérico, é o mesmo que deslocar algo de um lugar para o outro. Freud usou esse conceito genérico para explicar um processo que ocorre na relação analista-paciente.

A transferência vivida pelo paciente foi explicitada pelo pai da psicanálise como um fenômeno próprio do inconsciente que consiste em uma ligação emocional que o paciente desenvolve em relação ao analista, ou seja, o paciente identifica o analista e projeta nele as características de suas figuras parentais ou pessoas de seu passado.

“A transferência é a reedição dos impulsos e fantasias despertadas [...] que trazem como característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico” (FREUD, 1901)”

Junto às características satisfatórias dessa relação, existem também

impasses que estabeleceram nesta vivência infantil e, conseqüentemente, na terapia, todo este conteúdo que se manifesta, de modo que Freud considerou a solução da transferência o ponto chave para o sucesso do método psicoterapêutico.

“Transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo.”

Essa formulação tem implicações tanto para o analista como para o professor.

Instalada a transferência, tanto o analista como os professores tornam-se depositários de algo que pertence ao analisando ou ao aluno. Em decorrência dessa posse, essas figuras ficam inevitavelmente carregadas de importância especial. E é dessa importância que emana o poder que, inegavelmente, têm sobre o indivíduo. Assim, em razão dessa transferência de sentido operada pelo desejo, ocorre também uma transferência de poder (KUPFER, 2005, p. 91).

Na escola, muitas relações acontecem, mas, indubitavelmente, nenhuma delas é tão intensa e determinante quanto a relação professor-aluno e ela desenhará o perfil da instituição no que tange a características humanas como acolhimento, envolvimento dos sujeitos, grau de comprometimento e conseqüentemente, construção de conhecimento. “O ato de aprender pressupõe uma relação com outra pessoa: a que ensina” (KUPFER, 2005, p. 84).

Essa pessoa que ensina, o professor, é colocada pelo aluno numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem. Como o próprio Freud (1914, p. 286): cita “É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve maior importância foi a nossa preocupação com as ciências que nos eram ensinadas, ou a personalidade de nossos mestres”.

Sob essa ótica, o docente apodera-se desse sentido especial depositado em sua pessoa pelo aluno. Dessa posse, deriva-se um poder, pois a transferência de sentido, operada pelo desejo, é também uma transferência de poder. “O desejo transfere sentido e poder à figura do professor, que funciona como mero suporte esvaziado de seu sentido próprio enquanto pessoa” (FREUD, 1914, p. 92).

O aluno quer, supostamente, que o professor suporte esse lugar “esvaziado” e permaneça ali onde o colocou. Na prática diária da docência, isso não é tão fácil porque estamos falando de dois seres humanos que tem desejos, angústias. O professor é também um sujeito marcado pelo desejo inconsciente.

Portanto, muito freqüentemente, o docente tenderá a abusar do lugar que ocupa, subjugando o aluno, impondo-lhe as próprias concepções, valores e modelos predeterminados.

Para que a prática educacional seja efetiva sob o ponto de vista freudiano, a transferência aluno-professor é um instrumento indispensável para promoção do sujeito ao saber veiculado pela instituição escolar.

Se o aprendiz entra nesse emaranhado de relações de maneira plena, satisfatória, atribui ao professor um sentido conferido pelo desejo, então essas figuras passarão a fazer parte de seu cenário inconsciente como cita Kupfer (2005, p. 92).

De início, evidentemente, o apego, do infante é dirigido a professora, ou ao professor, que terá como incumbência atribuída por sua função, acolher e favorecer condições mínimas para que se instaure nele a aquisição de um conhecimento.

A fala do mestre deixa de ser objetiva e passa a ser escutada através do inconsciente.

Entre os dois atores do processo de ensino-aprendizagem estabelece-se um campo de relações, que propicia as condições para o aprender, denominado transferência.

É importante o professor entender que o lugar ocupado por ele em relação ao aluno não é apenas o daquele que ensina.

A dinâmica transferencial atua em nível simbólico, permitindo relações não perceptíveis, mas tão profundas que se responsabilizam pela possibilidade de acontecer ou não a aprendizagem de certos “ensinamentos”.

A figura do professor passa a fazer parte do cenário inconsciente do aluno, recebendo uma significação própria e, a partir de então, esse só será escutado e entendido através desse lugar em que é colocado. Na verdade o professor servirá como uma forma, um objeto esvaziado do valor real que receberá significações através das transferências do aluno. Esse, com certeza, não é um lugar fácil de suportar, afinal, o professor também é um sujeito com angústias, desejos, ou seja, que tem vida própria.

Ironicamente o que mobilizou esse professor a ensinar é o desejo, o prazer de cuidar do outro. A motivação que ele sente no ofício de construir com o aprendiz, precisará ser renunciado por ele para assumir o lugar de transferência e,

assim, possibilitar que a sedução, a princípio dirigida a ele, caminhe para a aprendizagem de fato.

Teoricamente, parece fácil, mas estamos falando de indivíduos com sentimentos que passam por medo, angústia, frustração, desejo de se sentir valorizado, etc.

Os aspectos subjetivos que se instauram nessa relação são norteadores para o sucesso de aquisição de conhecimento. O valor que é dado pelos professores a esse processo de acolhida vai, *a posteriori*, ser determinante para a vida escolar do acadêmico. O ambiente acolhedor, evidentemente, provocará maior facilidade no estabelecimento da transferência.

Na relação professor-aluno, a transferência se produz quando o desejo do saber do aluno se liga a um elemento em particular que é a pessoa do professor.

Dessa forma, o conteúdo a ser ensinado, neste primeiro momento, deixará de ser o centro do processo e a figura do professor, sua significação para o aluno é que passará a ser a chave para o aprendizado.

Se um aluno, por alguma razão, consciente ou inconsciente, não se sente à vontade com determinado professor, não consegue autorizá-lo a lhe ensinar algo. Nesse caso o aprendiz, quando questionado sobre as dificuldades instaladas na aprendizagem, geralmente se fundamenta em questões como: não gostar do jeito do professor, da sua postura, da sua voz, etc..

Diante dessas situações, concomitantemente, haverá dificuldades em aprender conteúdos que emanam desse professor, de uma “fonte” não prazerosa, ainda que possam parecer interessantes ou necessários.

Nesse caso, o aluno pode ter transferido algo negativo para a figura do professor que passou a ocupar um lugar de recusa em sua psique, um lugar que nunca foi da pessoa real do professor; mas que, por alguma razão, esse passa a ocupar devido ao processo de transferência psicanalítica que o aluno instalou com o professor.

Conhecer-se melhor é uma boa opção, uma das propostas da psicanálise, para que o professor possa entender a dinâmica transferencial como parte do jogo simbólico da sedução e fundamental ao processo de ensino e aprendizagem. É importante que o professor conheça suas principais fragilidades e se disponha a reconhecê-las quando surgem.

O “poder” revela as pessoas, com o professor não é diferente, existem

aqueles que se deleitam com essa espontânea vontade do aprendiz de se deixar dominar; e, nesta linha de pensamento, a transferência poderia favorecer uma leitura reducionista nas relações inter-humana. Mas não é essa, sem dúvida, a proposta freudiana, razão pela qual faz-se necessário cada vez mais que o professor entenda este processo.

O que estamos sugerindo com isso? Exigir do educador um conhecimento da teoria freudiana como se impõe ao psicanalista? É óbvio que não, mas não se pode afastar a urgência dos operadores do conhecimento tomar ciência desses conceitos que a psicologia oferece. Nesse caso mais especificamente a psicanálise, objetivando somar na proposta de uma sólida construção de conhecimento, este processo deve acontecer dentro de um contexto de crescente amadurecimento profissional.

O amadurecimento profissional do professor se caracteriza por uma somatória do conhecimento da disciplina ministrada e do auto-conhecimento. Na ação educativa, assim como na clínica seja no agir, no falar ou no escutar, a postura acolhedora e ética, será o fundamento que norteará a intervenção eficaz.

Ela definirá os movimentos de ódio e amor em si ativados pelo aprendiz e destinados ao professor, o aluno frente a ele, o aluno que ele gostaria que o aprendiz fosse, o aluno e o filho que o professor foi um dia, e a criança que o professor gostaria de ter sido.

Trabalhar com a noção de transferência no contexto educacional é, sem dúvida, poder usufruir da intersubjetividade presente na relação para possibilitar que o sujeito se desprenda das alienações que o amarram e libertá-lo para a construção do conhecimento.

No ensino superior, as transferências de afeto também acontecem, ainda que de maneira mais camuflada, menos perceptível, em que o professor ocupa “lugares” na psique do aluno que, na maioria das vezes, não corresponde ao seu lugar na vida real.

Outro conceito psicanalítico que se faz necessário compreender para uma leitura mais elucidativa do processo é a contratransferência.

Contratransferência é compreendida por Freud como o “conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à “transferência deste” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 102), que, segundo Freud, seria um obstáculo à análise que deveria ser neutralizado e superado.

Na medida em que o profissional tenha identificado a relação entre o que o cliente faz com o que esse profissional sente, este pode fazer uma comparação com as influências que o cliente tem sobre outras pessoas na vida cotidiana, o que é um poderoso instrumento de atuação.

Dessa forma, é fundamental também que o terapeuta observe os próprios sentimentos em relação ao cliente, uma vez que tais sentimentos são subprodutos da interação que ocorre durante a sessão.

A contratransferência entendida no contexto escolar estará implicada nos conflitos existentes na relação do aluno criança, adolescente ou adulto continuamente.

Para que a conquista do conhecimento e para que o desenvolvimento intelectual ocorram de maneira plena, é necessário que o professor tenha a consciência de que a transferência é um processo comum, portanto, se faz necessário estar atento para não responder, contratransferencialmente, ao sentimento de enamoramento estabelecido pelo aprendiz a ele, professor. O enfrentamento dessa situação deve ocorrer com habilidade e sem se deixar levar pela atração do poder que, neste momento, o professor exerce sobre o aprendiz.

Alguns obstáculos, evidentemente, antepõem-se a essa relação na atualidade que vivemos até pelas mudanças e crises sociais que afetam a relação educativa, sobretudo nos setores sociais mais desfavorecidos que deixam o docente frustrado e confuso quando experimentam essa sensação que o magistério lhe oferece.

Se dificuldades existem para os professores do ensino fundamental e médio, na graduação, também os mesmos se fazem presentes e, não obstante, são bem mais complexos pela própria formação tecnicista do professor-profissional; não se esgotam, em sua natureza, na esfera didática, no domínio das habilidades, enfim, requer muitos estudos. Há que se considerar por outro lado que quando o professor consegue encantar o acadêmico por algum motivo e por caminhos que ele mesmo desconhece, este pulsar provoca uma agradável sensação no mestre.

O fascínio que o professor exerce sobre o aluno, neste caso, poderá ser usado como um dos únicos recursos que o alimentará no contexto educacional e aí poderá surgir até um motivo de orgulho do professor que, *a priori*, é o detentor do poder e provocar sua resistência em conduzir a transferência do aluno ao conhecimento.

Para Freud, todo movimento é fruto de uma oposição dualista, de um choque entre forças antagônicas, como se fosse uma eterna batalha do ganhar ou perder, na luta do bem contra o mal que cada ser humano trava dentro de si.

Freud propõe, para a educação, na medida em que essa leve em conta não só a realidade externa, mas também a realidade psíquica ou do desejo, abrir-se para a escuta do desejo e colocar-se como um terceiro na relação com o conhecimento, isso, sem dúvida, é um desafio para o professor.

A relação professor-aluno, sobretudo, não se sustenta só no patamar de acolhimento, é preciso que “esse primeiro momento seja superado: o aluno deverá caminhar da paixão transferência pelo professor para a paixão pelo conhecimento como diz Morgado (2002, p. 112).”.

Um dos aspectos motivadores deste estudo é que além do tema ser instigante, como são todas as questões que se referem ao ser humano, também há o interesse em conhecer e compreender melhor essas relações que nem sempre são muito claras e que se estabelecem num campo psicológico do quais os sujeitos envolvidos, ou seja, professor e aluno receberão ambos as gratificações e débitos advindos de anteriores construções relacionais.

Quanto mais o professor buscar se reconhecer no processo pedagógico, mais facilmente ele poderá lidar com as manifestações transferências e contratransferências em sala de aula, possibilitando o crescimento de seus alunos, assim como o próprio crescimento, por meio desse vínculo específico e necessário ao aprendizado significativo.

O assunto, apesar de muito interessante, não é fácil de ser estudado. Ao tentar analisar as peculiaridades do relacionamento professor-aluno abre-se um grande leque de possibilidades, pois coloca-se em foco uma relação entre seres humanos originais, constituídos por conteúdos conscientes e inconscientes, além do que não se pode deixar de lembrar, conforme citado anteriormente, que o professor não tem a formação do psicólogo no que tange aos conceitos abordados pela psicanálise.

A psicanálise aqui se direciona ao “ato educativo” que deve se diferenciar da pedagogia. Kupfer (2000) diz “não devemos confundir pedagogia com educação”, pois, “o trabalho em torno da conexão educação e psicanálise deve ser deixada de fora da pedagogia”.

Entender que a educação pode estar além das práticas pedagógicas é

um tema polêmico e sobretudo, a pesquisa não tem por objeto essa discussão mas compreender e lançar contribuições desta escola da psicologia, a psicanálise.

As práticas educacionais têm o poder de provocar um encontro entre o conhecimento e o indivíduo e desse encontro, onde se destrói, constrói, modifica e transforma pessoas através do aprendizado, repercute a cultura de um povo. Nesse sentido, o encontro desses dois protagonistas do processo professor e aluno, precisa acontecer numa esfera que envolva comprometimento, ou seja, o professor comprometido/envolvido apresenta as características necessárias ao trabalho docente.

### **2.3 O professor Comprometido**

Segundo Puig (2000), as capacidades de compreender, de questionar, de valorizar e de interessar-se pelos alunos e o que estiver relacionado a eles, representam as habilidades necessárias do profissional docente.

Essas características, de acordo com autor, permitirão evidentemente a aproximação entre professor-aluno e farão, conseqüentemente, com que o docente se aproxime e se envolva com o universo dos alunos. Em razão disso, as práticas educativas tornam-se , possibilidades concretas.

O artigo “Desvelando características do fazer docente: o bom professor e o mau professor” de Moretti (2007, p. 18) diz:

[...] O que faz um professor para receber o título de bom professor? Quem é o bom professor e como exerce seu trabalho? Como é a sua vida? Como escolheu ser professor? Como ele atua? É aceito pelos alunos? Ele consegue se relacionar bem com os alunos? São muitas as questões acerca da figura do professor [...].

O professor universitário que queremos é aquele que utiliza bons métodos ou aquele que se envolve, tem uma prática reflexiva?

Gadotti (2005, p. 17) ao questionar o que é ser professor na atualidade pondera que “ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade.”

A escola é essencialmente humana, talvez por essa razão os caminhos escolhidos por professores e alunos nem sempre conduzem a um processo de ensino-aprendizagem previsível, pois os operários dessa construção são mutáveis.

“Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.” (GADOTTI, 2005, p. 17).

Segundo Adamuz E Moretti (2000), o ato de ensinar motiva, traz satisfação, compensação. Entretanto, quando o professor se defronta com alunos que não conseguem "acompanhar", ou seja, desenvolver as habilidades que conduzam à aprendizagem eficaz, necessita de uma interação com outros colegas profissionais, para discutir e avaliar os problemas, a fim de desenvolver um trabalho efetivo.

Se os professores do ensino fundamental e médio, que estão sempre se deparando com a angústia dos alunos que não aprendem, são quase “induzidos” a consultar a literatura sobre propostas e estratégias de ensino e, em alguns momentos, sentem-se desconfortáveis, invadidos por tantos que se arriscam a traçar o seu perfil entre atributos de professor democrático, laissez-faire e autocrático, o professor universitário, ao contrário, se posiciona num pólo oposto que pressupõe isolamento, desinteresse.

Surghi (1999) pondera que existe a consideração e uma auto-consideração do docente universitário como alguém diferente do resto dos docentes, que se apóia no imaginário social da universidade e seus integrantes.

Na prática, o que vemos é que muitos docentes universitários vão ministrar aula, pela primeira vez, na universidade; alguns, inclusive, não pensavam na carreira docente, o que faz da prática docente um verdadeiro “tiro no escuro”.

Na universidade, pouco se sabe a respeito dos docentes, salvo evidentemente, aquilo que o credencia para ali estar, ou seja: os títulos.

As escolas de ensino superior, por sua vez, focalizam a formação do seu discente no mercado de trabalho, seguindo uma formação profissionalizante, técnica, o que, muitas vezes, acaba provocando um distanciamento entre os alunos e professores.

A metodologia mais usada no ensino superior ainda é a transmissão

oral dos conhecimentos em que o professor é considerado a maior fonte de informação, as salas de aula em geral são grandes com mais de cinquenta alunos.

Edelstein (1999) afirma que é comum docente universitário possuir uma “consciência prática”, relativa ao saber fazer, nem sempre interrogada de uma perspectiva pedagógica. Esse saber é vivido de forma natural e se sustenta nos processos de transmissão. Como os docentes podem discorrer sobre sua prática, descrevendo sua metodologia, sua avaliação, etc., sem realizar uma mediação teórica, pode estar aí a razão de docentes apontarem dificuldades para compreender o “discurso pedagógico”.

Batista e Batista (2002) apontam que discutir a formação do professor universitário é estar atento às exigências sociais e às circunstâncias históricas e contextuais em que se desenrola essa formação. É também trabalhar para a concretização de uma demanda historicamente construída: a necessidade do professor universitário reconhecer e assumir a docência como profissão.

Essa é uma discussão que emerge, assim como o investimento maior nessa área, sobretudo, esse estudo não tem a pretensão de levantar essa discussão, mas também não pode se omitir diante das informações que aqui forem coletadas, do contrário inútil seria essa investigação.

A idéia da participação efetiva na vida do aluno foi muito bem colocada por Paulo Freire “O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.” (FREIRE, 1996, p. 73).

É preciso que o professor fique atento a sua tarefa de apresentar condições favoráveis, por parte dos alunos, de conhecimentos profissionais e sociais tidos com relevantes, pois esses conhecimentos farão o diferencial na vida do aluno de hoje que será o profissional de amanhã.

Além do compromisso pessoal com o ensino o professor em qualquer as esferas que ministre aulas tem o compromisso social.

A esfera emocional do professor, que sempre foi vista com privativa e pessoal poderá ser melhor compreendida a partir do momento em que houver maior disponibilidade interna e cooperação dos envolvidos em sua compreensão.

Com esse entendimento, realizamos essa pesquisa e pretendemos, ao

final, apontar alguns caminhos que poderão contribuir para o melhor exercício do professor na arte de ensinar e do aluno no processo de aquisição de conhecimento.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta os passos metodológicos adotados. O estudo foi desenvolvido seguindo uma Pesquisa Campo descritiva, em seus aspectos quantitativos e qualitativos. Pesquisa de campo é a pesquisa em que se observa e coleta os dados, diretamente, no próprio local em que se deu o fato em estudo, caracterizando-se pelo contato direto com o mesmo, sem interferência do pesquisador, pois os dados são observados e coletados tal como ocorrem espontaneamente (LAKATOS; MARCONI, 1996, p. 75).

#### 3.1 Contextualizando a Amostra

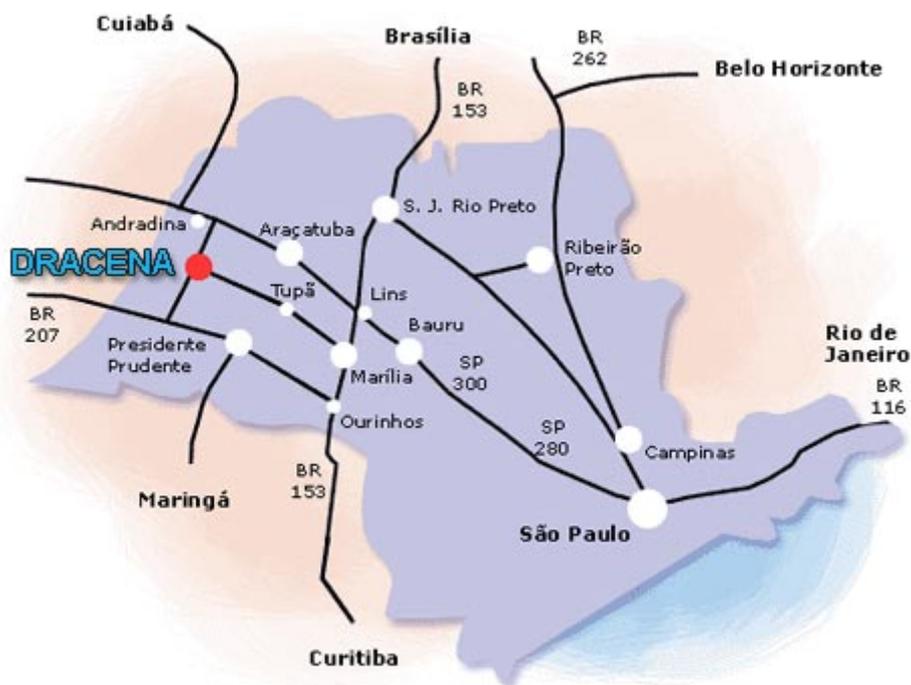


FIGURA 1 - Mapa do Estado de São Paulo

Fonte: site [www.dracena.sp.gov.br](http://www.dracena.sp.gov.br)

O município de Dracena fica no interior do estado de São Paulo. De acordo com a estimativa do IBGE-2007, apresenta uma área territorial de 488km<sup>2</sup>, dista 660 km da capital São Paulo, na região da Nova Alta Paulista, contando com uma população total de 42.000 (quarenta e dois mil) habitantes e 31.956 alfabetizados.

Integram o município três escolas de Ensino Superior que são pólos

micro regional, uma estadual e duas da iniciativa privada.

A Instituição onde se desenvolveu o estudo é denominada CESD- CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE DRACENA pertencente a REGES- REDE GONZAGA DE ENSINO SUPERIOR que oferece, no local, os seguintes cursos de graduação: Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Direito e Turismo situado em Dracena na Rodovia Byron Nogueira, km 0.

Surgiu em 1995, com o objetivo inicial de suprir o ensino superior de contabilidade e controladoria, através da promoção do ensino e da formação do profissional em Ciências Contábeis em Dracena nos municípios circunvizinhos. No ano de 1997, foi implantado o curso de Administração com habilitação em Gestão de Sistemas de Informação e, em seguida, Administração com habilitação em Gestão Marketing. O curso de Turismo foi implantado em 2001 e em 2002 foi ofertado a comunidade o curso de Direito.

Os alunos que compõem o corpo discente são da cidade de Dracena e de municípios vizinhos, os participantes da pesquisa freqüentam o período noturno (Tabela 1 e 2).

O corpo docente total é composto por 85(oitenta e cinco) professores especialistas, mestres e doutores de diferentes formações e o corpo discente por 1010 alunos de graduação (Tabela 2).

Os quatro cursos foram convidados a participar do estudo sendo que o curso de Administração não manifestou interesse, a amostra então foi composta com alunos e professores dos cursos de: Ciências Contábeis, Direito e Turismo dividida em duas categorias: discentes (Tabela 1 e 2) e docentes (Tabela 3).

TABELA 1 - Amostra discente

<b>Cursos Investigados</b>	<b>Ciências Contábeis</b>	<b>Direito</b>	<b>Turismo</b>	<b>Total Geral</b>
Total parcial de alunos	227	349	36	629
Participantes do Estudo	27	39	16	81

Fonte: O autor

### 3.2 O corpo Discente Investigado

A escolha dos alunos objetivando caracterizar o grupo investigado seguiu o critério aleatório. No primeiro momento foram sorteados 10% dos alunos de cada termo dos respectivos cursos e esses convidados, depois foi estendido o convite a outros, até 5% dos alunos .

Como o estudo deste tipo envolve a motivação dos seus atores, e respeitando as regras descritas no termo de consentimento livre, todos os sorteados foram indagados sobre disponibilidade em participar e todos os sorteados aceitaram o convite.

Foi feita uma exceção ao Curso de Turismo que emergiu uma amostragem de 20 alunos em razão do pequeno número de discentes que integram o curso, portanto neste grupo trabalhamos com uma amostragem de dezesseis alunos que representam 44.44% .

TABELA 2 - amostra do número de alunos por curso, respectivos termos e dos participantes do estudo

<b>Grupo A - CIÊNCIAS CONTÁBEIS:</b> 227(duzentos vinte e sete) alunos do Curso de Ciências Contábeis distribuídos da seguinte forma						
Termos	2º termo	4º termo	6º termo	8º. termo	total	
Alunos matriculados	60	60	60	47	227	
Alunos participantes	08	08	06	05	27	
<b>Grupo B – DIREITO:</b> 374(trezentos setenta e quatro) alunos do Curso de Direito, distribuídos da seguinte forma:						
Termos	2ºtermo	4ºtermo	6ºtermo	8º termo	10ºtermo	total
Alunos matriculados	97	68	70	67	72	374
Alunos participantes	10	07	07	07	08	39
<b>Grupo C – TURISMO:</b> 36(trinta e seis) alunos do Curso de Turismo distribuídos da seguinte foram:						
Termos	4º termo	6º termo	8º termo	total		
Alunos matriculados	06	10	20	36		
Alunos participantes	04	04	08	16		

Fonte: O autor

### 3.3. O Corpo Docente Investigado

TABELA 3 - Amostra docente

<b>Cursos Investigados</b>	<b>Ciências Contábeis</b>	<b>Direito</b>	<b>Turismo</b>	<b>Total Geral</b>
Total parcial de Professores	26	27	15	68
Participantes do Estudo	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>09</b>	<b>42</b>

Fonte: O autor

### 3.4 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

O Estudo obedeceu às seguintes fases:

1. Apresentação da proposta e solicitação de autorização à Direção do CESD (Apêndice A)
2. Explanação acerca das contribuições sociais e acadêmicas do estudo, durabilidade e os passos a serem percorridos até o final.
3. Autorização e consentimento dos participantes, ou seja, os professores e alunos sorteados que aceitaram participar (sujeitos do estudo) através do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B) que depois de lido e assinado possibilitou a utilização e a divulgação dos resultados obtidos.
4. Elaboração e aplicação dos questionários para alunos (Apêndice C) e professores (Apêndice D).
5. Análise dos dados coletados nos aspectos quantitativo e qualitativo dos questionários à luz dos teóricos que nortearam a pesquisa.
6. Foi realizada uma entrevista com professores que foram citados nominalmente pelos alunos nos questionários, perfazendo um total de 03 professores\*.
7. No interior da epistemologia que orientou a pesquisa, o critério de representatividade estatística não foi respeitado para a escolha dos sujeitos, foi aleatória\*

---

\* Ginzburg (1987) pesquisou um único indivíduo como representante de um período histórico e de uma classe social para investigar as relações entre cultura popular e cultura erudita na Idade Média. A partir de documentos disponíveis sobre o processo sofrido por um moleiro durante a Inquisição e de informações sobre o que ele leu, além de seus depoimentos, o autor analisa como um moleiro articulou linguagens que estavam historicamente a sua disposição. O historiador mostra em seu estudo com um indivíduo pode ser pesquisado como microcosmo de um estrato social num determinado período histórico, pois o universal está contido no particular, até mesmo nos casos atípicos, como deste moleiro herege.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos aqui os gráficos com respostas parciais dos acadêmicos, os demais questionários estão disponibilizados no final deste estudo, em apêndice.

A partir das informações obtidas, foi possível identificar alguns elementos que entendemos como significativos para análise e discussão. Dessa forma, apenas com finalidade didática aqui serão expostas as informações formatadas graficamente em dois conjuntos de três grupos (A,B,C) para alunos e (A1,B1,C1 ) para professores.

Utilizamos essa divisão em categorias grupais a fim de preservar a identidade dos participantes, além das referências por letras ainda foi necessário recorrer a números que variam de acordo a amostra.

Portanto, quando apresentadas as respostas explicativas, surgirão as letras e os dígitos:

A para alunos de Ciências Contábeis (CC)

A1 para professores de Ciências Contábeis (CC)

B para alunos de Direito (D)

B1 para professores de Direito(D)

C para alunos de Turismo (T)

C1 para professores de Turismo (T)

Incluímos o elemento visual com facilitador da compreensão além das letras dos dados coletados que foram aqui reproduzidos, na íntegra, de acordo com as repostas apresentadas por seus sujeitos (alunos e professores).

Posteriormente, será feita uma discussão dos dados qualitativos.

## 4.1 Dos Questionários Aplicados aos Alunos

Apresentaremos aqui os resultados dos grupos de alunos:

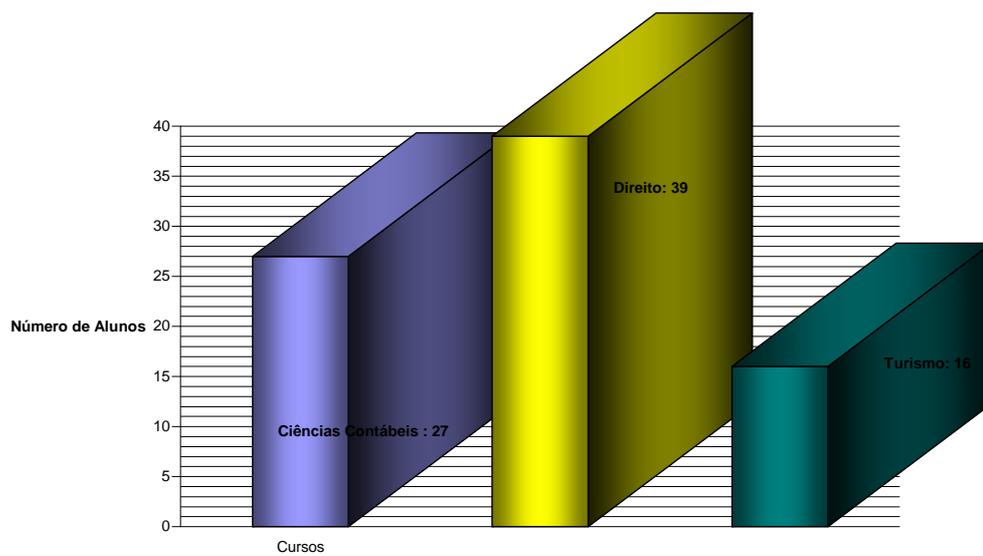
TABELA 4 – Grupo de alunos

GRUPO	Alunos
A	Ciências Contábeis
B	Direito
C	Turismo

Fonte: O autor

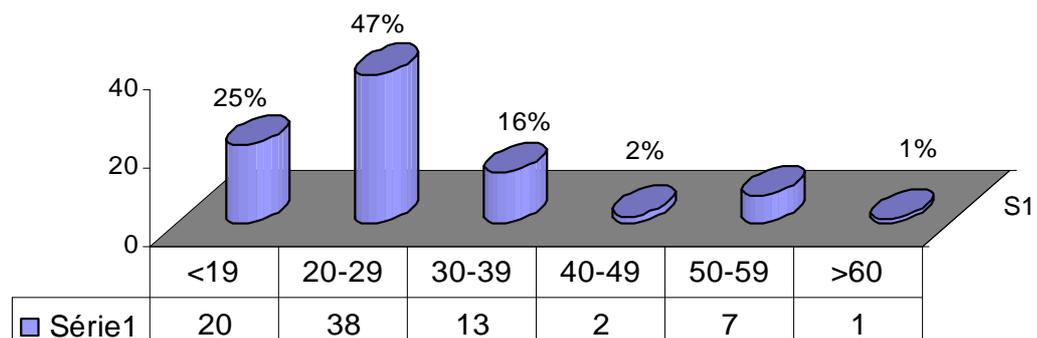
Foram entrevistados 82 alunos distribuídos conforme o gráfico 1 aponta.

GRÁFICO 1 – Total dos Alunos Entrevistados



Fonte: O autor

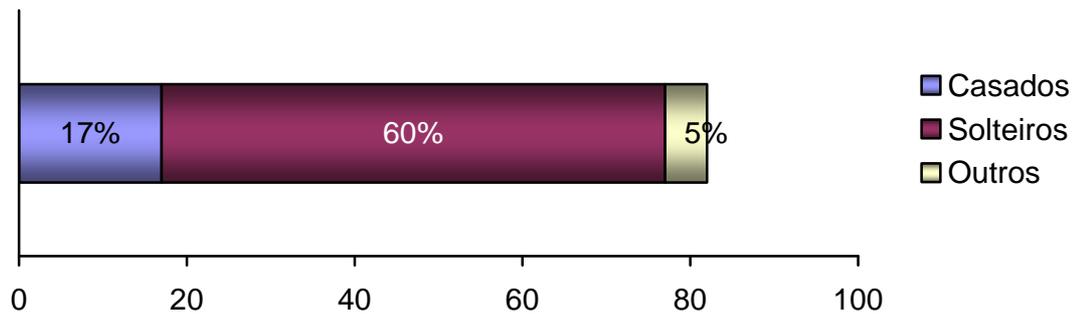
GRÁFICO 2 - faixa etária dos alunos entrevistados



Fonte: O autor

Segue a disponibilização de dados a cerca do estado civil dos alunos entrevistados

GRÁFICO 3 - Estado civil dos alunos



Fonte: O autor

- Alunos com formação universitária anterior: 10

#### Instituições e cursos:

QUADRO 1 - Formação universitária anterior ao atual curso

Curso	Instituição	Número de Alunos
Artes	UNIFADRA/FUNDEC– Dracena SP	1
Ciências Biológicas	FAI – Adamantina SP	1
Direito	FADAP – Tupã SP	1
Letras	UNIFADRA/FUNDEC – Dracena SP	4
Pedagogia	UNIFADRA/FUNDEC – Dracena SP	2
Pedagogia	Faculdade não especificada	1
Matemática	UNIFADRA/FUNDEC – Dracena SP	1

Fonte: O autor

Em seguida, investigaremos o conhecimento do aluno quanto ao perfil do curso:

---

Nota: 02 Alunos fizeram mais de um curso superior anteriormente, por essa razão o total de cursos citados é igual a 12.

TABELA 5 - Conhecimento dos alunos sobre projeto pedagógico

Conhecem:	Numero de alunos	Porcentagem	Conheceram	Número de alunos	Porcentagem
Bem	09	10.97%	Através do coordenador.	22	26.82%
Razoavelmente	43	52.43%	Por professores do curso.	19	23.17%
Não conhecem	27	32.92%	Pelo site da faculdade.	14	17.07%
Não responderam	03	3.58%	Não responderam	27	32.92%

Fonte: O Autor

TABELA 6 – Opinião dos alunos sobre currículo do curso

O currículo do curso em relação à formação profissional			As disciplinas inseridas no currículo em relação ao exercício profissional		
Adequado á realidade do aluno	45	54.87%	adequadas	44	53.65%
Pouco adequado a realidade do aluno	27	32.92%	inadequadas	08	9.75%
Totalmente inadequado à realidade do aluno	0	0%	Nem todas adequadas	16	19.51%
Não responderam	10	12.19%	Não sei responder	14	17.07%

Fonte: O Autor

Apontamos aqui algumas falas dos alunos com relação às Tabelas 5 e 6 :

-- “Considero que nem todas são adequadas, pois Metodologia por exemplo, não vou sair da faculdade e fazer trabalhos onde preciso usar padrões para fazer um trabalho, filosofia também o que vai mudar se eu fazer ou não no curso, é complexo mas alguém acha que você vai mudar seu comportamento estudando filosofia quando você for contador de uma empresa, você tinha que estudar filosofia a partir dos 3 meses de idade ai sim poderia adiantar.”

-- “Porque eu acredito que tem certas coisas que aparentemente não são tão importantes e outras julgadas sem importância que tem uma grande importância no contexto social para o Curso de Direito.”

As tabelas 5 e 6 revelam que apenas 10.97% dos alunos conhecem bem o projeto pedagógico de seus respectivos cursos e, que a grande maioria dos alunos não têm domínio sobre o assunto, pois quem conhece **razoavelmente**, caso de 52.43% dos respondentes, muito mais se aproxima do desconhecimento pelo inseguro domínio que a dúvida suscita, do que do conhecimento da proposta que traz o benefício da segurança.

A organização curricular é fundamentada em uma visão interdisciplinar de competências que objetiva proporcionar ao acadêmico uma visão globalizada da atuação profissional. Segundo os dizeres do site da faculdade, acessado em 07/10/2007, o perfil de profissional desejado é aquele com “capacidade para pensar globalmente e agir localmente, buscando informações úteis em todos os setores que podem contribuir para o avanço da profissão contábil.”

Sabe-se que o processo da interdisciplinaridade é fundamentado na articulação das disciplinas e procura evitar a abordagem isolada de tópicos compartimentalizados.

Os cursos do CESD se fundamentam em cima de uma proposta interdisciplinar, uma dimensão pedagogia científica que se traduz em capacidade de seus atores em lidar com conceitos, construí-los, desconstruí-los e reconstruí-los de diversas formas e junto com outras disciplinas.

A interdisciplinaridade, no ensino superior, tem sido objeto de longa discussão.

Em 1971, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo implantou a proposta através do Ciclo Básico como uma proposta de reforma universitária.

A proposta inspirou várias dissertações de mestrado, dentre elas destacamos a de Masetto intitulada “A relação professor-aluno na proposta educacional do primeiro ciclo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para as áreas de ciências e educação”. (MASETTO, 1975)

O trabalho de Masetto (1975), realizado na área de psicologia educacional é direcionado a duas espécies de análises: da orientação do aluno e do papel do professor na proposta educacional de uma instituição específica, aponta meios de melhorar um modelo educacional.

Observamos em nossa pesquisa que o grupo de alunos entrevistados não tem a visão da interdisciplinaridade, parece que tampouco conhecem os seus princípios.

É importante que os alunos conheçam a proposta, pois isso facilita compreensão de quais habilidades e competências são necessárias para o desempenho da profissão e deixa claro a razão da presença de algumas disciplinas que para alguns, não justifica estarem presentes no currículo como foi apontado.

A interdisciplinaridade implica numa “axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definidas no nível hierárquico imediatamente superior, o que

introduz a noção de finalidade” (JAPIASSU, 1976, p. 64.)

Um projeto interdisciplinar incorpora resultados de várias especialidades e toma, de empréstimo, conceitos de outras disciplinas a fim de fazê-las integradas e convergentes.

È sem dúvida, uma proposta bem fundamentada, interessante que comprovadamente traz benefícios ao ensino superior, sobretudo o mal uso pode provocar a interpretação errônea da proposta ou usando o dizer de Fazenda (2001, p. 56) “muitos dizem que fazem”, “mas poucos os fazem de forma consciente”.

O currículo dos cursos incorpora diversos saberes como sociologia, filosofia, português, psicologia, conhecimentos relacionados ao saber cultural generalizado do acadêmico.

Nessa articulação das disciplinas, o conhecimento de suas propostas conjuntas se formaliza, colaborando para a construção de identidades e favorece a autonomia dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Com um melhor conhecimento das propostas disciplinares e da razão da sua inserção no currículo, os acadêmicos poderão ter melhor compreensão das disciplinas existentes no currículo (tabela 6).

Muito embora 54.87% dos alunos tenham assinalado que consideram como “adequadas” as disciplinas nele inseridas, observou-se que grande parte dos entrevistados não tem uma visão globalizada dos cursos que é a proposta pedagógica de todos os cursos pesquisados.

Isso nos dá um indício de leitura que as dificuldades em execução, se voltam-se mais uma vez para os aspectos que a construção coletiva propõe, ou seja, a sensibilização dos envolvidos, no contexto universitário, isso se esbarra em diversos obstáculos de ordem “epistemológica, institucional, psicossocial e cultural “ como cita Japiassú (1976, p. 94).

Nas questões subseqüentes procuramos estabelecer uma relação da disciplina ministrada com o professor, por essa razão esclarecemos as disciplinas que são ministradas nos respectivos cursos em forma de tabela, aqui identificada por Tabela 7A, 7B e 7C.

TABELA 7A – Grade curricular do curso de Ciências Contábeis

Teorias da Administração	Matemática Financeira
Gestão de Negócios	Gestão de Custos
Contabilidade	Estatística
Economia	Legislação Social
Filosofia	Métodos e Técnicas de Pesquisa
Gestão de Custos	Marketing
Estatística	Gestão de Pessoas
Legislação Social	Informática
Métodos e Técnicas de Pesquisa	Finanças
Marketing	Contabilidade comercial
Contab. Agrícola e Pecuária	Contabilidade Gerencial
Contab. Fiscal e Planej. Tributário	Contabilidade Internacional
Contabilidade Pública	Controladoria
Direito Tributário	Métodos Quantitativos
Direito Empresarial	Perícia Contábil
Sistemas de Informação	Teoria da Contabilidade
Análise das Demonstrações Financeira	Noções de Cálculos Atuariais
Auditoria Contábil	Laboratório Contábil
Contabilidade Avançada	

Fonte: o Autor

TABELA 7B – Grade curricular do curso de Direito

Ciência Política e Teoria do Estado	Teoria Geral do Processo
Introdução ao Estudo do Direito	Direito Processual Civil
Direito Civil	Direito do Trabalho
Direito Constitucional	Direito Empresarial
Economia	Direito Administrativo
Sociologia Geral e Antropologia	Direito Internacional
Sociologia Jurídica	Direito Processual do Trabalho
História do Direito	Direito Processual Penal
Metodologia em Pesquisa Jurídica	Direito Agrário
Teoria Geral do Direito	Direito Ambiental e Urbanístico
Direito Comercial	Direito Financeiro e Tributário
Filosofia Geral	Direito Previdenciário
Filosofia Jurídica	Direito Consumidor
Direito Penal	Psicologia

Fonte: o Autor

TABELA 7C - Grade curricular do curso de Turismo

Teorias de Administração	Transportes
Contabilidade	Geografia Geral
Economia	História
Filosofia	História da Cultura
Ética Empresarial	Métodos e Técnicas de Pesquisa
Teorias do Turismo	Alimentos e Bebidas
Direito	Organização de Eventos
Sociologia	Projetos Turísticos
Psicologia	Lazer e Recreação
Português	Patrimônio Turístico Natural
Matemática Financeira	Marketing Turístico
Estatística	Língua Espanhola
Língua Inglesa	Planejamento e Organização do Turismo
Meios de Hospedagem	Geografia do Brasil
Agências de Viagem e Turismo	Geografia do Brasil

Fonte: o Autor

**De todas as disciplinas ministradas em seu Curso até agora de qual ou quais você mais gosta, ou gostou? (questão 5 - Apêndice C)**

**TABELA 8 - Disciplinas diretamente relacionadas ao exercício profissional futuro e Indicadas como preferidas pelos alunos**

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>NÚMERO DE ALUNOS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Contabilidade Geral (A)	08	29.62%
Contabilidade Fiscal e Planejamento Tributário (A)	05	18.51%
Contabilidade de Custos (A)	04	14.81%
Contabilidade Pública (A)	02	7.40%
Análise das Demonstrações Financeiras (A)	02	7.40%
Contabilidade Comercial (A)	01	3.70%
Direito Civil (B)	14	35.89%
Direito Penal (B)	05	12.82%
Direito Processual Penal (B)	04	10.25%
Direito Processual Civil (B)	03	7.89%
Direito Previdenciário (B)	01	2.56%
Legislação Extravagante (B)	01	2.56%
Alimentos e Bebidas (C)	08	50%
Eventos (C)	06	37.50%
Planejamento Turístico (C)	02	12.50%

Fonte: o Autor

TABELA 9 – Disciplinas parcialmente relacionadas ao exercício profissional futuro e indicadas como preferidas pelos alunos

DISCIPLINAS	NÚMERO DE ALUNOS	PORCENTAGEM
Matemática Financeira (A)	08	29.62%
Direito (A)	07	22.22%
Economia (A)	04	14.81%
Teorias da Administração (A)	01	3.70%
Métodos e Técnicas de Pesquisa (B)	01	2.56%
Antropologia e Sociologia (B)	01	2.56%
Sociologia (C)	01	6.25%

Fonte: o Autor

TABELA 10 – Disciplinas consideradas complementares ao exercício profissional e indicadas como preferidas pelos alunos

DISCIPLINAS	NÚMERO DE ALUNOS	PORCENTAGEM
Psicologia (A)	07	22.22%
Sociologia (A)	07	22.22%
Filosofia (A)	01	3.70%
Português (A)	01	3.70%

Fonte: o Autor

Disciplinas diretamente relacionadas ao exercício profissional e a quantidade de alunos que indicaram como de sua preferência:

Em Ciências Contábeis, 22 alunos tiveram como preferencial disciplinas diretamente relacionadas ao seu curso. No curso de Direito, 30 alunos, e no curso de Turismo, 15 alunos.

---

\* Nota: O cálculo da porcentagem foi feito em relação a amostra do respectivo curso. Em parêntese a anotação do respectivo curso segundo a Tabela 4.

Disciplinas parcialmente relacionadas ao exercício profissional indicadas como preferenciais pelos alunos:

Em Ciências Contábeis, 19 alunos, escolheram como preferência disciplinas parcialmente relacionadas ao curso. No curso de Direito, 02 alunos, e no curso de Turismo nenhuma disciplina.

Em Ciências Contábeis 16 alunos escolheram como preferência disciplinas complementares ao curso. No curso de Direito, nenhuma disciplina complementar foi escolhida e no curso de Turismo 01 disciplina.

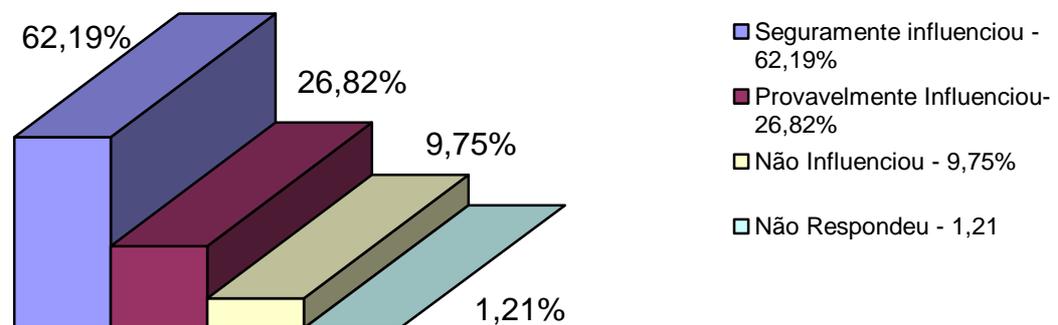
Observamos que algumas disciplinas consideradas como complementares ao curso, por não fazerem parte do eixo principal das disciplinas como psicologia e sociologia, receberam votação dos alunos da mesma forma que disciplinas relacionadas à contabilidade que são fundamentais ao curso.

A disciplina Sociologia foi citada em todos os cursos, vale esclarecer que é ministrada pela mesma professora.

### **Sobre disciplina(s) que você apontou acima, você acredita que o professor influenciou na sua preferência (Questão 6 – Apêndice C)**

Como o aluno vê a relação dele com o professor da disciplina escolhida está representado no gráfico 4 da seguinte forma:

GRÁFICO 4 – Sobre a influência do professor na escolha do aluno



Fonte: O autor

Vejamos algumas falas dos alunos:

-- "Sim pelo conhecimento do conteúdo, pela paixão que demonstra

pela matéria, que ensina.”

-- “Ele lhe passa segurança e lhe faz acreditar que aprender é possível.”

A maioria dos alunos respondentes (89.01%) considera que o professor influenciou-lhe na escolha, sendo que 62.19% estão convencidos disso quando escolhem o quesito “seguramente” e 26.82% afirmam que “provavelmente” o professor influenciou. Apenas 9.75% dos alunos acreditam que o professor não influenciou.

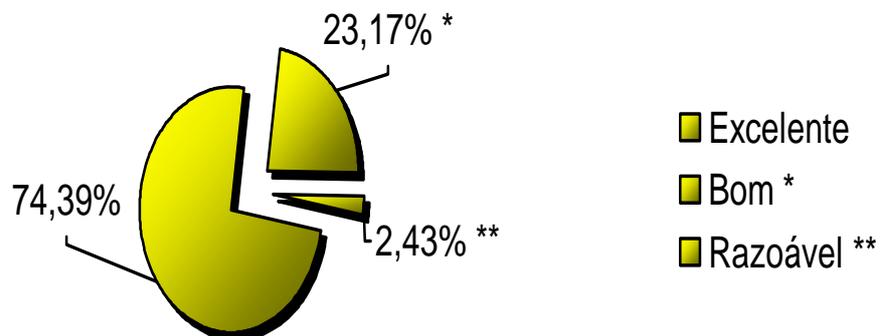
As respostas apontam a influência do professor e as justificativas se fundamentam em evidências afetivas que surgem no processo e como esse aspecto é percebido pelo aluno.

As falas acima corroboram a idéia da figura do professor, daquilo que ele transmite para o aluno que transcende a barreira do conhecimento e se instala no contexto relacional.

### **Você considera que o professor da disciplina escolhida é um professor: (Questão 7 – Apêndice C)**

As respostas dos alunos seguem representadas no gráfico 5:

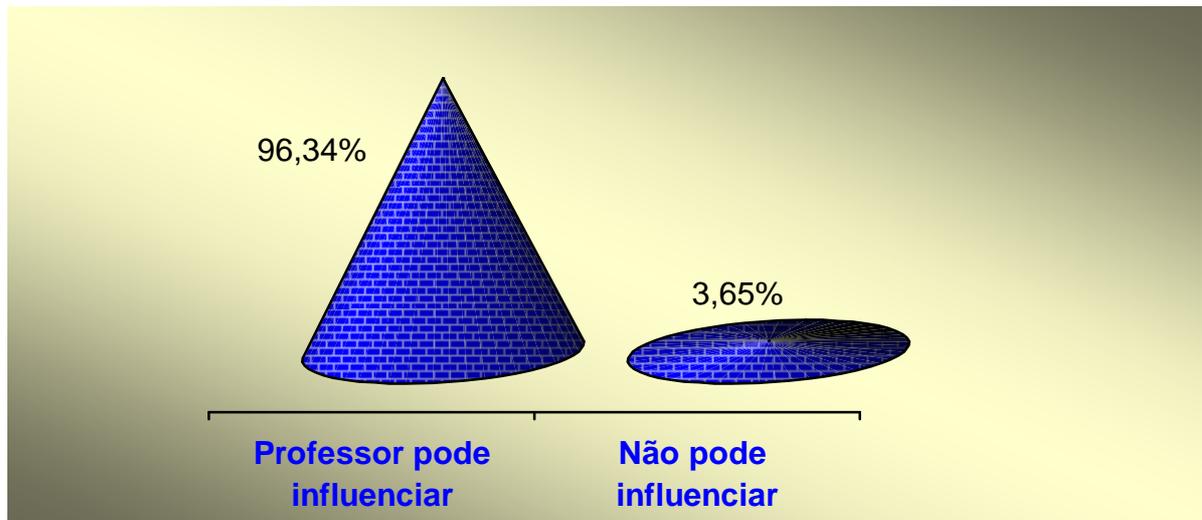
GRÁFICO 5- Como o aluno percebe o professor da disciplina de sua preferência



Fonte: o Autor

### **Você acredita que em geral o professor pode influenciar o aluno a gostar de uma disciplina? (Questão 8 – Apêndice C)**

## QUADRO 2 - A influência geral do professor sobre o aluno



Fonte: o Autor

Citamos aqui algumas justificativas para a questão 8 apontadas pelos acadêmicos:

-- "Acredito que o método, a qualificação o carisma, influenciam muito no aprendizado do aluno. Um professor alegre, simpático consegue com sua simpatia e sua qualificação fazer o aluno entender a matéria ( difícil) com mais facilidade."

-- "Logicamente, pois é através do conhecimento que estamos adquirindo que seremos bons profissionais se não conseguirmos absorver informações precisas, teremos nosso futuro profissional com falhas e dificuldades, isso só conseguiremos obter com ajuda de um bom professor através de aulas dinâmicas precisas, na verdade um professor tem que ter uma forma diferente de aula que realmente prenda a atenção dos alunos".

-- "Sim. O professor poderá influenciar diretamente o aluno a gostar de uma disciplina na medida em que ele (professor) adota uma postura consciente no desempenho de seu papel como educador, com o domínio do conhecimento e a sua transmissão, aliados a uma didática eficiente de maneira a convencer o aluno da importância do aprendizado e ainda, despertar nesse aluno um interesse especial pela disciplina".

-- "Quando um professor é dedicado ele influencia seu aluno até a

mudar sua visão do trabalho, ou seja, o aluno acaba vendo as coisas com mais seriedade.”

As respostas dos alunos deixam evidente a importância da sedução no processo de ensinar. Embora os alunos não usem essa palavra eles nos levam a visualizar a existência deste fato, que se sustenta no desejo de que o professor o faz despertar.

Despertar o desejo, pelo saber, no aprendiz é auge que o professor pode almejar no processo educacional e isso está presente no processo transferencial.

Nas respostas abaixo, aparece a questão da autoridade do professor colocando-o num ponto de direcionador do processo.

-- “Porque quem projeta a aula é ele, então depende da maneira com que administra seus recursos para o aluno gostar ou não.”

-- “Sim. Porque o professor é o verdadeiro norteador e moderador entre o aluno e a disciplina.”

“Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial.” (KUPFER, 2005, p. 85).

Não se pode confundir autoridade com a visão despota de autoritarismo, mas a autoridade aqui aparece como salutar e eficaz na construção do conhecimento, pois ela se vincula à conquista da autonomia .

È preciso que o professor saiba usar essa autoridade, inclusive, utilizando-se de recursos diferenciados, mas com o mesmo objetivo que é seduzir o aluno para a construção do conhecimento, vejamos a fala de alguns acadêmicos de turismo:

-- “O bom professor sempre pode influenciar o aluno, porque se ele for gente boa a aula dele também vai fluir num clima legal.”

-- “Pela forma com passa a matéria, ele pode envolver o aluno”.

-- “Pessoas boas sempre influenciam para o bem, o bom professor também pode influenciar.”

As repostas novamente revelam a sedução e a autoridade que o professor exerce, muito embora, nas falas acima registradas, observe-se uma característica mais informal, um vocabulário diferenciado dos outros alunos, pois usam de uma dialógica própria para o acadêmico de turismo, que exige do aluno muito mais articulação na comunicação oral que escrita, mas isso não impede uma leitura do contexto relacional; pois, ao serem questionados sobre a influência do

professor, fundamentam na afetividade sua resposta.

Ao contrário destes, algumas falas dos acadêmicos de Direito, vêm carregada de características emocionais no ato de ensinar, sobretudo revestidas do mecanismo de defesa do ego que Freud chamou de “racionalização”. Esse processo mental é usado para colocar “o ego a serviço do irracional” (BOCK, 2001, p. 79). Nesse caso, o envolvimento afetivo se reveste de uma lógica bem elaborada por seu autor. Vejamos as falas que assim se revelam:

-- “Em nossas vidas somos sempre influenciados e influenciados em todas as circunstâncias, um advogado deverá ter o domínio disso, portanto se ele é um bom profissional deve ter a capacidade de influenciar um aluno assim como um pai ou uma mãe ou um amigo querido.”

-- “Não acontece comigo, mas vejo várias pessoas que são gostam da disciplina porque o professor é muito bom, então eu diria que isso é possível, digo mais é freqüente.”

-- “Eu acredito que sim, pois nas Ciências Jurídicas o poder de persuasão das pessoas ajudam muito na profissão, portanto aquele professor que tem uma boa eloqüência, tem pensamentos claros e bem fundamentados vai exercer um verdadeiro fascínio sobre seu aluno e muitas vezes vai confundir a pessoa que ensina com o que é ensinado”.

-- “Sim é a lei da vida um influencia o outro e o bom professor evidentemente vai saber fazer uso disso para dar e tirar o melhor de seu aluno.”

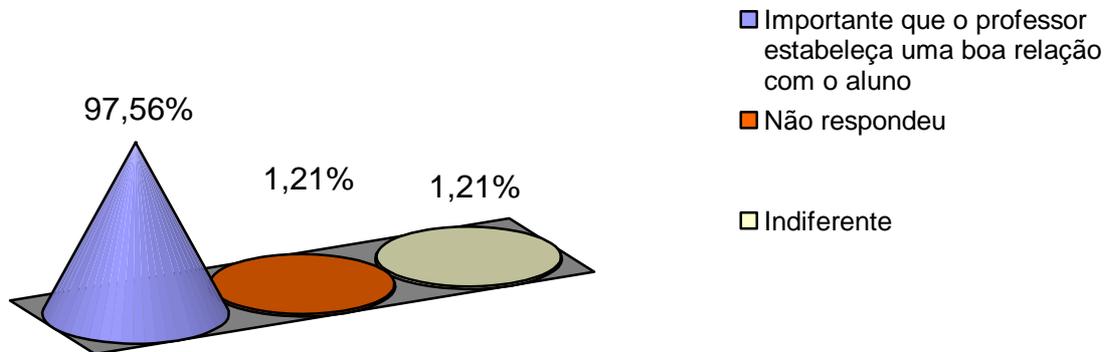
**Em sua opinião é importante que o professor estabeleça uma boa relação com os alunos para que se construa o conhecimento profissional? (Questão 9 – apêndice C).**

As respostas dos alunos seguem representadas no gráfico 6.

---

\* Racionalização é uma forma de substituir por boas razões uma determinada conduta que exija explicações, de um modo geral, da parte de quem a adota ( LAPLANCHE & PONTALIS,,2000).

GRÁFICO 6- Opinião do grupo A sobre a importância da relação professor / aluno para a construção do conhecimento.



Fonte: o Autor

#### Justificativas dos alunos para a questão 9 (gráfico 6)

-- “Eu acredito que sim, pois se o aluno não tiver uma relação agradável com seu professor, ele não terá muito interesse em assistir à aula, a relação professor e aluno é essencial para o nosso futuro profissional, pois através dele que conheceremos um pouco da profissão, a qual escolhemos”.

-- “Porque o aluno sempre vai ter seu professor como um mestre, no qual ele vai querer se espelhar para ser um ótimo profissional.”

-- “Sim, porque o professor é formado, é experiente e ele sempre vai ser o espelho do aluno, conseqüentemente sua disciplina também, se tiver um bom relacionamento, ele vai mostrar não só conhecimento, mas como sua disciplina é importante também.”

-- “De um bom relacionamento entre aluno e professor advêm condições propícias estabelecendo vínculos favoráveis a uma maturação de idéias e ideais que conduzem o aluno a refletir sobre sua escolha no âmbito profissional”.

Ao responderem sobre a importância do vínculo, verificou-se nas justificativas que os alunos abordam o acolhimento pelo professor e como ele transita no universo “transferencial”.

Nas palavras dos alunos, vemos emergir o princípio da transferência de Freud atribuindo um sentido especial à figura determinada pelo desejo (o professor) tornando-se este depositários de algo que pertence ao aluno.

**Alguns professores iniciam suas aulas com um resumo daquilo que foi visto na aula anterior, tal resumo é: (Questão 10 – Apêndice C)**

QUADRO 3 – Resumo da aula anterior

Importante para mim.	41	50%
De pouca importância para mim.	05	6.07%
Dispensável para mim.	03	2.65%
Nenhum dos meus professores usa essa prática.	04	4.87%
Nenhum dos meus professores usa dessa prática mas gostaria que usassem.	0	0%
Alguns professores usam essa prática, mas seria mais útil se todos usassem.	22	26.82%

Fonte: o Autor

Essa questão não foi contemplada diretamente na análise de nosso estudo, sobretudo ela serve de complementação para compreensão da relação professor x aluno, em especial, porque entendemos que, ao interagir com o aluno, o professor, refazendo um breve resumo da aula anterior, reafirma seu papel de mediador na construção do conhecimento e esse ato ressoa afetivamente no cuidado e na comunicação com o aluno.

No tópico abaixo, optamos por elencar todas as características eleitas pelos alunos em função da escolha dos mesmos sobre o perfil do professor adequado que entendemos se assemelham ao conceito de “bom professor”.

**Quais das características abaixo você considera de um professor adequado (Questão 11 - Apêndice C)**

TABELA 11- Características do bom professor aos olhos do aluno

<i>Características</i>	<i>Número de alunos</i>	<i>%</i>
<i>Aquele que tem domínio dos conteúdos da disciplina ministrada</i>	51	62.19%
<i>Aquele que olha para o aluno quando fala com ele</i>	40	48.78%
<i>Aquele que, se tiver dúvida sobre um assunto referente a disciplina ministrada, pesquisa e esclarece para o aluno oportunamente.</i>	38	46.34%
<i>Aquele que solicita atividade extra-classe, pois essa é uma maneira do aluno aprender mais, apesar do pouco tempo que tem para fazê-la.</i>	31	37.80%
<i>Aquele que, quando o aluno está causando algum transtorno, chama a atenção do aluno (dá bronca).</i>	29	35.36%
<i>Aquele que fala dos mais diferentes tipos de assuntos abordados pelos alunos de importante relevância social ou profissional.</i>	27	32.92%
<i>Aquele que oferece um atendimento extra-classe para que o aluno construa o conhecimento.</i>	27	32.92%
<i>Aquele que usa de vários recursos didáticos pedagógicos.</i>	27	32.92%
<i>Aquele que é exigente quanto ao comportamento participativo do aluno em sala.</i>	24	29.26%
<i>Aquele que é exigente quanto ao desempenho do aluno</i>	23	28.04%
<i>Aquele que é exigente quanto a frequência do aluno</i>	20	24.39%
<i>Aquele que é pontual</i>	19	23.17%
<i>Aquele que é assíduo</i>	19	23.17%
<i>Aquele que adapta os métodos de trabalho às características da turma.</i>	16	19.51%
<i>.Aquele que fala dos mais diferentes tipos de assuntos abordados pelos alunos sem necessariamente ter relevância social ou profissional.</i>	11	13.41%
<i>Aquele que frequenta as festas acadêmicas.</i>	05	6.09%
<i>Aquele que não solicita nenhuma atividade extra-classe.</i>	02	2.43%
<i>Aquele que não dá “bronca” no aluno sob nenhuma hipótese.</i>	02	2.43%
<i>Aquele que não exige nada do aluno, deixa-o à vontade, pois um aluno universitário deve saber o que é importante para o seu conhecimento.</i>	0	0%
<i>Aquele que não ministra aula quando os alunos pedem.</i>	0	0%

Fonte: o Autor

Antes de discutirmos o conceito de “bom professor”, fazemos algumas considerações quanto ao número de respondentes dessa questão. No primeiro quesito, 62.19% dos alunos apontaram o domínio do conteúdo da disciplina como fator preponderante para considerar um professor adequado, o que coloca mais uma

vez que o professor como o elo na construção do conhecimento do aluno.

O segundo quesito de importância na escolha dos alunos é o “olhar” do professor para o aluno, escolhido por 48.78% dos entrevistados. Freud chama isso de “processo de transformação da pulsão escópica, a pulsão ligada ao olhar, em curiosidade intelectual” (KUPFER, 2005, p. 44); diz ainda o mesmo texto que tal curiosidade desempenha um papel muito importante no desenvolvimento do desejo do saber.

Novamente a presença da autoridade do professor emerge quando os alunos escolhem como características do professor adequado “comportamentos exigentes” com o aluno, pois alternativas como “chamar atenção do aluno que causa transtorno”, “solicitar atividade extra-classe”, são comportamentos bem aceitos pelos entrevistados.

Ainda a “participação do aluno na classe” e “desempenho do aluno” tem uma boa aceitação entre os alunos, enquanto que freqüentar festas acadêmicas que foi contemplado por apenas 6.04% dos alunos, não solicitar atividade extra-classe foi apontado por somente 2.43% da amostra entrevistada, lembrando ainda que os entrevistados estudam no período noturno, o que pressupõe pouca disponibilidade de horário para atividade extra classe, mais uma idéia que não se confirma neste estudo.

Interessante ainda notar que o aluno vincula as características do professor exigente a facilitador do conhecimento, o que num primeiro momento parece uma ambigüidade, mas fica fácil entender se fundamentarmos essas posturas no contexto relacional. Realmente, ao nosso ver, o que importa para esses alunos é que o professor estabeleça com eles um bom vínculo; pois, se este estiver presente as características de exigência do professor podem ser vistas pelo aluno como cuidado, zelo e compromisso do professor.

Essa resposta suscita uma indagação: o que é ser “bom professor” aos olhos dos alunos?

Vejamos o texto de Moretti “Desvelando características do fazer docente: o “bom” e o “mau” professor”, já citado anteriormente:

[...] O que faz um professor para receber o título de bom professor? Quem é o bom professor e como exerce seu trabalho? Como é a sua vida? Como escolheu ser professor? Como ele atua? É aceito pelos alunos? Ele consegue se relacionar bem com os alunos? São muitas as questões acerca da figura do professor.

Para Chalita (2001), a alma de qualquer instituição de ensino é o professor. (MORETTI, 2007, p. 27)

O texto acima vem ao encontro das fundamentações dos alunos citadas nas discussões parciais dos grupos quando citam a questão da “segurança” que o professor admirável transmite, quer seja por domínio da disciplina, pela sua postura exigente (participação, freqüência, atividade extra classe), pelo seu olhar que dirige ao aluno, pela participação efetiva na vida do estudante como disciplinador, oferecer atendimento extra - classe, enfim atitudes que remetem à lembrança de “cuidador”.

O verbo cuidar em português denota atenção, cautela, desvelo, zelo.

Cuidador é um termo que começou a ser usado na área da saúde designando a pessoa que está envolvida no processo de "cuidar do outro", provendo necessidades físicas e emocionais de um doente ou de um desabilitado, como se trata de uma relação íntima e humana freqüentemente se revelam potenciais, muitas vezes encobertos, do paciente e do cuidador.

O cuidador, para que possa desempenhar bem sua função precisa antes de mais nada seduzir seu paciente.

Atualmente várias áreas que interagem com o ser humano têm refletido sobre esse termo para designar aquele que “cuida do outro”, a educação é uma delas.

Não há como uma pessoa cuidar do outro sem seduzi-la, necessária se faz a autorização do outro para que se possa desenvolver bem a função, o mesmo acontece com o aluno.

A questão proposta de investigação no aspecto sedutor do professor que se torna “a causa do efeito” do aluno gostar da disciplina se relaciona a exatamente essa questão: Como o aluno permite que o professor se torne um cuidador? Quais os caminhos que o aluno usou para autorizar o professor a ensiná-lo? Essas respostas, evidentemente, cominam com a assertiva do “bom professor”.

Foram citadas pelos alunos expressões como: “paixão que o professor demonstra pela matéria”, “maneira no trato como o aluno”, “saber cativar a amizade

do aluno”, “confiança”, “ser amigo”, “o professor que desperta no aluno o interesse pelo jeito dele”, “ como o professor olha para o aluno”, “professor não é só ensinar, é transformar o aluno para acreditar no que ele gosta”,etc.

Questões como autoridade do professor aparecem com frequência nas repostas dos alunos, relacionadas à confiança que aquele faz despertar. Despertar o quê? O desejo, Freud já dizia isso no século passado.

Psicologicamente, mais específico aos olhos da psicanálise, o primeiro objeto de desejo do aprendiz é a mãe ( ou sua substituta), esta é a primeira a prover as necessidades básicas do filho, a cuidadora principal na história de vida de qualquer aluno. Entretanto o que possibilita à criança entrar na cultura de leis é a figura paterna, que representa um corte em relação à mãe e o filho. A criança ao entrar na escola, entra num universo desconhecido que pressupõe o distanciamento da família, mas reedita o tipo de vínculo primário.

A psicanálise contribui com a educação, a medida que fornece bases teóricas de um saber que viabiliza a compreensão da motivação do aprendiz no sentido de continuar desejando, pois a proposta de Freud convida aqueles que a estudam e a experimentam a escutar o inconsciente, a fim de se revelar traços dos mecanismos psicológicos profundos que agem na totalidade da vida educativa provocando assim caminhos que facilitam a aprendizagem.

No ensino superior, o aluno que é adulto na grande maioria das vezes, manifesta os desejos de forma sutil, usando da racionalidade que o desenvolvimento cognitivo lhe proporciona nesta fase da vida; sobretudo os sentimentos expressos ainda são os mesmos do infante e que ele próprio vivenciou quando ainda se permitia expressar as sensações de forma mais livre.

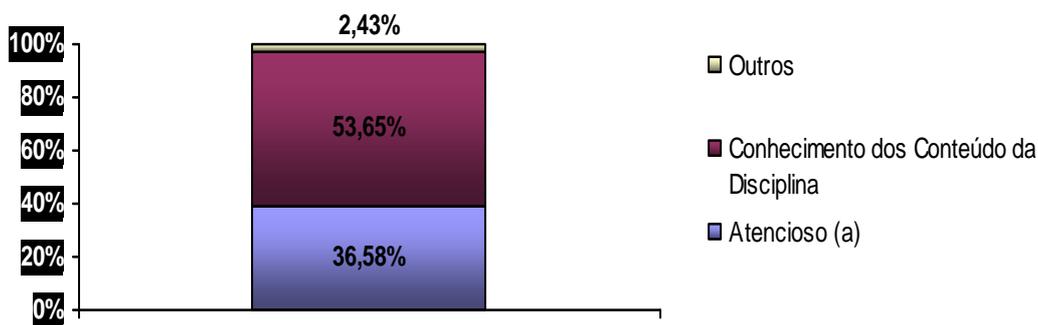
Vejamos o que dizem nossos respondentes quando indagados sobre o professor de sua preferência.

Eis a questão:

**Escolha um professor real de sua preferência no Curso. O que, num primeiro momento, motivou a sua escolha (Questão 12 - Apêndice C)**

O gráfico 7 aponta os seguintes dados:

GRÁFICO 7- Sobre o professor de preferência do aluno e o que motivou a escolha



Fonte: O autor

Aqui, nesta questão, 11 alunos citaram nominalmente 05 professores e fundamentaram suas escolhas nos seguintes motivos:

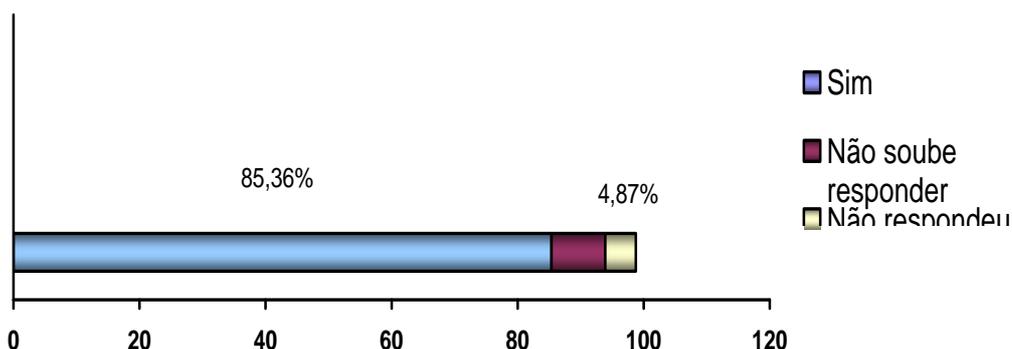
- Ele(a ) é atencioso(a) com os alunos. – justificativa feita por 09 alunos
- Ele é muito carismático - justificativa feita por 01 aluno.

Esses alunos justificaram suas escolhas na atenção que o professor lhes dá, sobretudo assinalaram o item GRANDE CONHECIMENTO DOS CONTEÚDOS MIISTRADOS, o que demonstra mais uma vez que o aluno responde ao olhar, ao desejo de aprender que o professor faz brotar nele.

**Se um dia você for professor (a) você usará como referência seu professor escolhido na alternativa acima? (Questão 13 - Apêndice C)**

As respostas dos alunos seguem representadas no gráfico 8

GRÁFICO 8 – Sobre o aluno usar o professor como modelo para o futuro exercício do magistério



Fonte: O autor

As justificativas dos alunos permearam os seguintes enfoques:

-- “Além deste ter conhecimento da disciplina, também tem o domínio do saber, respeita o aluno.”

-- “Sim, porque eu tive uma professora no Ensino Médio com o mesmo perfil da professora que admiro hoje e ela sempre foi uma referência para mim.”

-- “Sim porque ele sempre dá muita atenção para as dúvidas dos alunos.”

-- “Sim, porque eu nunca pensei que numa faculdade encontraria uma professora como essa, pois ela dá atenção para o aluno para todas as suas necessidades e não deixa ninguém rir de ninguém e sempre diz que todas as perguntas merecem respostas.”

-- “Sim, porque esse professor é como um pai para os alunos, é bravo, exigente quando precisa, mas sabe ensinar como poucos.”

-- “Sim porque além do conhecimento nós podemos perceber nela a vontade de ensinar.”

As características apontadas pelos alunos tais como: sinceridade, facilidade para entreter o aluno, autoridade paterna entre outras revelam uma relação afetiva do aprendente com quem ensina.

- Características de um professor admirável:

**Quais as características você julga necessárias para um professor ser considerado admirável (Questão 14 - Apêndice C)**

“Qualificado, auto conhecimento, estrutura e auto desenvolvimento de atividade aos alunos, atencioso, carismático, amigo, exigente, conseguir disciplinar e controlar os alunos, etc.”

“Expressivo, comunicativo, dinâmico, apresentar uma aula diferente e descontraída todas essas características, uma completa a outra, não faltaria mais nada.”

“Gostar do que faz e saber enriquecer a aula com exemplos do cotidiano, temas que já tenha vivenciado, exemplo de empresa que trabalha, foi fiscalizada, falar qual foi os documentos exigidos, como foi seu comportamento

diante disso, outro exemplo que acho importante na questão da psicologia é como se comportar numa entrevista de exemplos práticos (dicas).”

“Ter um ótimo conhecimento na área, não somente na teoria, mas principalmente na prática, ser simpático, procurar ouvir os alunos, estar disponível não somente no horário de aula, mas também fora dele, ter autoridade, ou seja, não deixar os alunos tomarem conta da aula e outras coisas mais.”

“Um dia eu vi um político falando de uma senadora de outro partido que até os adversários a admiravam pelo seu caráter e pela paixão com que defendia seus ideais, acredito que um professor admirável deve demonstrar exatamente isso paixão pelo que faz.”

“Ter uma boa didática é um bom começo para ser admirado porque acaba prendendo a atenção do aluno, mas é preciso também que um professor admirável tenha mais do que isso para que ele possa se diferenciar dos demais, senão ele passa a ser comum.”

Aqui nessa questão os alunos do grupo registraram algumas características que apontam para o bom professor.

Para alguns alunos a autoridade do professor é uma característica admirável.

A relação professor-aluno propicia condições de exercício da autoridade a partir das relações originais, particularmente as transferenciais que permitem renascer sentimentos vivenciados anteriormente. Estes sentimentos podem ser hostis, iguais ou afetuosos, os quais podem impedir ou favorecer a autoridade do professor para ensinar.

É importante que o próprio professor tenha uma compreensão da dimensão da importância que ocupa em relação aos seus alunos.

O professor, aos olhos dos acadêmicos não é apenas aquele que ensina, como deixam claro quando se expressam de forma direta, ou ainda quando o fazem de forma ambígua, pois delegam ao professor poderes que são melhor compreendidos quando se conhece a dinâmica transferencial, que pressupõe relações não perceptíveis, mas profundas, que podem possibilitar ou dificultar a aprendizagem.

Para que o processo de conhecimento flua adequadamente, depende da identificação e da história de cada um dos sujeitos envolvidos.

Algumas características aqui registradas demonstram como o aluno é

exigente como o professor, chegando até as vias de um ideal inatingível como propõe o aluno:

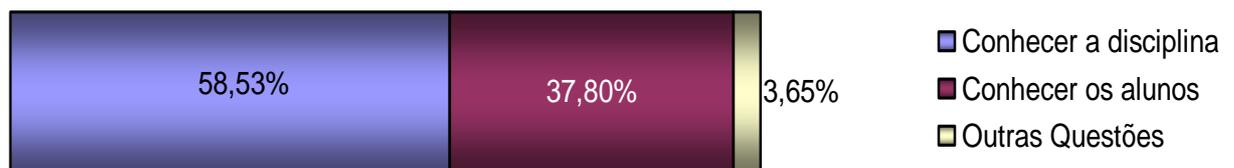
“Conhecimento, humildade, paciência, práticas motivadoras, bom humor e amigável, ou sábio, assíduo, atencioso, didático”.

- A importância da Relação professor e a percepção do aluno:

### **O que é mais importante para você na sua relação com o professor na universidade (Questão 15 - Apêndice C).**

As respostas dos alunos segue representadas no gráfico 9:

GRÁFICO 9 - Sobre o que é Importante para os Alunos na Relação com o professor



Fonte: O autor

Algumas justificativas apontadas:

-- “Dentre outros aspectos, a importância se perfaz perante a aquisição do conhecimento, o relacionamento com o professor como também com os colegas totalizando-se em uma experiência bastante satisfatória.”

-- “Conhecer um pouco da disciplina e também os alunos”

Passaremos em seguida a discutir os resultados obtidos nos questionários aplicados nos professores que integram o corpo de sujeitos da pesquisa.

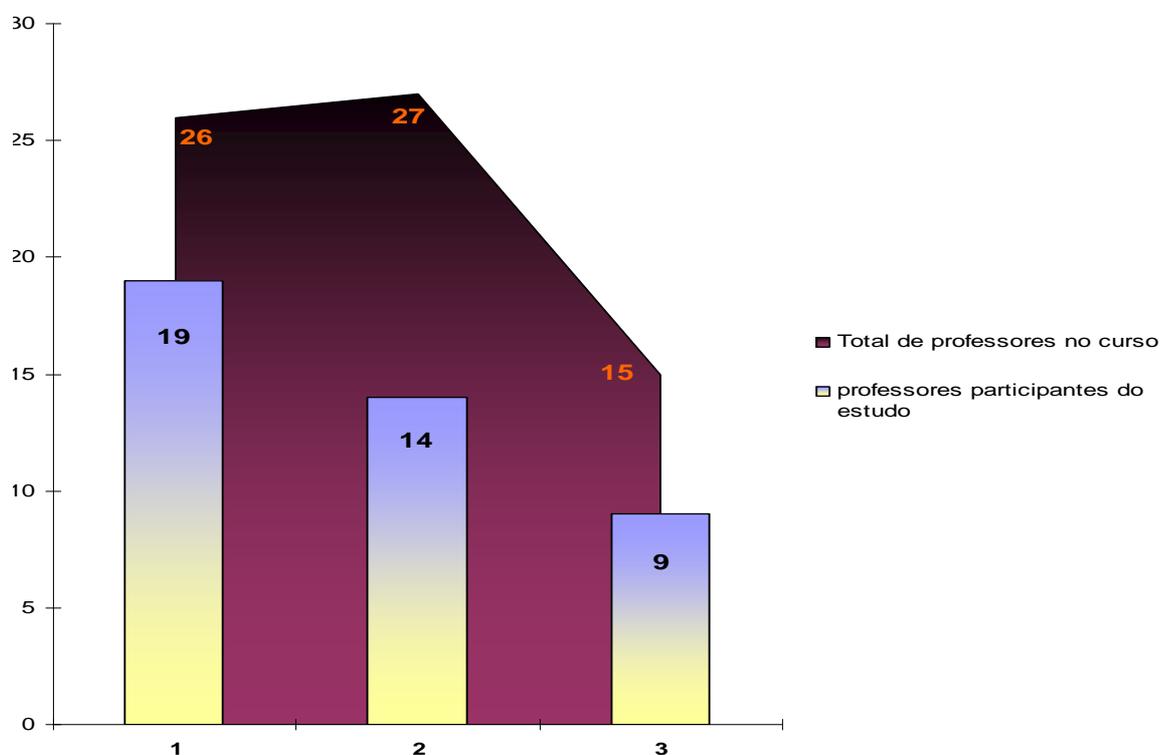
## 4.2 Dos questionários Aplicados aos Professores

Foram 42 os professores que participaram do estudo, distribuídos da seguinte forma:

- A 1: Ciências Contábeis, B 2: Direito, C 3:Turismo

### I. Identificação:

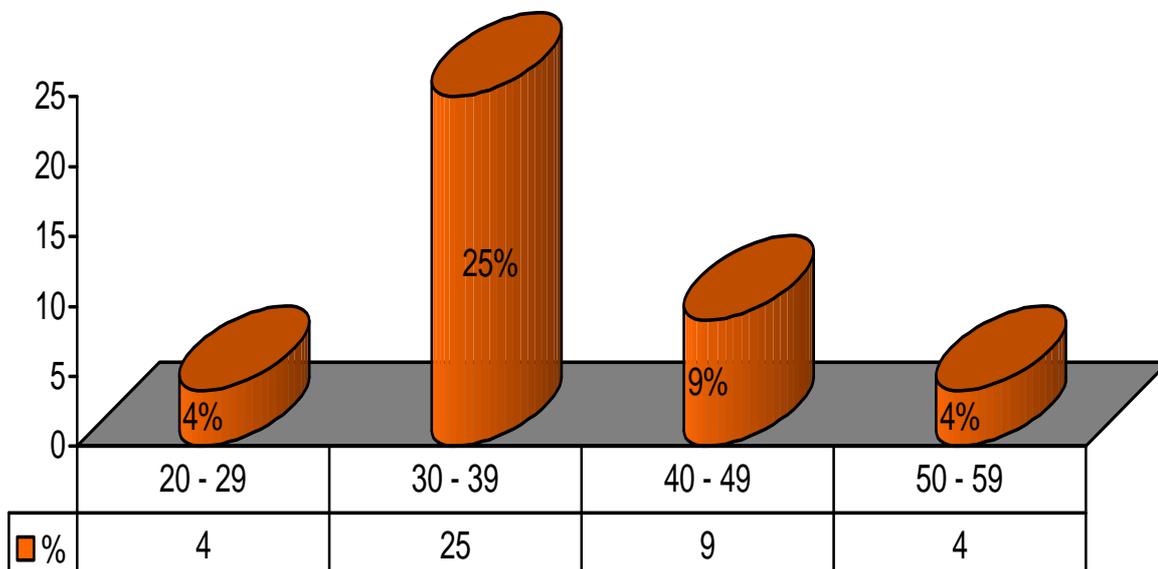
GRÁFICO 10- Total de professores entrevistados



Fonte: O autor

O perfil dos professores da amostra: A faixa etária segue apresentada no gráfico 11

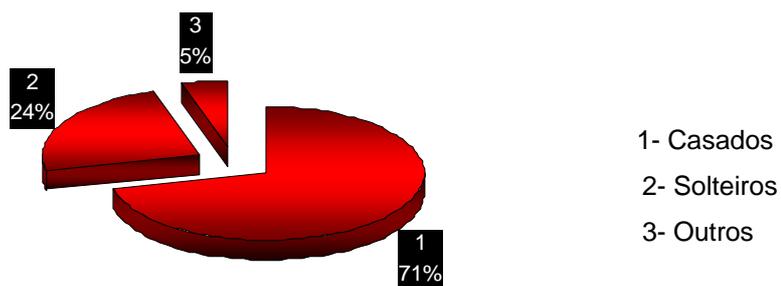
GRÁFICO 11 - Faixa etária dos professores



Fonte: O autor

O gráfico 12 retrata o estado civil da amostra.

GRÁFICO 12 - Estado civil dos professores



Fonte: O autor

## II. Formação :

**A questão 1- Apêndice D contemplou as seguintes informações quanto a formação do professor:**

- É professor na área da sua primeira formação?

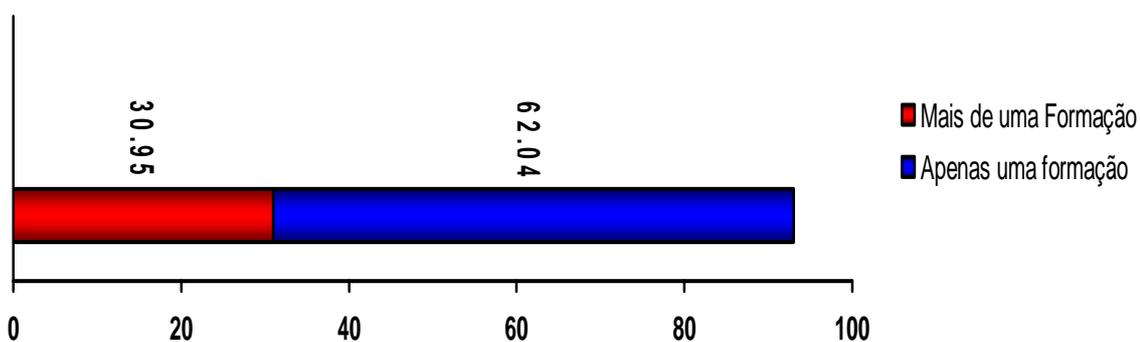
Gráfico 13 - Professores que ministram aula na sua primeira formação



Fonte: O autor

- Quantas formações possui?

Gráfico 14 - Quantidade de curso superior do professor



Fonte: O autor

**A questão 2-Apêndice D contemplou a área de formação do professor e resultou nas seguintes informações:**

Área de sua primeira formação diversa da que o professor ministra aula:

- ❖ Agronomia,
- ❖ Administração de Empresas,
- ❖ Direito,
- ❖ Matemática
- ❖ História
- ❖ Ciências Contábeis

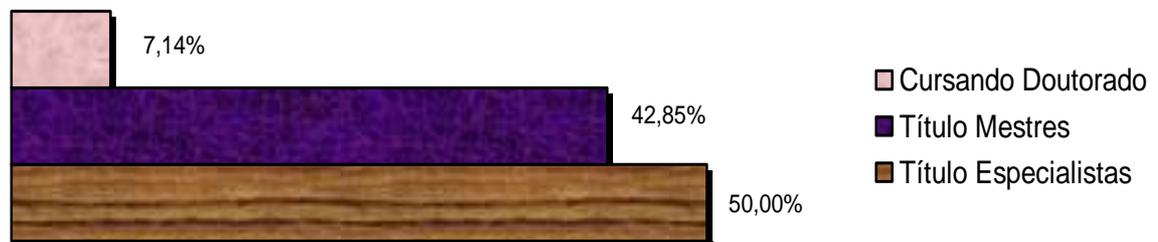
Área de formação do professor e a mesma que ministra aulas:

- ❖ Matemática

- ❖ Filosofia
- ❖ Ciências Sociais
- ❖ Economia
- ❖ Ciências Contábeis
- ❖ Direito

**A questão 3(Apêndice D) investigou o critério Títulos dos professores e resultou nas seguintes informações que seguem ilustradas em forma de gráfico:**

GRÁFICO 15- Titulação do corpo docente



Fonte: O autor

Observa-se no gráfico 15 Que metade do corpo docente investigado é especialista(1) e a outra metade é composta por professores mestres(2), considerando- se que os professores doutorandos(3) possuem o título de mestres.

O ensino superior, por muito tempo, foi considerado o ponto “terminal” de uma carreira profissional, quem o concluía estava pronto a exercer uma profissão que lhe asseguraria ter uma profissão e fazer uso dela. Era comum ouvir os pais dizerem aos seus filhos “um diploma é algo que ninguém jamais vai lhe tirar”.

Isso fazia nascer na cabeça daqueles que ingressavam no ensino superior que o professor era depositário de um alto conhecimento científico, pois a informação que ele transmitia era evidentemente muito atualizada no assunto.

Hoje a idéia que os professores, procuram transmitir aos alunos é que o ensino superior é apenas o primeiro passo de uma formação continuada.

A leitura mudou, a fala mudou, mas os alunos parecem que continuam com as mesmas idéias de 20 anos atrás, talvez até porque o panorama que se apresenta é o mesmo, o que se diferencia são alguns leitores.

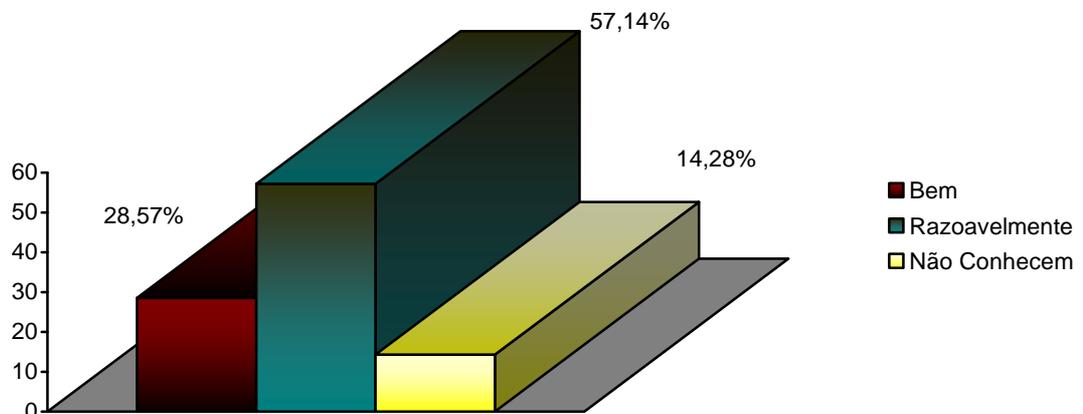
Ao nos depararmos com o gráfico 15, poderíamos esperar dos professores bons formadores, pois se a escola atual valoriza títulos, diríamos que os alunos do CESD, onde foi realizado o estudo, estão bem servidos, pois contam com professores qualificados tecnicamente. No entanto, apesar da qualificação ainda se faz evidente, a angústia tanto de professores como de alunos, o que sinaliza que alguma coisa não está bem, e a indagação que se faz é o que fazer e como fazer.

No ambiente universitário, pouco se sabe a respeito dos docentes. Não se sabe quais as carências, representações e de que conhecimentos lançam mãos esses docentes na realização de seu trabalho. Pouco se conhece sobre a importância que o professor confere ao saber pedagógico, como compreende seu trabalho, a função da universidade, o que pensa da própria formação e como se auto-avalia. É necessário um aprofundamento dessas questões para podermos pensar em alternativas de formação continuada do docente universitário, para que ele não busque caminhos isolados para construir a sua prática.

## II. Quanto ao curso que você é professor e a sua prática docente - ( Questão 1 e 2, - Apêndice D)

O gráfico 16 retrata o conhecimento dos professores sobre o projeto pedagógico dos curso nos quais ministram aulas.

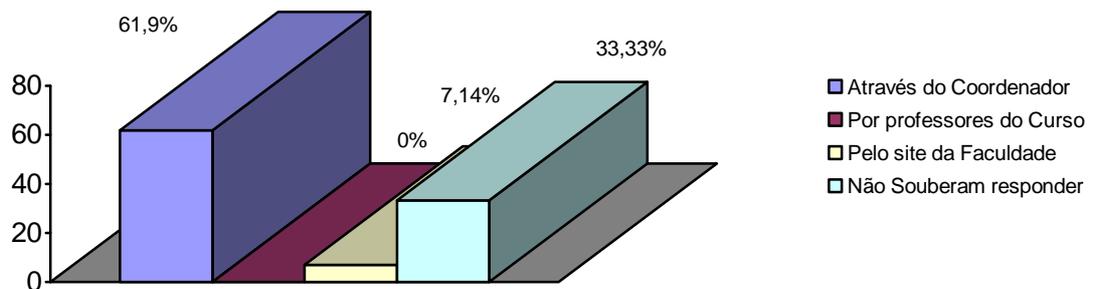
GRÁFICO 16 - Conhecimento dos professores sobre o projeto pedagógico do curso



Fonte: O autor

O gráfico 17 demonstra como os professores conheceram o projeto pedagógico do curso em que ministram aulas.

GRÁFICO 17- Meio pelo qual os professores conheceram o projeto pedagógico do curso



Fonte: O autor

### Participaram da Elaboração: (Questão 3, part.II- Apêndice D)

- ❖ O4 professores
- ❖ Contribuição: Organização Geral do Projeto .

Os respondentes professores também demonstram que muito pouco conhecem do projeto pedagógico do curso, pois apenas 28.57% dos professores entrevistados afirmam que conhecem bem o projeto pedagógico do curso.

Outro dado interessante é destacar a formação desses professores, a maioria possui uma formação técnica, são bacharéis, o que significa que não têm conhecimento sistematizado de didática, estratégias de ensino, são profissionais que, atualmente, desempenham funções acadêmicas.

A proposta pedagógica como já discutida nos dados apontados pelos alunos é interdisciplinar. Surge portanto, uma série de incertezas se o fato do professor conhecer ou não o conceito de interdisciplinaridade.

Trabalhar em prol da construção de um corpo consistente de conhecimentos voltados para o exercício de uma visão globalizada da profissão, do exercício da cidadania, como propõe os cursos, fica quase impossível se os professores não tiverem uma proposta pedagógica clara.

Parece-nos que a formação pedagógica do professor é relegada a segundo plano, a pesquisa, em nossa leitura, parece ser muito mais valorizada, como se as atividades realizadas com os alunos de graduação não pudessem ser

configuradas como produção de conhecimento.

O ensino e a pesquisa, muitas vezes, dão-nos a impressão de serem antagonistas que atuam no mesmo cenário.

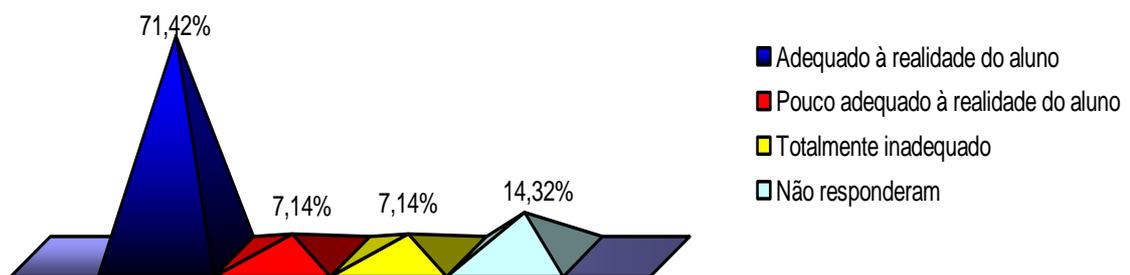
Nas questões envolvendo o tema capacitação, neste instrumento de pesquisa, nota-se que os professores manifestam o desejo de que a faculdade participe mais efetivamente de sua capacitação, como vamos comentar oportunamente .

Nesse contexto, nossa consideração é de que a formação do docente universitário é um processo em construção que requer ainda muito investimento, ultimamente tem-se caminhado nesse sentido, mas ainda há muito que se fazer e necessário se faz caminhar com passos mais determinados para o exercício da docência que, muitas vezes, em busca do saber tem sido relegado a segundo plano.

**Você considera o currículo do curso em relação a formação futuro profissional do acadêmico é:(Questão 4- Apêndice D).**

Veremos no gráfico 18 o que os professores pensam sobre a grade curricular e as disciplinas nela inseridas.

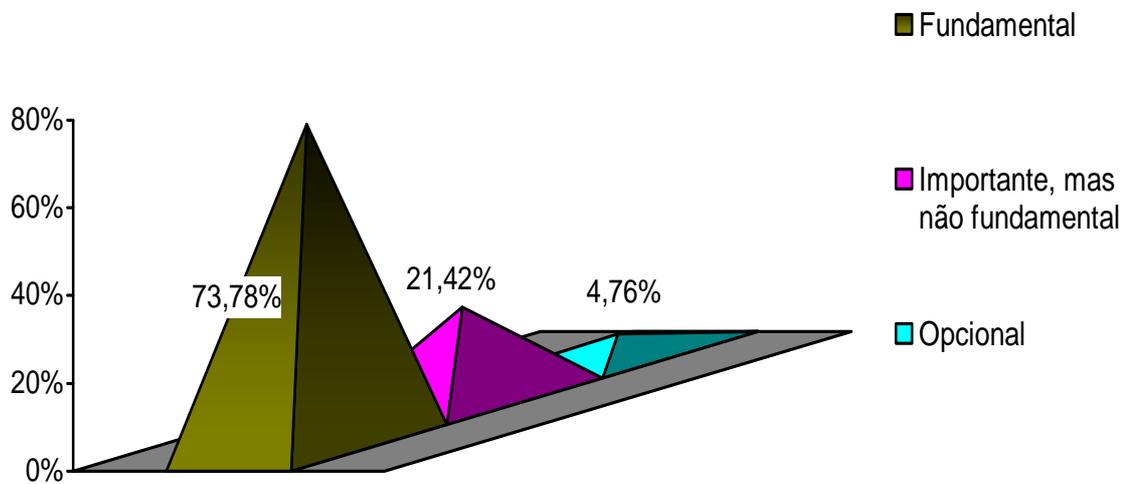
GRÁFICO 18- Opinião dos professores sobre o currículo do curso



Fonte: O autor

**Você considera que a disciplina por você ministrada é: (Questão 5 - Apêndice D)**

GRÁFICO 19 – A importância que o professor dá a sua disciplina na organização curricular



Fonte: O autor

A seleção do conteúdo do currículo muitas vezes está relacionada a questões de conveniência e a questões sociais, pois dos professores entrevistados apenas quatro participaram da organização curricular o que denota que poucos tem poder decisório.

É evidente que a seleção de conteúdos é importante para o projeto curricular e exige professores bem preparados e que tenham uma visão globalizada, pois do contrário tem-se apenas uma justaposição de matérias.

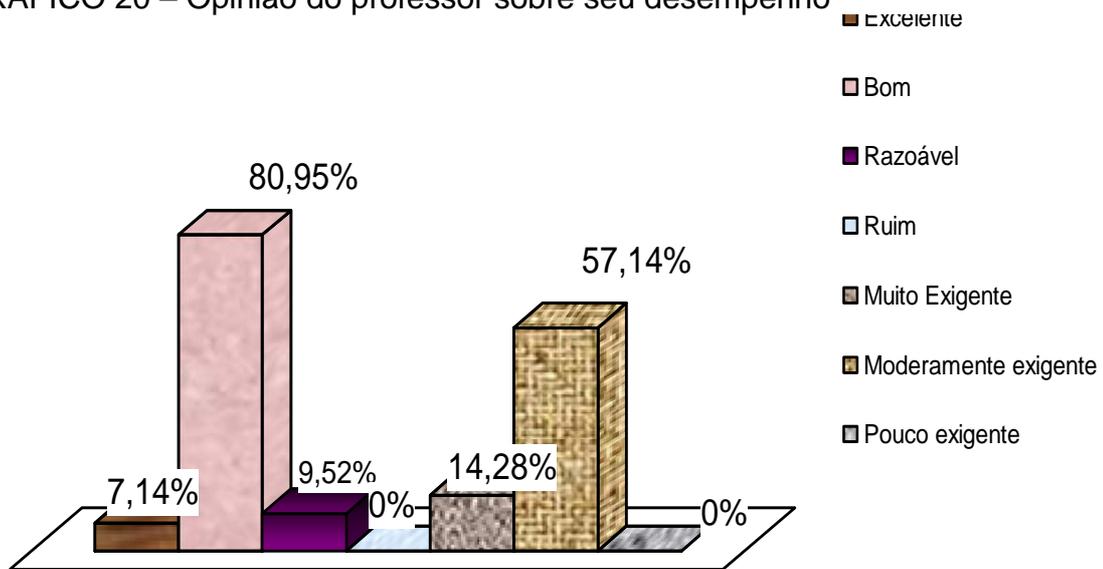
Eis que surge mais uma vez mais um indicio de que os professores pouco conhecem sobre a interdisciplinaridade.

Em seguida veremos como os professores se vêem no exercício de sua prática docente.

O gráfico 20 demonstra a opinião do professor sobre seu desempenho.

### **Você se considera um professor (Questão 6-Apêndice D)**

GRÁFICO 20 – Opinião do professor sobre seu desempenho



Fonte: O autor

Dos professores entrevistados, apenas 03(7.14%) se consideram excelentes professores, 34(80.95%) se consideram bons e 04(9.52%) se consideram razoáveis .

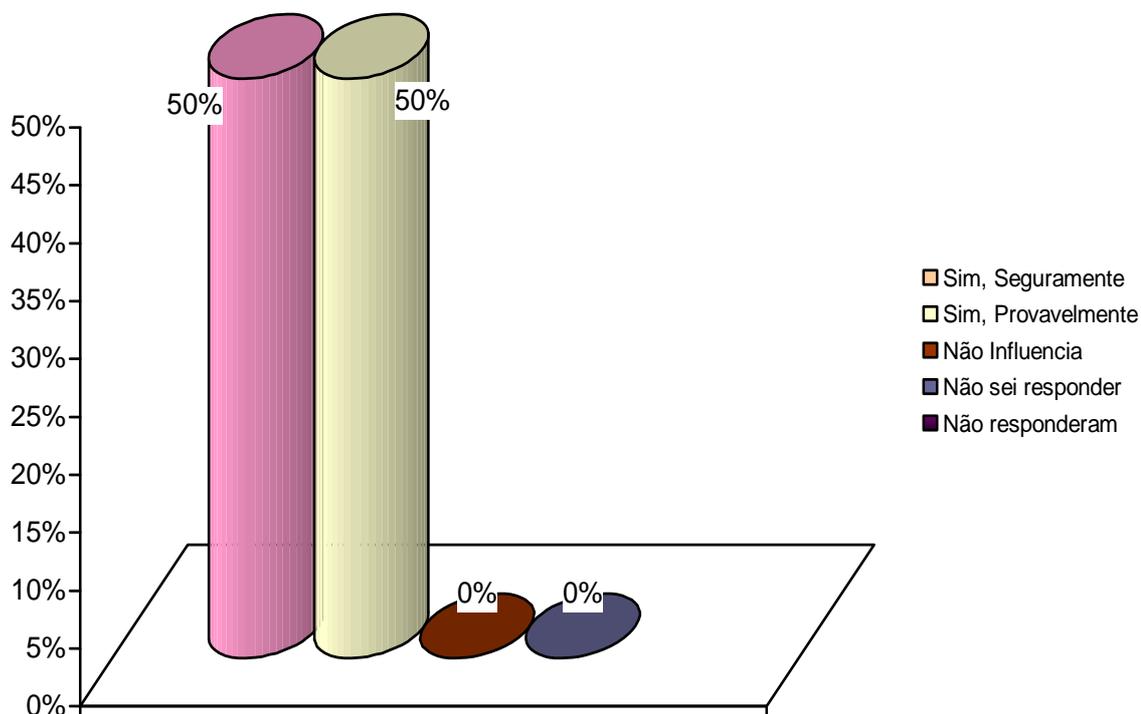
Quanto ao nível de exigência, o critério que prevaleceu foi o moderadamente exigente com 32(76.19%) dos professores, apenas 06(14.28%) dos professores se expressaram como muito exigentes, 04 professores não responderam a esta questão (9.52%).

Em seguida investigamos se o professor tem dimensão de sua influência sobre o aluno.

### **Você acredita que a sua personalidade influencia o seu aluno a gostar da disciplina?(Questão 7- Apêndice D)**

As respostas assinaladas e número de sujeitos que a assinalaram estão representadas no gráfico 21.

GRÁFICO 21 - A influência da personalidade do professor sobre o aluno



Fonte: O autor

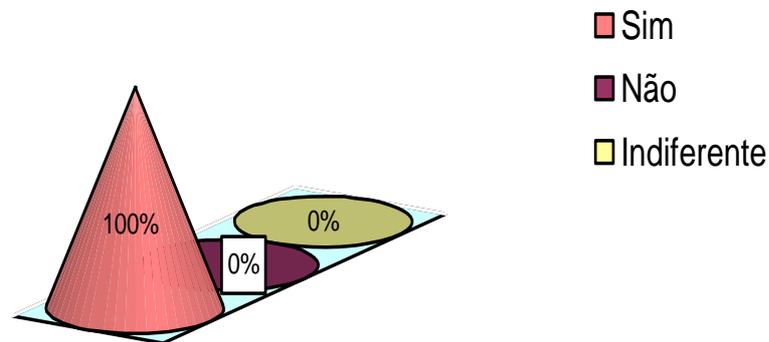
A metade dos professores, de forma mais significativa reconhecem a sua influência sobre o aluno, mas sabe-se que é preciso mais que essa constatação, necessário se faz saber como ele tem agido frente a essa influência, como lida com isso e consigo mesmo e com o aluno.

Interessante notar ainda, que os quesitos aqui oferecidos aos professores também foram oferecidos aos alunos (quadro 2) e 96,50% daqueles acreditam que os professores podem influenciar o aluno a gostar de sua disciplina.

**Em sua opinião é importante que o professor estabeleça uma boa relação com os alunos para que se construa o conhecimento profissional?(Questão 8- Apêndice D)**

Veremos abaixo alternativas assinaladas e número de respondentes que a assinalaram, sobre a importância que o professor dá ao contexto relacional para a construção do conhecimento, assim como algumas das justificativas feitas:

GRÁFICO 22- Importância que o professor dá ao contexto relacional



Fonte: O autor

### Por quê?

-- “O aluno acaba por se espelhar, profissionalmente, em alguns dos seus mestres e a relação ajuda na busca do aluno.”

Quando questionados sobre a importância do contexto relacional para a construção do conhecimento, os professores optaram pela unanimidade, pois 100% dos entrevistados disseram que a boa relação é importante para que se construa o conhecimento.

Alguns professores trouxeram o tema da empatia nas justificativas da questão 8, relacionando a empatia com a didática para facilitar a aprendizagem.

-- “Sim a empatia do professor/aluno e uma boa didática ajudam no exercício de uma boa aula”

-- “Há necessidade de empatia para se construir o processo ensino-aprendizagem”.

A compreensão empática do professor para com o educando como citada por Rogers(1973) em seus estudos e já comentado na discussão dos alunos, pressupõe colocar-se no lugar do outro, nas condições do outro, sem contudo deixar de ser o próprio professor.

“Quando o professor tem a habilidade de compreender as reações íntimas do aluno, quando tem a percepção sensível do modo como o aluno vê o processo de educação e de aprendizagem, então cresce a possibilidade da aprendizagem significativa. (ROGERS, 1973, p. 112).

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua

capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o próprio conhecimento e o dos alunos.

Kupfer (2005,p. 85) cita que Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido quando está revestido, por seu aluno de uma importância especial. É importante aqui destacar que, se o professor conseguir fazer com que o aluno se sinta especial, ele seguramente terá um diferencial para seu aluno.

Com essa importância bilateral de identificações, o professor é revestido de um poder que provoca no aluno a influência .

Alguns respondentes abordaram a sedução, confiança, identificação enfim, elementos presentes na transferência psicanalítica que são fundamentais para que se estabeleça uma boa relação e como esta influencia na construção do saber.

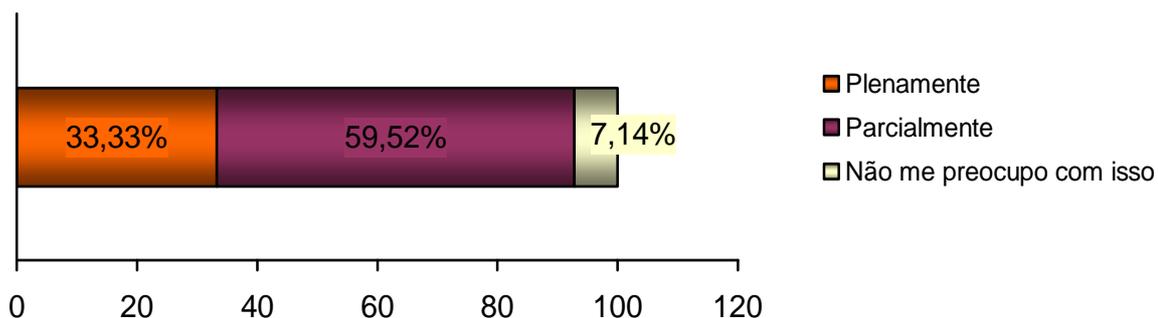
Portanto, os professores, muito embora desconhecendo os conceitos psicanalíticos acabam usando esse recurso para promover a aprendizagem vejamos alguns exemplos:

-- “ Só se aprende com quem se confia, se o aluno não confiar, não vai aprender e para que haja confiança é necessário ter um bom relacionamento”.

-- “Acho que, principalmente nos primeiros semestres do curso, alguns alunos ainda não têm certeza da profissão que almejam. Com isso, acabam desistindo na 1ª dificuldade, indo à busca de um curso mais fácil, ou seja, sem matemática. No curso de Turismo, então, só encontramos pessoas com um verdadeiro pavor de matemática. Em contábeis é muito mais fácil, inclusive, dar aula, já que a maioria gosta de cálculos. Acho fundamental “pegar esses alunos no colo” e mostrar, num atendimento individualizado, que não é tão difícil acompanhar a aula.

**A Didática que você utiliza em sala de aula incentiva os alunos a novas idéias?( Questão 9- Apêndice D)**

GRÁFICO 23 - A Didática do professor



Fonte: O Autor

Os professores, na sua maioria (59.52%), responderam que a didática por eles usada incentiva parcialmente os alunos a novas idéias. Enquanto que 33.33% respondeu que a didática incentiva plenamente o aluno a nova idéias.

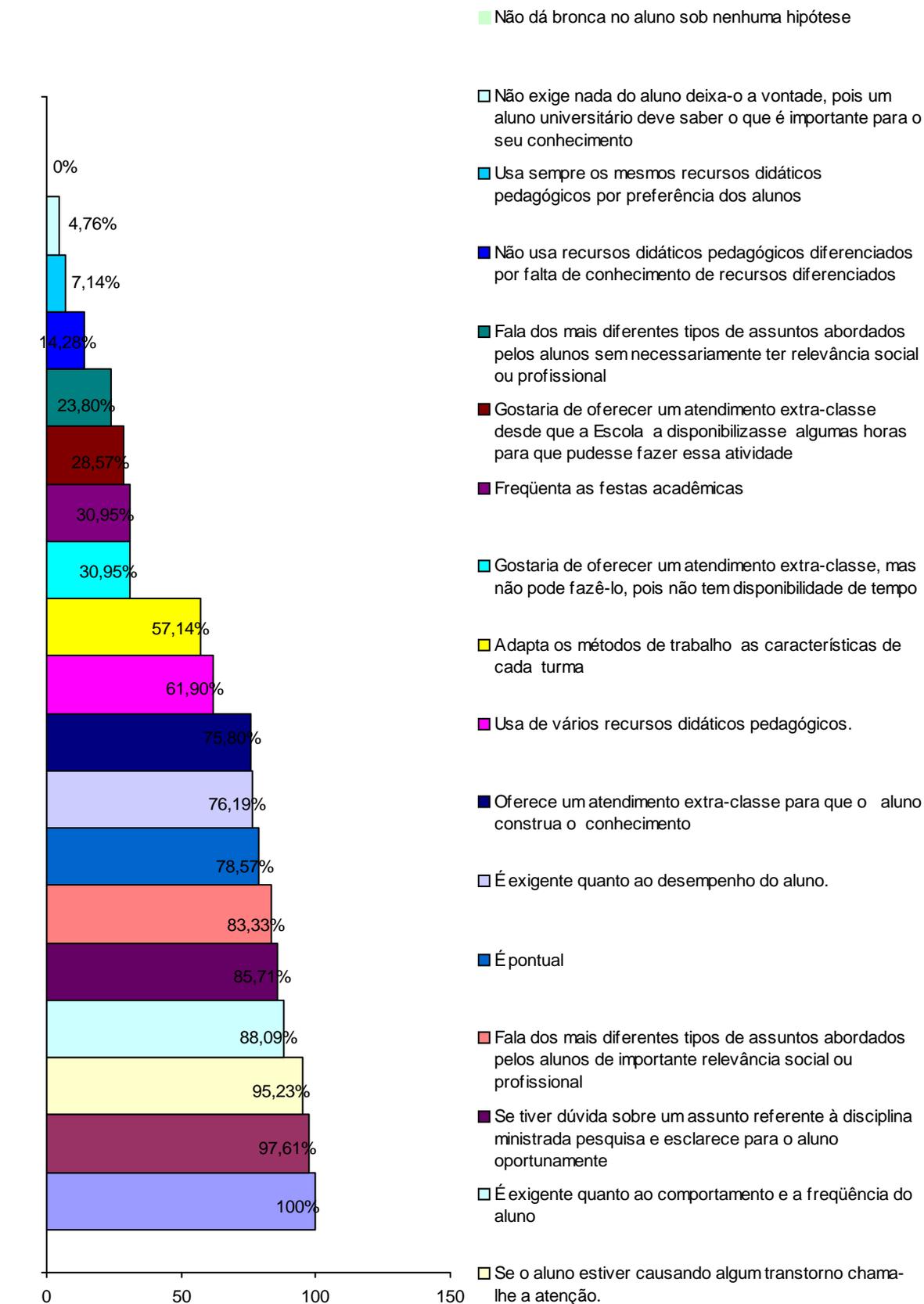
Fica evidente aqui a necessidade que o corpo docente vem sentindo de desempenhar sua função com maior eficácia, pois mais de 50% dos respondentes tem dúvidas quanto a metodologia empregada no construção do saber.

Na questão seguinte ( gráfico 24) questionamos sobre as características do professor , ou seja, seu perfil .

Uma lista de características similares foi oferecida aos alunos no critério professor adequado, veremos como os professores se descrevem:

#### **Características que se enquadram no perfil do professor(Questão 10- Apêndice D)**

GRÁFICO 24 – O Perfil do professor



Vemos aqui que a característica mais vezes assinalada pelos professores para se definir, como 100%, foi a assiduidade, em seguida por 41 professores (97.61%) foi “tem domínio dos conteúdos da disciplina ministrada”, esta também foi a mais valorizada pelos alunos(62.19%).

Em seguida, escolhido por 26 professores (61.90%) aparece o “uso de vários recursos didáticos pedagógicos”. Os alunos escolheram em segundo lugar “aquele que olha para o aluno quando fala com ele.”

Dando seqüência as escolhas dos professores foi apontado o quesito “falar dos mais diferentes assuntos de relevante valor social ou profissional”.

Logo depois, surgem as características como ser pontual, ser assíduo, oferecer um atendimento extra-classe entre outras que tiveram a preferência dos professores em torno de 50%.

As características de exigência do professor, tais como freqüência, comportamento, participação e solicitação de atividade extra-classe são mais apreciadas pelos alunos que pelos professores.

Freqüentar festas acadêmicas é mais valorizado pelos professores do que pelos alunos.

Isso nos faz reconhecer que o aluno não vê a relação pedagógica facilitada por determinadas atitudes do professor, mas sim pelo que o professor é de fato, como ele consegue atrair sua confiança.

O professor por sua vez, tem dificuldade de traçar o seu perfil, de dizer o que pensa de si mesmo enquanto educador. O professor precisa reconhecer sua significação para o aluno, para isso é necessário que ele se conheça e não tenha medo de falar de suas dificuldades.

Na questão subseqüente investigamos as referências dos professores através da seguinte propositura:

**Recorrendo às suas lembranças, procure lembrar um professor de sua preferência. O que, num primeiro momento, motivou a sua escolha? (Questão 11- Apêndice D).**

As alternativas assinaladas e número de sujeitos que a assinalaram seguem representadas no quadro 4.

QUADRO 4- O Professor e seu mestre

Alternativas	Número de Professores que escolheram essa alternativa	Porcentagem
A atenção que ele(a) dispensava a você	16	38.09%
Ele(a) tinha um grande conhecimento dos conteúdos da disciplina	14	69.04%
Ele(a) sabia como motivar os alunos nas aulas	22	52.38%
Ele(a) era uma pessoa agradavelmente atraente	02	4.76%
Nenhum dos motivos acima.	-	0%

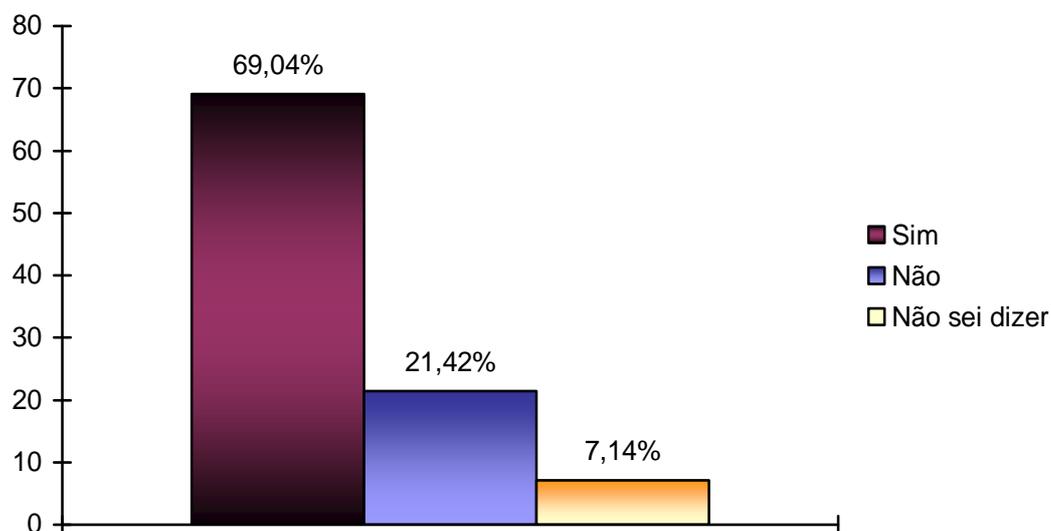
Fonte: O Autor

Alguns comentários dos professores:

- “ Ele conseguia transmitir o conteúdo com muita naturalidade”
- “Aprendia-se até pela autoridade, exigia-se do aluno “.
- “A atenção que o professor deu ao relacionamento com a classe”

**Você como professor usa esse (a) professor(a) como modelo/ referência para sua prática?( Questão 12- Apêndice D).**

GRÁFICO – 25 O Uso do professor modelo



Fonte: O Autor

-- “Por que Tudo na vida exige modelos referências e parâmetros para conseguir sucesso”.

-- “Sim, pois tal mestre foi importante pela formação do meu caráter, ensinou a ver o mundo como ele é, sem fantasiá-lo.”

-- “Sim, porque lecionava com prazer de ensinar, pois através do seu conhecimento conseguiu o seu sucesso como professor e também é um exímio profissional em perícia contábil.”

**Quais as características você julga necessárias para um professor ser considerado admirável (Questão 13-Apêndice D)**

-- “Domínio da disciplina, humildade e prazer em ensinar”

-- “Bom interlocutor, conhecedor do conteúdo ministrado”.

As questões 11 e 12, envolvem a investigação com relação à prática docente direcionada à identificação do professor a uma experiência anterior.

Sendo assim, foi solicitado que os respondentes recorressem à lembrança do próprio passado enquanto aluno e o que motivou esses professores a terem os respectivos mestres como referencial na prática docente.

As respostas dos professores revelam que eles usam um referencial anterior, pois 31(73.80%) dos professores disseram que recorrem, na sua prática, as lembranças desse professor que aqui chamamos de modelo.

As justificativas dos respondentes se fundamentaram em critérios relacionais “aprendia-se até com a autoridade”, “a atenção que o professor deu ao relacionamento com a classe”.

As respostas “sim, pois tal mestre foi importante para formação de meu caráter, ensinou a ver o mundo sem fantasia-lo” o aluno deve se sentir importante , único para o professor, isso cria nele uma responsabilidade: a de não decepcionar o professor que está apostando tanto nele” corroboram essa assertiva.

A profissão docente sempre foi de grande complexidade, mas muitas respostas apontam um perfil humano quase utópico:

-- “Profundo conhecedor do assunto didático, educado, sério e experiente”

”Conhecimento, somado a domínio da sala e capacidade de ser replicador-formador”.

-- “Ter experiência, respeito aos alunos, interesse pelo crescimento deles, ser didático e ter um bom discurso (retórica)”

-- “O que unir ao mesmo tempo, o dom de ator e cientista da matéria lecionada”.

Outro aspecto interessante revelado na fala abaixo:

-- “.acho que o professor tem que diferenciar os alunos com dificuldade daqueles que não costumam encontrar maiores dificuldades. O aluno que entende (e por isso, gosta) de matemática, não precisa de professor. Por outro lado, o aluno com dificuldade cria um medo absurdo que faz com que nem escute o que o professor diz, já que é lógico que não entenderá mesmo...”

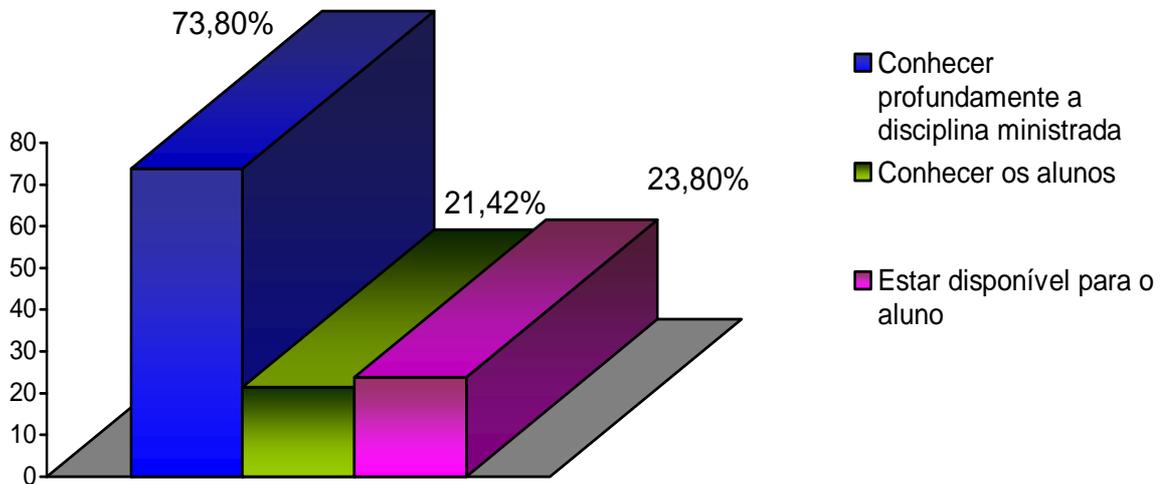
Essa resposta se aproxima bem mais de uma realidade prática, racional, na qual o professor demonstra as dificuldades e facilidades e consegue traduzir sua afetividade numa ação.

Identificamos, ainda nesta fala, um aspecto interessante que este professor foi o único que respondeu fundamentado nas próprias experiências como docente, pois as demais respostas, embora recobertas em uma dialética envolvente, mais se aproximam de uma resposta do professor enquanto aluno e não como professor.

**O que é mais importante para você na relação com o aluno na universidade ( Questão 14- Apêndice D):**

As alternativas assinadas e o número de sujeitos que a assinalaram seguem no gráfico abaixo.

GRÁFICO 26 – O que professor julga mais importante na relação com o aluno



Fonte: O Autor

Quando questionados sobre o aspecto mais importante na relação com o aluno, os professores disseram que “conhecer profundamente a disciplina ministrada” é o aspecto mais importante na relação com o aluno ,pois 31 (73.80%) dos entrevistados optaram por esse quesito, enquanto que “conhecer os alunos” (15.78%) foi apontado por 09 professores e “estar disponível para os alunos foi apontado por 10 (23.80%) dos professores .

Novamente o professor se volta para a importância do conteúdo técnico na construção do contexto relacional.

Na tese de doutorado de Maura M. M. Vasconcelos “ Desafios da formação do docente universitário”(2005) a autora levanta os seguintes pontos:

Os saberes constitutivos da profissão docente implicam consciência, compreensão e conhecimento. Sobre essas bases é que se pode estabelecer a reflexividade e, com ela, uma perspectiva mais emancipatória da profissão (CUNHA, 2001, p.88).

Se, nessa formação, não privilegiarmos a conscientização e o debate sobre a questão dos fins da educação e deixarmos que treinamentos técnicos sem questionamentos sejam viabilizados com intenção de apenas atender as demandas do mercado, para que direção estaremos caminhando? Que tipo de mundo estaremos ajudando a construir? Inspirados no alerta de Freitas ( 2001 ) consideramos que é urgente pensar e repensar a formação do professor universitário, levando em conta essas questões, **concebendo essa formação a serviço de uma educação emancipadora e a universidade como locus do saber, da crítica e da promoção humana.** Essa é, sem dúvida, uma preocupação constante que permeia todo nosso trabalho.( VASCONCELOS, 2005) (grifo nosso)

A preocupação com a formação globalizada do professor universitário tem sido objeto de estudo por alguns pesquisadores.

Para Nóvoa (1992), na construção da identidade docente, três processos são fundamentais: o desenvolvimento pessoal, que se refere ao processo de produção da vida do professor; o desenvolvimento profissional, que envolve os aspectos de profissionalização do docente e o desenvolvimento institucional, que se refere aos aspectos relacionados aos investimentos da instituição para a consecução dos objetivos educacionais.

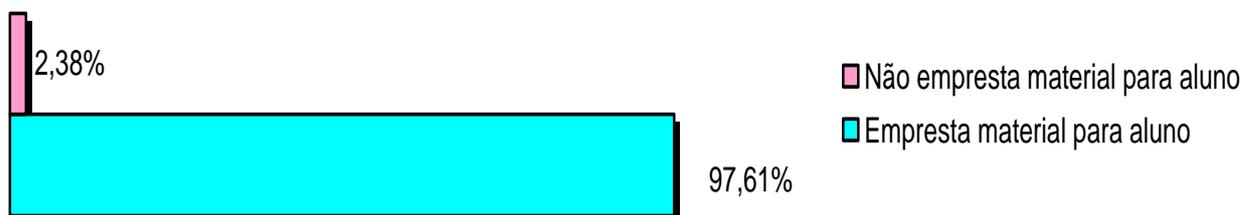
Nosso estudo enfatizou mais o primeiro aspecto, ou seja, questões que envolvem o desenvolvimento pessoal.

Pelas respostas obtidas, entendemos que a maioria dos professores quer manter uma boa relação com os alunos tem o desejo de ver o aprendiz transitar no caminho do saber, sobretudo, as dúvidas que os docentes têm quer seja de forma latente ou manifesta se esbarram na concretização da ação ou seja, “como fazer isso” e nesse aspecto nos propusemos a pensar.

### **Na sua prática você (Questão 15- Apêndice D)**

Alternativas assinaladas e número de sujeitos que a assinalaram estão dispostas no gráfico abaixo:

GRÁFICO 27- Sobre emprestar material ao aluno



Fonte: O Autor

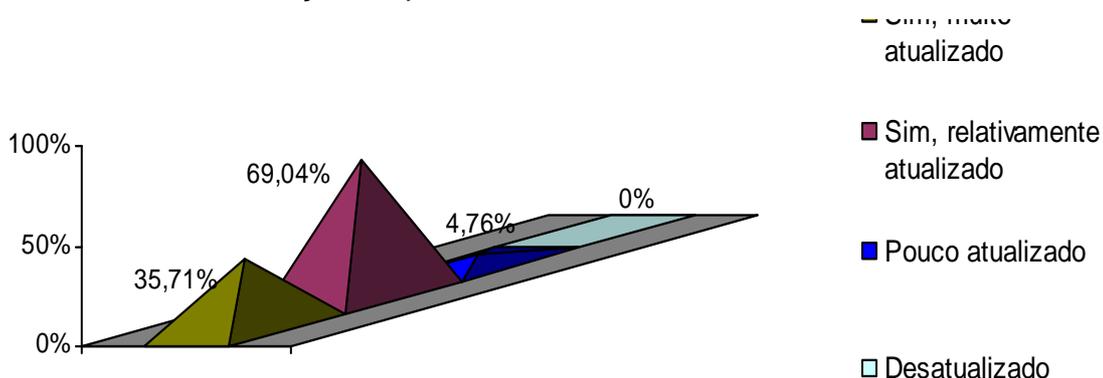
Notamos aqui mais uma vez a participação efetiva da maioria dos respondentes no comprometimento com o aluno.

#### IV. Quanto à capacitação profissional e atualização:

##### Você se julga um profissional atualizado em sua área específica de atuação (Questão 16- Apêndice D)

Alternativas assinaladas e número de sujeitos seguem disponibilizadas no gráfico abaixo:

GRÁFICO 28 - Atualização do professor

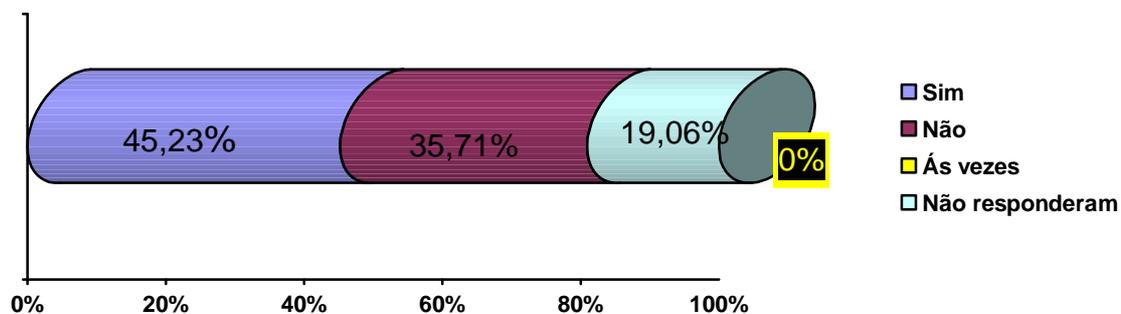


Fonte: O autor

##### Você tem participado de eventos científicos relacionados à sua disciplina nos últimos três anos? (Questão 17- Apêndice D)

Alternativas assinaladas e número de sujeitos que a assinalaram estão dispostos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 29 - Participação em eventos



Fonte: O Autor

**Cite os eventos em que você participou:**

-- “Congresso sobre comércio e Desenvolvimento –UFSC-2006; Encontro de Direito da América Latina-UFSC-2006; Congresso de História da Ciência- PUC-SP-2007;Congresso sobre Inovação –UNICAMP-Campinas-2006.

-- “EGEAP- Encontro de Gestores da Alta Paulista”

“Congresso de Turismo Rural, Seminário de Agronegócios, Seminário de lixo hospitalar e Seminário de Gestão Ambiental.”

-- “Congresso da LUSOCOM – Espanha; Congresso da INTERCOM - Marília SP, Lançamento Livro de Fotografia- UEL.”

**Você tem apresentado trabalhos nesses eventos( Questão 18- Apêndice D)**

Alternativas assinaladas e número de sujeitos que a assinalaram:

QUADRO 5- Apresentação de trabalho do docente em eventos científicos

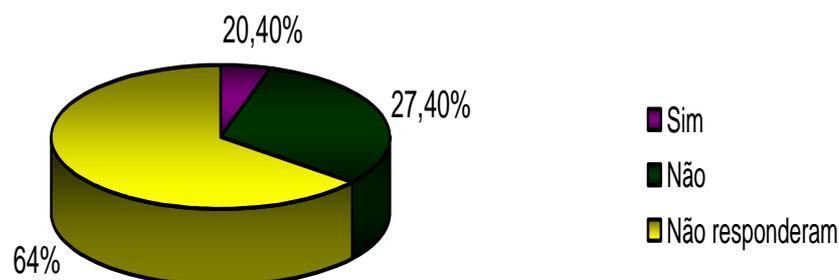
Sim	02	22.22%
Não	05	55.55%
Não responderam	02	22.22%

Fonte: O autor

**Você tem publicado artigos em sua área de especialização? (Questão 19 Apêndice-D)**

Alternativas assinaladas e porcentagem de sujeitos que a assinalaram:

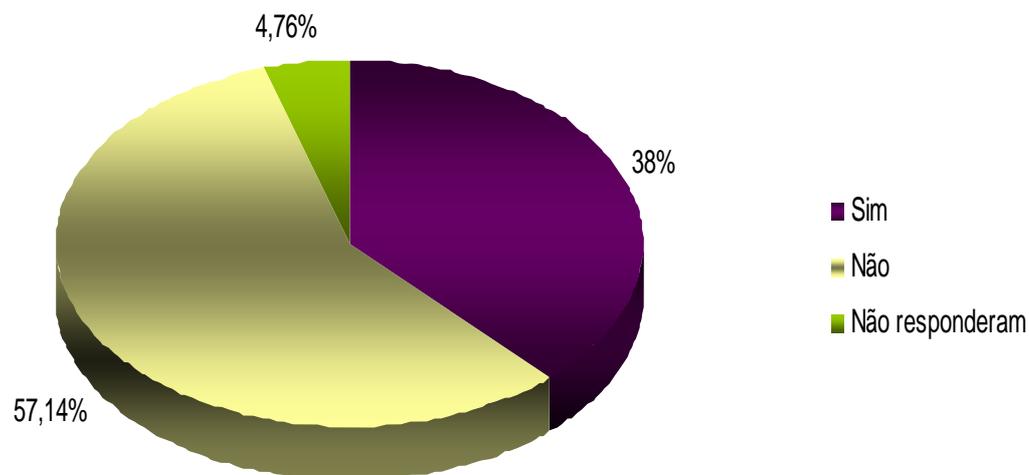
GRÁFICO 30- Publicação dos professores



Fonte: O Autor

**A Instituição tem contribuído ou contribuiu de alguma forma, para a sua capacitação?( Questão 20-Apêndice D).**

GRÁFICO 31 – A Contribuição da IES na capacitação do professor

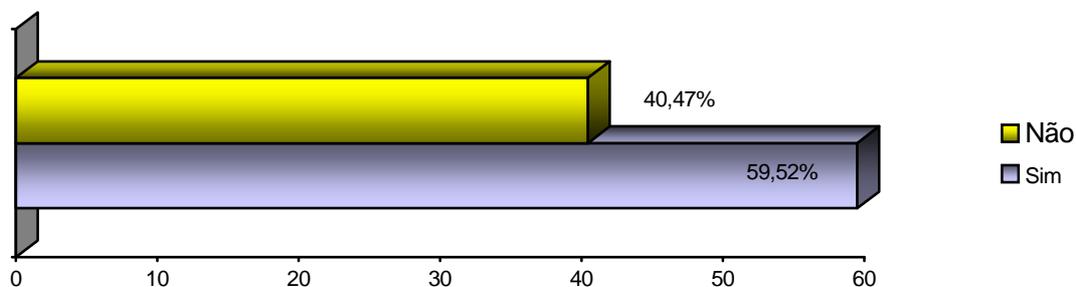


Fonte: O Autor

**Você gostaria que a instituição tivesse participação mais efetiva na sua capacitação? (Questão 21- Apêndice D).**

As alternativas estão dispostos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 32 - A Preferência do professor na participação da IES em sua capacitação

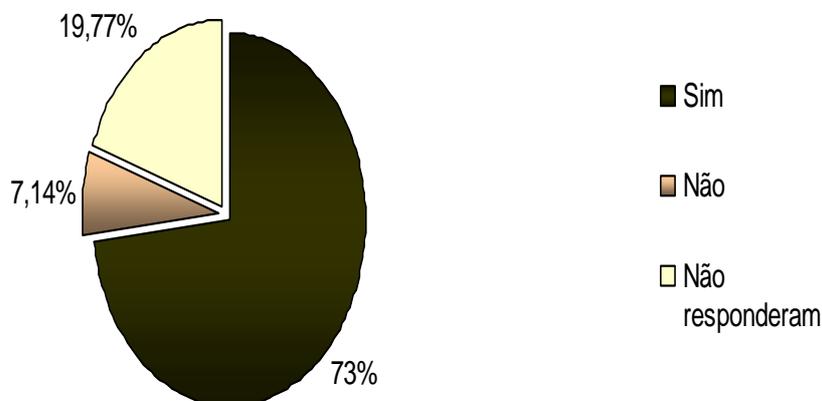


Fonte: O Autor

**Você acredita que seu curso precisa melhorar?(Questão 22- Apêndice D).**

Alternativas assinaladas e número de sujeitos que a assinalaram

GRÁFICO 33 - Como o professor vê seu curso



Fonte: O Autor

### Que contribuições você pode dar?

-- “Eu poderia ter um maior contato com os alunos que tiveram alguma dificuldade no 1º grau para que não tivessem tanto medo de matemática. Quando chegam na faculdade, logo no 1º dia de aula ouço muitos dizerem: “Não sabia que era tão fácil...” A maioria deles começou com problemas desde a 5ª série. Fico imaginando como foi terrível estudar mais 7 anos sem entender o que o professor dizia e tirando notas baixas”.

-- “Organizar reuniões com os professores para proporcionar maior interdisciplinaridade no curso.”

Nota-se, pelas respostas, o interesse dos entrevistados de estarem colaborando com a instituição e, sobretudo, verifica-se que há necessidade de um agente impulsionador da ação efetiva de cooperação.

A questão 23 abriu um espaço para comentários do professor e através dela pudemos coletar dados significativos tais como:

-- “Todo professor tem que dominar muito bem a matéria que ministra, não deve haver adaptações de professores, pois os alunos percebem e não dão credibilidade àquele professor que não conhece(ou conhece pouco) o assunto que está passando aos alunos (conteúdo).”

-- “ O aluno, de modo geral, deve ter um conhecimento maior sobre a

importância de um curso de graduação bem feito. Essa formação é a base para o sucesso profissional. “

-- “Considero importantíssima a iniciativa de pesquisas que busquem diagnosticar um mapa do ensino superior na nossa região a fim de buscar alternativas para seu melhoramento, parabéns às pesquisadoras.”

-- “A cada ano, as faculdades privadas do interior vão recebendo um material humano cada vez pior em cultura. Portanto, não adianta o esforço, o conhecimento do professor, a boa biblioteca, as salas com carteiras estofadas e ar condicionado se a matéria prima que temos às mãos, pelo péssimo ensino básico, não consegue interpretar qualquer singela proposição.”

Nas questões 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 do Apêndice D, que investigaram dados sobre a capacitação profissional e atualização, foi observado que 15(35.71%) dos profissionais responderam que se julgam muito atualizados, enquanto que 29(69.04%) se julgam relativamente atualizados.

Ao se questionar sobre eventos científicos de que tenha participado, o número caiu consideravelmente pois, dos que responderam relativamente atualizados e muito atualizados apenas 19(45.23%) professores têm participado de eventos científicos, os demais se atualizam mediante leitura de textos.

Ao responderem sobre a participação da Instituição em sua formação, 16(38.09%) responderam que têm recebido apoio da Instituição para capacitação e formação continuada, definiram essa participação como “financiando participação em congressos” e “oferecendo bolsa pesquisa”,

Quanto à atualização, formação continuada, 22 (59.52%) dos professores manifestaram que gostariam que a instituição tivesse uma participação mais efetiva em sua capacitação profissional, promovendo cursos, contribuindo para realização de mestrado ou oferecendo o curso, custeando participação em congressos, eventos científicos ou promovendo curso de atualização para os professores.

Interessante notar aqui que o número de professores que optaram pela negativa da participação da instituição em sua formação continuada também é expressivo, pois 17 professores (40.47%) disseram que não gostariam de uma participação mais efetiva da Instituição em sua capacitação, levantando hipóteses de desmotivação, falta de identificação com a profissão.

A grande maioria dos entrevistados, 31(61.90%) acredita que o seu

curso precisa melhorar e apontaram para isso algumas contribuições significativas.

Pelas colocações, pode-se observar que os professores têm várias sugestões; carecem, é claro, de explicitações mais formais, porque entendemos que a instituição, assim como o grupo de professores precisa se conhecer como um todo, ter uma visão globalizada do grupo e uma melhor compreensão de si mesmos para que, juntos, possam se desenvolver, elaborar suas próprias estratégias de abordagem, além de metodologias mais participativas.

Dos comentários feitos pelos professores, na questão 23 a grande maioria se posicionou, falou sobre seu curso, sua postura, o que demonstra a motivação do professor ter um espaço para poder falar e o desejo de ser ouvido.

Em nenhum momento foi solicitado que se citasse nomes, quer seja no questionário proposto aos alunos, quer seja aos professores, mas os alunos citaram nomes de professores de suas preferências, motivando suas escolhas no vínculo que se estabeleceu entre aluno/professor no processo de construção do conhecimento.

Diante desse fato, resolvemos fazer entrevistas com 03 dos professores citados que passaremos a relatar em seguida.

As entrevistas foram gravadas, semi-dirigida, realizadas com 03 professores citados pelos alunos abordando os dados coletados.

#### **4. 3 Das Entrevistas Realizadas Com os Professores**

A citação dos nomes desses professores ocorreu no questionário aplicado aos alunos na questão 12- Apêndice C.

Aqui serão aqui identificados os entrevistados com as letras : **X, Y e Z**, a entrevistadora com a letra **E**.

A transcrição se fez na íntegra, conforme as narrativas dos entrevistados.

Os professores X e Y foram entrevistados juntos por solicitação de um dos mesmos, o professor Z foi entrevistado no mesmo dia porém individualmente.

O tema, principal norteador da entrevista, foi a investigação do processo de transferência no contexto educacional. Para isso foram abordados: a

questão relacional com o aluno, mecanismos de sedução, a identificação do aluno com o professor, e do professor com o aluno, a identificação de ambos com as figuras parentais.

**Dados coletados e analisados na entrevista:**

**E:** 1. No questionário aplicado aos alunos, em nenhum momento, foi solicitado que o aluno citasse nome de professores de sua preferência ou por quem tivesse uma admiração, mas o nome foi citado como um professor exemplar, atencioso, assim como a disciplina ministrada como uma das favoritas.

No questionário feito aos professores foi feita a mesma pergunta, ou seja, se os professores acreditam que a personalidade deles pode influenciar o aluno a gostar da disciplina ministrada. “Vocês tem a consciência que são atenciosos e que seus alunos percebem isso?” “Acreditam que isso pode influenciar o aluno a se identificar com sua disciplina?” “Usam de algum recurso especial para atingir o aluno, enfim, como vocês acreditam que essa resposta surgiu?”

**Prof. X** -- Eu vejo que, como trabalhamos com alunos que estão no início do curso; quando o aluno busca o curso, ele já vem com um ideal de um profissional e, como somos contadores, é claro que isso vai despertar um interesse maior e, em se tratando do fato de sermos eu e a profa. Y coordenador e vice. É claro que isso nos favorece na aproximação que, muitas vezes, acontece até antes de iniciar o curso. Esta aproximação, evidentemente, dá um ganho muito grande. Em relação à questão que você colocou da ATENÇÃO, o próprio cargo que exercemos nos leva a ter esse perfil, não vou dizer que se não fosse coordenador, seria diferente, mas a função de coordenador, de certa forma, facilita o acesso.

**Profa. Y** -- Eu penso que os alunos precisam de alguém que os oriente no início, até como transitar dentro da faculdade, como eu estou sempre aqui e gosto de fazer isso, creio que isso acaba nos aproximando. Às vezes, até em questões do dia a dia, de problemas pessoais, eles precisam de alguém que os oriente. Sinto que eles depositam muita confiança em mim e me trazem questões em que me considero inexperiente para dar uma opinião, pois sou quase da idade deles, mas eu sempre dou uma resposta, não os deixo sozinhos.

As respostas dos professores traduzem que eles desconhecem caminhos técnicos para que o aluno tenha essa identificação com eles, sobretudo, eles praticam o acolhimento, como disse a profa. Y "às vezes, me considero inexperiente... Mas não os deixo sem resposta".

Identifica-se aqui a "maternagem". O aluno se identifica, motiva-se quando alguém projeta nele um ideal. Isso pode ser muito bem observado no ensino fundamental e médio e, no superior, não é diferente, pois aluno é sempre aluno. É salutar, pelo que percebemos neste estudo, quando o professor projeta nele um ideal ou invista nele.

**E: 2.** Então o que você está me dizendo é que sua atenção transcende aos problemas relacionados ao curso e à faculdade?

**Profa. Y** -- É isso!

**E: 3** -- Vocês estão me dizendo que fazem o acolhimento com os alunos que entram na faculdade... E aqueles que estão nos termos mais adiantados?

**Profa Y** -- Eles também nos procuram, mas com os das séries iniciais são mais freqüentes; às vezes, pedem conselhos sobre situações com que eu ainda não sei lidar, com já disse, mas sempre aponto um caminho.

**E: 4** -- Freud diz que o aluno, quando entra na escola, identifica o professor com suas figuras parentais, isto é, o pai e a mãe. A questão que estamos levantando neste estudo é se o mesmo acontece com os alunos do ensino superior, então eu pergunto: "Vocês acreditam que isso acontece com os acadêmicos de Ciências Contábeis?" (Risos de ambos).

**Prof. Y** -- Os alunos chamam o X de "Pai X".( fazem referência ao nome do professor)

**Prof. X** -- (com os olhos marejados de lágrimas) " \_É verdade, na brincadeira, vários alunos me chamam de Pai X. Inclusive, aconteceu um fato

interessante há poucos dias, uma aluna que havia passado num concurso no ano passado e estava com medo de assumir a nova função, veio falar comigo e eu a tranqüilizei, dizendo que iria dar tudo certo e que, se precisasse de algo, nós estaríamos por aqui, (**volta a ficar emocionado**).

Agora, na segunda feira, antes do dia dos pais, ela não teve a possibilidade de ver o pai dela, que mora em outra cidade, então ela veio me visitar dar-me um abraço, me disse que fazia isso, pois me considerava o seu PAI DO CONHECIMENTO”.

Aqui vemos a evidência da fala de Freud quando ele diz que o aluno identifica o professor com suas figuras parentais (transferência). Notamos ainda, como esse professor lidou com essa situação de forma adequada, preparando a aluna para a própria construção pessoal. Muito embora ela ainda tenha um vínculo muito forte com figura do professor, percebe-se que o mesmo respondeu de forma adequada ao desejo da aluna. Morgado cita em seu livro que:

O campo transferencial acarreta duas importantes conseqüências para os objetivos da relação pedagógica, Por um lado, é a partir da transferência do aluno e da contratransferência do professor que a relação se estabelece. Não fosse a herança emocional das relações originais, ambos sequer teriam elementos psicológicos para se vincularem. Por outro lado, essa mesma herança emocional dificulta a realização de pedagógicas, pois o professor e o aluno não se relacionam como pessoas reais. Ao contrário, relacionam-se com a pessoa idealizada que cada um tem dentro de si. A relação precisa superar esse momento inicial para atingir seus objetivos (MORGADO, 2001, p. 116)

Observa-se que o professor ficou emocionado com a conduta da aluna sobretudo, sua fala foi adequada ao não responder à angústia da aluna e “ficar longe” da figura parental, pois o docente incentivou a ex- aluna em seu caminhar profissional, mantendo o relacionamento na construção do conhecimento e da profissão.

Evidentemente, o comportamento da aluna de vir cumprimentá-lo no “dia dos pais” não é comprometedor em termos de crescimento pessoal e profissional, representa um gesto humano de gratidão e afeto que, com o tempo, vai amadurecendo, assim como seu desenvolvimento na profissão, uma vez que ainda é neófito na área.

## **Entrevista com o prof. Z.**

**E : 1** -- No questionário aplicado aos alunos, em nenhum momento, foi solicitado que o aluno citasse nome de professores de sua preferência ou por quem tivesse uma admiração, mas o seu nome foi citado como um professor exemplar, atencioso, assim como a disciplina ministrada por você como uma de suas favoritas.

No questionário feito a vocês, professores, eu fiz a mesma pergunta, ou seja, se acreditam que a sua personalidade pode influenciar o aluno a gostar da disciplina ministrada. Vocês tem a consciência de que são atenciosos e que seus alunos percebem isso? Usam de algum recurso especial para atingir o aluno, enfim, como vocês acreditam que essa resposta surgiu?

**Prof. Z** -- Eu acredito que o grande mérito do professor não é só ministrar a disciplina em sala de aula. O professor atinge seus objetivos quando ele consegue despertar no aluno o interesse por aquilo que está ensinando; porque, passar a matéria para o aluno, é uma obrigação. O professor consegue atingir plenamente seus objetivos quando consegue despertar no aluno o interesse pela matéria ministrada. É isso que procuro ensinar para o meu aluno, que ele tenha interesse pelo assunto e possa fazer, na vida profissional, exatamente aquilo que eu estou ensinando a ele.

**E:2** -- Você não é um professor de formação, pois sua formação corresponde ao direito e a ciências contábeis, portando dois cursos de bacharelado. Certo?

**Prof. Z** -- É isso mesmo!

**E:3** -- Você portanto, não teve em sua formação alguma disciplina relacionada a estratégias docentes. Você usa de alguma técnica específica para envolver, motivar o aluno, alguma didática, ou o conteúdo que você ministra é tão interessante que ele, por si só, já garante esse envolvimento do aluno?

**Prof. Z** -- Muito embora minha formação seja técnica; no mestrado(Direito), acabamos aprendendo alguma coisa sobre didática, algumas

estratégias para prender a atenção do aluno, mas eu procuro usar uma estratégia minha que é trazer caos práticos, busco efetivamente o que está acontecendo no dia a dia, e tento mostrar para os alunos, pois percebo que isso envolve os alunos. Com isso percebo que acaba despertando o interesse deles em pesquisar e saber mais sobre o assunto. Por exemplo: Eu estou falando sobre tal assunto, ontem aconteceu um caso específico, se for perícia contábil, eu trago a situação de um processo em que está sendo solicitado perícia, no caso do direito, trago uma decisão do tribunal, que as vezes até causa polêmica.

**E-4** -- Freud diz que o aluno, quando entra na escola, identifica o professor com suas figuras parentais, isto é o pai e a mãe. Então ele estabelece com o professor o mesmo vínculo que estabeleceu com os pais ou substitutos. A questão que estamos levantando, neste estudo, é se o mesmo acontece com os alunos do ensino superior.

Nós percebemos que um bom número de alunos que apontou o professor adequado referiu-se aquele que é exigente quanto à participação, a horários, à frequência, às atividades extraclasse, disciplina, etc. Você se enquadra nesse perfil, ou seja, se considera um professor exigente?

**Prof. Z** -- “ Bem, me considero um professor exigente na medida em que chego a pressionar meus alunos para que, pelo menos, assistam às aulas, Eu solicito trabalhos, quando percebo, por exemplo, que a sala teve uma falta coletiva eu dou um trabalho para que isso não aconteça mais, sou muito rigoroso com cópia de internet, livro. Quando eu vejo um trabalho assim, eu não atribuo nota para o aluno, chamo a atenção dele, não deixo barato não.

**E- 5** -- Posso lhe fazer uma pergunta de ordem pessoal?

**Prof. Z** -- Claro!

**E-6** -- Seu pai foi exigente com você?

Sim, sempre muito exigente, tipo “linha dura”, e de certa forma a gente acaba repetindo isso, pois isso foi fundamental na minha formação do caráter. É

assim que procuro passar para minha filha e também para os meus alunos: ser exigente, mas não ser discricionário; às vezes, precisamos entender determinadas situações, tem aquelas em que procuro ser mais rigoroso.

**E-7** -- E com seus alunos, você age da mesma forma?

Com certeza, acabo agindo com certo rigor, agora é preciso saber medir, senão a gente perdendo o comando. Mas isso naturalmente, sempre procurando fazer uma leitura do olhar do aluno; pois, às vezes, é preciso “tirar o pé”. Neste momento a gente tem que agir com calma, senão perde-se o respeito se for só duro, duro, duro... Tem achar um meio termo, achar esse momento é o que faz a diferença.

**E-8** --Você tem consciência de que você atrai o aluno?

Essa consciência, de forma propositada, eu não tenho...

**E-9** -- E de forma psicológica?

Porque a gente percebe quando está agradando ou não. Não digo fazer média com o aluno, pra ser bonzinho, mas eu percebo quando minha aula não está agradando. A sala fica dispersiva, ai tento mudar a estratégia quando vejo que o aluno está distante de mim, isso penso que vai da percepção de cada professor.

Pelas respostas deste professor, nota-se, mais uma vez, presentes os conceitos de sedução de Freud, sobretudo, este professor demonstra ter uma atitude de acolhimento com o aluno mais rígida, mais enérgica; repetindo, na sua prática pedagógica, o comportamento que seu pai usava consigo por quem ele demonstra ter uma grande admiração.

-- “È importante notar que é uma atitude exigente, mas afetiva, pois, como ele mesmo “relata”; tem hora que é preciso agir com rigor. Mas em outros momentos é preciso tirar o pé”, naturalmente se referindo aqui a um condutor de veiculo que acelera o carro e, às vezes diminui a propositadamente a velocidade, para ter um mais seguro controle da situação .

Provavelmente, até nessa referência, o professor faça uma associação a expressões usadas por seu pai que era “condutor de caminhão” no

passado.

Interessante verificar que, embora tratando os alunos com “rigor”, expressão usada várias vezes pelo professor, nota-se que o aluno responde bem ao seu chamado, uma vez que foi citado por vários aprendizes como professor admirável.

Outro dado relevante para observamos nessa fala, é um professor que fica atento ao “olhar do aluno”. Esse é o sinal que usa para mudar a estratégia.

Mais uma vez, constatamos o professor agindo por tentativa e acerto, como se tivesse um molho de chaves em sua mão e fosse experimentando uma por uma, aquela que irá abrir a porta desejada.

Isso nos leva a ilação de que o aluno desse professor responde `a relação e não `as estratégias didáticas e vai se confirmando a proposta do trabalho que lança o olhar para a importância do contexto relacional na construção do conhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a relação professor aluno sempre foi um tema instigante, atraente pela possibilidade que um estudo dessa natureza tem de trazer à tona muito o que se refere a relacionamento e por contribuir com esse público que sempre existirá e que favorece a identificação de todos nós, pois todos os leitores deste estudo já estiveram, ou estão em um dos lados, que esta mesma moeda apresenta: aluno ou professor.

Prosseguindo nessa idéia, cremos que o maior benefício obtido, ao estudar o tema, é para nós mesmos, pois não há como manter distância dos conceitos lidos e dos dados que coletados.

Sem dúvida é uma experiência em que o pesquisador se mantém distante dos procedimentos para não inferir nos resultados, mas não há como continuar indiferente depois de vivenciar esse processo que clama por um momento introspectivo em que a prática docente é reavaliada em cada instante.

As reflexões sobre os desafios do docente universitário são inúmeras. O estudo desenvolvido nos permitiu tecer algumas considerações.

Diante daquilo que lemos, ouvimos e vimos, o processo de transformação é parte e não resultado, além de ser contínuo.

Por isso, ousamos discordar do renomado escritor Mario Prata, com todo respeito que lhe devotamos, quando, num 07 de outubro passado, publicou um texto que dizia:

As teses são todas maravilhosas. Em tese. Você acompanha uma pessoa meses, anos, séculos, defendendo uma tese. Palpitantes assuntos. Tem tese que não acaba nunca, que acompanha o elemento para a velhice. Tem até teses pós-morte. O mais interessante na tese é que, quando nos contam, são maravilhosas, intrigantes. A gente fica curiosa, acompanha o sofrimento do autor, anos a fio. **Aí ele publica, te dá uma cópia e é sempre - sempre - uma decepção. Em tese. Impossível ler uma tese de cabo a rabo.** (PRATA\*,1998)

Discordamos; porque para escrever esta dissertação, não tese, lemos alguns outros trabalhos, como teses e dissertações e, sem dúvida, os mesmos, muito contribuíram para essa construção .

---

\*Grifo nosso

Ao pensar em pesquisar sobre o assunto relacionamento professor aluno no ensino superior, sabíamos que estaríamos diante de um tema desafiador, mas, não imaginávamos que, ao mesmo tempo, seria tão controverso.

Ao longo deste trabalho, pudemos constatar algumas verdades, uma delas se refere à capacitação profissional, a busca pela qualidade no ensino superior tem sido um movimento comum entre os docentes universitários em todo o panorama nacional. Cada vez mais, exige-se que os professores obtenham o título de mestre e doutor; isso é bom, no entanto, por si só, a titulação em si não garante o sucesso do professor e conseqüentemente da instituição enquanto um local onde se constrói o conhecimento.

O docente, às vezes, é doutor; mas não possui formação pedagógica e nem está preparado emocionalmente para o exercício da docência. O fato de ter passado pela pós-graduação não significa, necessariamente, que ele esteja pronto para as atividades de ensino que irá desenvolver. Ao se deparar com o fracasso, ele evidentemente vai ficar com uma auto-estima comprometida e isso refletirá em sua prática.

À medida que avançávamos em nosso estudo, percebíamos cada vez mais a riqueza dos dados que, sabemos, ainda não foram explorados o suficiente. Isso, em razão das inúmeras possibilidades de análises e de variados campos de conhecimentos relacionados ao tema a serem examinados, para os quais faltou tempo, capacidade e não tínhamos a princípio, a pretensão de esgotar.

Pela nossa leitura, percebemos que o docente universitário, muitas vezes age instintivamente e solitariamente, pois não conhece os caminhos que deve percorrer para conhecer o aluno e quando isso acontece, não compartilha com os colegas, pois usa de uma prática pessoal o que muitas vezes o intimida a divulgar numa classe de profissionais academicistas. Aquele que não consegue efetivar um vínculo afetivo, macula seu compromisso com a construção do conhecimento.

A falta de conhecimento do projeto pedagógico, dos conceitos de interdisciplinaridade, de globalidade, foi uma das constatações, mas aqui direcionamos nosso estudo ao contexto relacional vivenciado entre professores e alunos no cotidiano acadêmico.

O trabalho do professor, em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é o retrato da relação que ele tem com a sociedade, com a cultura e consigo

mesmo.

Nessa perspectiva, o objetivo geral do estudo se fundamentou na leitura do vínculo relacional do professor/aluno, nas atividades do cotidiano universitário e sua importância para a construção do saber.

Ao iniciarmos o trabalho, tínhamos um problema que queríamos pesquisar: A relação professor–aluno no ensino superior é importante para a efetiva aprendizagem? Até que ponto essa relação influencia a construção do saber? Que recursos poderão auxiliar o professor nessa construção?

Para isso iniciamos com uma leitura de teóricos que exploraram o tema.

Ao recorrermos aos conceitos psicanalíticos respondemos a primeira indagação, procuramos conceituar os passos que seriam verificados nos instrumentos utilizados para o estudo no processo de transferência e contratransferência.

É na transferência dinâmica do ensino que se desenvolve a relação pedagógica com o aluno. Constatamos que a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno estabelece uma relação a um elemento particular, que é a pessoa do professor. O aluno atribui, então, um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo, mas para isso é necessário que o professor faça alguns movimentos que traduzam ao aluno que ele é alguém que pode-se confiar.

Dessa forma, a relação pedagógica está implícita na relação humana, onde percebemos que o ser tem mais força que o fazer no cotidiano acadêmico, com muita frequência, nesse estudo percebemos o aluno evocar características da personalidade no professor na sua construção, como por exemplo: o professor é “simpático, atencioso, e o que o envolve é “a paixão que o professor demonstra pela matéria”, “maneira no trato com o aluno”, “saber cativar a amizade do aluno”, “confiança”, “ser amigo”, “o professor que desperta, no aluno, o interesse pelo jeito dele”, “ como o professor olha para o aluno”.

Lançar o olhar à educação sob essa óptica pressupõe estar atento para a dinâmica transferencial estabelecida no processo de ensino. Pode ser compreendida como uma relação que suscita emoções e transfere desejos no universo do inconsciente, compreendendo sentimentos que caminham do amor ao ódio que, muitas vezes, também aparecem.

Constatamos que os alunos apresentam muita expectativa em relação

ao processo de conhecimento e mais ainda, em relação ao professor, “professor não é só ensinar é transformar o aluno para acreditar no que ele gosta”.

Quando o professor consegue fazer uma leitura de como o aluno funciona, quais os caminhos que ele deve percorrer para o acadêmico autorizá-lo a ensinar, essa tarefa se torna mais prazerosa e frutífera para ambos.

Vimos também que o professor, que é inesquecível para o aluno, pode ser aquele que o acolheu como o outro que o desafiou, provocou sua ira e fez despertar nele sentimentos repugnantes. O fato é que houve uma atração ou repulsa entre os dois atores no processo educacional e isso resultou numa interação.

Os professores, como diz Nóvoa (2002). “vivem num espaço carregado de afetos, de sentimentos e conflitos”, podemos acrescentar que os alunos também, como eles lidam com essas questões e constroem o conhecimento é o desafio que se impõe.

Pensar a educação no âmbito da interação pressupõe portanto, analisar uma nova direção no sentido de saber ser e não só de saber fazer.

No ensino fundamental e médio, muito se discute sobre a triangulação professor- ensino- aprendizagem. Há aqueles que entendem que o aluno é o principal ator, outros o professor e outros o saber em si.

Muito se diz que o foco se deslocou do professor para o aluno.

No contexto universitário então, parece que essa idéia é mais freqüente. Mas o que verificamos neste estudo é que, para a maioria, tanto dos discentes como os docentes que fizeram parte da amostra, o foco é o professor, pois é ele quem vai atrair seu aluno para o conhecimento.

Constatamos com o presente estudo que verdadeiramente os alunos autorizam o professor a ensiná-lo, revestindo-o de autoridade, as falas apontadas nos resultados que abordam essa verdade, isso responde ao segundo questionamento interposto no problema inicial da pesquisa que questionava até que ponto essa relação influência na construção do saber. Segundo FREIRE (1996, p. 96)

“o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Se o professor não resistir ao processo e procurar se reconhecer no processo transferencial sem medo, mais facilmente ele poderá lidar com as manifestações transferenciais e contratransferenciais na sala de aula, possibilitando o crescimento dos alunos, bem como o seu próprio desenvolvimento.

Os professores de maneira geral, procuram manter um certo padrão de comportamento em relação ao processo de ensino, onde se nota um distanciamento entre a vida pessoal e as emoções que florescem na sala de aula, como se isso fosse possível.

Os professores que fizeram parte do estudo em sua maioria, não são diferentes, vale acrescentar que os mesmos não tiveram, ao longo de sua formação, nenhuma disciplina específica voltada à prática docente. Em geral, estão no exercício do magistério porque se dedicaram a pesquisa e com isso obtiveram o título que lhes favoreceu o ingresso na carreira, para a sua prática pedagógica acabaram recorrendo a modelos que vivenciaram no passado daquilo que julgaram bom ou ruim para exercer a docência.

Dessa forma, foi possível perceber que os professores que foram citados nominalmente pelos alunos exerceram certa sedução sobre os aprendizes, fazendo-lhes despertar o desejo do que lhe era ensinado, no entanto não tinham consciência do que faziam, o que nos faz pensar que mesmo aqueles precisam se conhecer melhor, assim como aprender estratégias para que o envolvimento com os alunos possa resultar na almejada construção do saber.

Na discussão dos resultados, ao entrevistar alguns professores, verificamos que os mesmos acabam agindo intuitivamente, como relatou um dos professores que, "na brincadeira, vários alunos me chamam de pai", e ainda relata o fato de que uma aluna egressa o chama de "pai do conhecimento".

Para tanto, a formação do professor não pode se limitar aos aspectos práticos relacionados ao conhecimento técnico, mas é urgente a necessidade de conhecimento didático e do fazer docente, devendo englobar as dimensões relacionais envolvidas na docência, pois não há didática que seja eficaz se não houver, primeiramente, a construção do vínculo.

A práxis educativa é uma atividade complexa que demanda dos professores uma formação que supere o mero desenvolvimento de habilidades técnicas ou, simplesmente, o conhecimento aprofundado de um conteúdo específico de uma área do saber, é preciso saber relacionar-se.

A psicologia tem muito a contribuir quando levanta as questões do ser, questiona mitos e sugere alguns caminhos para que o professor possa se conhecer melhor e, conseqüentemente, conviver melhor consigo mesmo e com os alunos.

Muitas intervenções podem ser feitas, alguns professores mostram-se sedentos, carecedores de novas práticas. E em vários momentos, o estudo deixou isso claro, pois vários professores se interessaram em conhecer o resultado da pesquisa, alegando que gostariam de ter acesso ao que foi pesquisado para melhorar sua aula.

Uma professora mencionou em seus comentários que considera importante a iniciativa que busca diagnosticar um mapa do ensino superior em nossa região. Salientamos aqui que a professora que fez o referido comentário, foi a única que teve a disciplina citada nos três cursos onde o estudo foi promovido, ainda com referencial de uma das disciplinas preferenciais dos alunos o que dá mais um indício de seu comprometimento com os alunos e não só com os cursos com os quais ministra aulas.

Não obstante, surgiram comentários de professores que se distanciam muito da visão de um professor reflexivo, comprometido, como do docente que citou que “a cada ano as faculdades privadas do interior vão recebendo um material humano cada vez pior em cultura. Portanto, não adianta o esforço, o conhecimento do professor, a boa biblioteca, as salas com carteiras estofadas e ar condicionado se a matéria prima que temos `as mãos, pelo péssimo ensino básico, não consegue interpretar qualquer singela preposição.”

Esse professor nos remete a uma leitura ainda muito primária de um processo de construção de conhecimento, pois não consegue ainda se ver como parte do problema, quanto mais participe da solução.

Necessário se faz um processo de conscientização profissional e reconstrução pessoal, esses significados precisam mudar dentro dos docentes, pois, sem essa mudança, não há construção de conhecimento.

O professor precisa compreender que tem, a seu lado, mecanismos e instrumentos capazes de serem usados para a edificação e resolução de problemas inerentes às dificuldades e insucessos escolares.

Consideramos que a pesquisa realizada em campo respondeu aos questionamentos, foi ao encontro do problema de pesquisa proposto de início do estudo sobre a relação professor-aluno no ensino superior e sua importância para

a efetiva aprendizagem.

O desenvolvimento geral deste estudo caminhou e em direção à concretização dos objetivos iniciais onde verificamos o vínculo relacional do professor como aluno no acontecer do cotidiano universitário, vimos que ele acontece e quando flui os resultados são produtivos.

Por tudo que foi contemplado na relação professor-aluno neste trabalho, entendemos que é possível o professor melhorar seu desempenho na prática do saber, se ele puder se conhecer melhor, dar mais importância a relação transferencial do aluno, entender como ela funciona na construção do conhecimento e não responder contratransferencialmente, ou seja não reter para si o sentimento direcionado.

O resultado do estudo foi satisfatório, embora, apenas introdutório na questão das contribuições da compreensão do contexto relacional na prática pedagógica .

Apesar dos obstáculos que frequentemente surgem num trabalho de pesquisa, tais como: dificuldade na coleta de dados, por recusa de alguns colegas a responder ao questionário, outros que se propõe mas acabam não devolvendo o material, outras burocráticas, como para coletar informações na instituição, enfim, como um todo, consideramos que não enfrentamos situações conflitantes que tenham provocado a alteração da proposta.

Fundamentadas nos dados coletados e analisados, e procurando responde ao terceiro questionamento presente no problema inicial sobre os recursos poderão auxiliar o professor nessa construção, tecemos algumas sugestões aos gestores da Instituição.

A primeira delas que invistam, urgentemente em “capacitação” dos professores; desejo, aliás, que foi manifestado por membros do corpo docente como apontado na discussão dos dados, sobretudo, uma capacitação psico-pedagógica, que proponha formação continuada ao docente, pois entendemos que a instituição desfruta de um corpo docente tecnicamente de alta qualificação, como demonstra o Gráfico 15, pg. 70 ou seja, a I.E.S. no seu escopo investigado, conta com 50% de especialistas, 43% mestres e 7% de doutores.

Outra sugestão é que se crie um espaço de atendimento e apoio ao acadêmico, pois percebemos que os alunos de Ciências Contábeis que demonstraram maior afetividade com os professores; estão sempre os procurando

os coordenadores em momentos diversos da sala de aula, para buscar em seus referências conselhos para a vida cotidiana. Inclusive, alguns professores foram citados nominalmente pelo aluno, como fonte de identificação. Enquanto isso, alunos dos outros cursos demonstraram ter uma relação boa, mas que só acontece no espaço da sala de aula e o aluno precisa se sentir acolhido na instituição.

Julgamos importantes tais medidas, pois elas se propõem sustentar a motivação dos envolvidos, visto que se os mesmos se os professores se sentirem amparados pela instituição, conseqüentemente exercitarão o acolhimento com os acadêmicos.

Com essas sugestões, queremos deixar claro que não temos a pretensão, em momento algum, de prescrever fórmulas de sucesso, mesmo porque não conhecemos nenhuma fórmula infalível com o ser humano.

O importante é que essas construções sejam impulsionadas pelo desejo, de melhorar, de experimentar, de agir, de construir; enfim de não permanecer estante diante de uma realidade que entendemos insatisfatória.

Ao identificarmos-nos com os profissionais envolvidos com essa problemática, pretendemos trabalhar comprometidos com a construção coletiva de uma nova realidade, com as contribuições que a psicologia pode dar; pois, enquanto a educação é um processo, a psicologia é uma ciência que estuda o homem, um saber que se ocupa da sua construção e do ser humano.

O ser humano que vive em constante conflito provocado por uma necessidade de mudança. As mudanças que são condições fundamentais no desenvolvimento de uma sociedade, de uma instituição e do próprio homem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, S. H. S.; BATISTA, N. A. A formação do professor universitário: desafios e possibilidades. In: SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. A. **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas: Papyrus, 2002.
- BYINGTON, C. A. B. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- BOCK, A. M. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem: psicanálise de criança com fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996,
- FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FIGUEIREDO, F. **Amor a céu aberto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- FLEURI, R. M. **Interdisciplinaridade: Meta ou Mito?** Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/freire/fleuri.pdf>>. Biblioteca CLACSO. Acesso em: 11/10/2007.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 25.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1913). Volume XIII. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas da Edição Standard**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas da Edição Standard**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- \_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial (1915). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas da Edição Standard**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- \_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas da Edição Standard**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916) Conferência XXVII – Transferência. In: FEUD, S. **Obras psicológicas completas da Edição Standard**. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago 1974.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um Sonho: Ensinar - e - Aprender com Sentido**. São Paulo: Nova Didática:, 2005.
- JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- KUPFER, M. C. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. 3.ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- LA FONTAINE, J.de. **Fábulas**. 4.ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAPLANCHE, J. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trabalho original publicado em 1987).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MORAES, João F. R. **O que é ensinar?** São Paulo: EPU,1986.
- MORGADO, M. H. **Da sedução na relação pedagógica**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2002.
- MORETTI, L. H. T. Desvelando características do fazer docente: o "bom" e o "mau" professor. CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, IV., 2007, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia, 2007. p, 35-45.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. .Lisboa: Porto, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas: profissão docente e formação**. Perspectivas sociológicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- PIMENTA, S. G; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- POLITY, E. **Dificuldade de Ensino: que história é essa...?**. 1.ed. São Paulo: Vetor, 2002.
- PUIG, J. **Democracia e participação escolar**. São Paulo: Moderna, 2000.
- ROGERS, C. **Liberdade para Aprender**. 2.ed. Belo Horizonte: InterLivros de Minas Gerais, 1973.
- SENGE, P. **A Quinta Disciplina**. 16. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- SANCHES, G. P. Sigmund Freud e Sándor Ferenczi. In: FIGUEIRA, S. A. (org). **Contratransferência: de Freud aos contemporâneos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- VASCONCELLOS, M. M. M. **Desafios da formação do docente universitário**.

2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas-  
Campinas- SP. Disponível em: <[www.unicamp.br](http://www.unicamp.br)>. Acesso em: 07/07/2007.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

Solicitação da autorização à direção escolar, para realizar a pesquisa

Senhor Diretor

Solicito a Vossa Senhoria, diretor do CESD- CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE DRACENA autorização para realizar a pesquisa:CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NO ENSINO SUPERIOR, que se realizará no período de FEVEREIRO a OUTUBRO de 2007.

Certo de contar com vossa preciosa colaboração,

Agradeço,

Dracena( SP), 01de Fevereiro de 2007.

**CLÁUDIA REGINA PARRA**

Ilmo sr.

Prof. Ms. José Leite da Silva Neto

DD. Diretor do CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE DRACENA

## APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

\_\_\_\_\_,RG \_\_\_\_\_,abaixo  
qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de  
**(sujeito objeto da pesquisa/representante legal do sujeito objeto da pesquisa)**,  
que fui devidamente esclarecido do Projeto de Pesquisa  
intitulado:**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DA  
RELAÇÃO PROFESSORX ALUNO NO ENSINO SUPERIOR.**

desenvolvido pela mestrandia **CLÁUDIA REGINA PARRA**, sob a orientação da  
prof.a Dra. **LÚCIA HELENA TIOSSO MORETTI**, do **Curso de Mestrado em  
Educação da UNOESTE- UINVERSIDADE DO OESTE PAULISTA**, quanto aos  
seguintes aspectos:

- a) justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b) desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados;
- c) métodos alternativos existentes;
- d) forma de acompanhamento e assistência com seus devidos responsáveis;
- e) garantia de esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia, com informação prévia sobre a possibilidade de inclusão em grupo controle e placebo;
- f) liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- g) garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhe absoluta privacidade;
- h) formas de indenização diante dos eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- i) formas de ressarcimento das despesas decorrentes da participação na pesquisa.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que nos foi explicado, consinto voluntariamente (em participar/que meu dependente legal participe) desta pesquisa.

Dracena (SP) \_\_\_\_de\_\_\_\_\_ de 2007.

**QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Objeto da Pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_

RG:..... Data de nascimento:..... / ..... / ..... Sexo: M ( ) F ( )

Endereço:

Rua .....no.....

Bairro:..... Cidade:..... Cep:..... Tel:.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Declarante

## DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Dracena( SP)\_\_\_\_,\_\_\_\_\_de 2007.

Cláudia Regina Parra

Pesquisador

# **Apêndice c**

## **Questionário de Pesquisa para Alunos**

“Contribuições da Psicologia para a compreensão da relação  
Professor X Aluno no Ensino Superior”.

Pesquisadora: **Cláudia Regina Parra**

Orientadora: **Profa. Dra. Lúcia Helena Tiosso Moretti**

**Programa de Mestrado em Educação - UNOESTE-UNIVERSIDADE DO  
OESTE PAULISTA-PRES. PRUDENTE SP.**

Campo de Pesquisa: **CESD-CENTRO SUPERIOR DE ENSINO EM DRACENA**  
Endereço: Rod. Eng. Byron Nogueira, km 0.  
Dracena SP 17 900 000- tel. (18) 3822 1099.

Caro aluno:

Gostaríamos de contar com a sua colaboração em responder este questionário. Para tanto se faz necessário esclarecer os seguintes pontos:

1. Suas respostas serão analisadas e contribuirão para a melhor compreensão da relação professor x aluno no Ensino Superior, por esta razão contamos com sua sinceridade.
2. Todas as informações prestadas são meramente informativas. Contudo, os resultados poderão ser publicados em artigos ou livros científicos ou apresentados em Congressos profissionais. Porém, as informações pessoais serão mantidas em sigilo absoluto conforme acordado em TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO assinado anteriormente.

**Identificação**

**Sexo:** ( ) masculino  
( ) feminino

**faixa etária** ( ) até 19 anos  
( ) de 20 a 29 anos  
( ) de 30 a 39 anos  
( ) de 40 a 49 anos  
( ) de 50 a 59 anos  
( ) mais que 60 anos.

**Curso**  
( ) C.Contábeis  
( ) Direito  
( ) Turismo  
Termo\_\_\_\_\_

**Estado civil:** ( ) Casado(a) ( ) Solteiro(a) ( ) Outro.

**Nacionalidade:** ( ) Brasileira ( ) Outra.

É sua primeira formação? ( ) Sim ( ) Não. Qual(ais) a formação(es) anterior(es)?  
\_\_\_\_\_

**II.Quanto ao curso que você é aluno e ao seu(s) professor(es):**

1. Você conhece o Projeto Pedagógico do seu curso?

( ) Bem ( ) Razoavelmente ( ) Não conheço.

2. O Projeto foi apresentado:

( ) Pelo coordenador do Curso ( ) Por professores do curso ( ) Pelo site da universidade ( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_

3.Você considera o currículo do seu curso em relação a sua formação profissional é:

( ) Adequado à realidade dos alunos ( ) Pouco adequado a realidade do aluno  
( ) Totalmente inadequado a realidade do aluno.

4. Todas as disciplinas inseridas no currículo em relação ao exercício profissional são:

( ) Adequadas ( ) Inadequadas  
( ) Nem todas adequadas ( ) Não sei responder.

Se você assinalou que algumas ou todas são inadequadas justifique sua resposta.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. De todas as disciplinas ministradas em seu curso até agora de qual ou de quais você mais gosta, ou gostou? \_\_\_\_\_

6 Sobre a(s) disciplina(s) que você apontou acima, você acredita que o professor influenciou na sua preferência.

- ( ) Sim, seguramente                      ( ) Sim, provavelmente  
 ( ) Não influenciou                      ( ) Não sei responder.

7 Você considera que o professor da disciplina escolhida é um professor :

- ( ) Excelente ( ) Bom ( ) Razoável ( ) Ruim

8. Você acredita que, em geral, o professor pode influenciar o aluno a gostar de uma disciplina? ( ) Sim ( ) Não . Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. Na sua opinião é importante que o professor estabeleça uma boa relação com os alunos para que se construa o conhecimento profissional ?

- ( ) Sim ( ) Não ( ) Indiferente. Por quê? \_\_\_\_\_

10. Alguns professores iniciam suas aulas com um resumo daquilo que foi visto na aula anterior. Tal resumo é:

- ( ) Importante para mim  
 ( ) De pouca utilidade para mim  
 ( ) Dispensável para mim  
 ( ) Nenhum dos meus professores usa essa prática  
 ( ) Nenhum dos meus professores usa essa prática mas gostaria que usasse.  
 ( ) Alguns professores usam essa prática mas seria mais útil se todos usassem.

11. Quais das características abaixo você considera de um **professor adequado**:

- ( ) Aquele que frequenta as festas acadêmicas.  
 ( ) Aquele que é assíduo.  
 ( ) Aquele que é pontual.  
 ( ) Aquele que usa de vários recursos didáticos pedagógicos.  
 ( ) Aquele que adapta os métodos de trabalho às características da turma.

- ( ) Aquele que não ministra aula quando os alunos pedem.
- ( ) Aquele que fala dos mais diferentes tipos de assuntos abordados pelos alunos de importante relevância social ou profissional.
- ( ) Aquele que fala dos mais diferentes tipos de assuntos abordados pelos alunos sem necessariamente ter relevância social ou profissional.
- ( ) Aquele que tem domínio dos conteúdos da disciplina ministrada .
- ( ) Aquele que se tiver dúvida, sobre um assunto, referente `a disciplina ministrada, pesquisa e esclarece para o aluno oportunamente.
- ( ) Aquele que é exigente quanto ao comportamento participativo do aluno em sala .
- ( ) Aquele que é exigente quanto a freqüência do aluno.
- ( ) Aquele que é exigente quanto ao desempenho do aluno.
- ( ) Aquele que não exige nada do aluno, deixa-o `a vontade, pois um aluno universitário deve saber o que é importante para o seu conhecimento.
- ( ) Aquele que não dá “bronca” no aluno sob nenhuma hipótese.
- ( ) Aquele que quando o aluno está causando algum transtorno chama a atenção do aluno( dá bronca).
- ( ) Aquele que olha para o aluno quando fala com ele.
- ( ) Aquele que não solicita nenhuma atividade extra-classe.
- ( ) Aquele que solicita atividade extra- classe pois essa é uma maneira do aluno aprender mais, apesar do pouco tempo que tem para fazê-la.

12. Escolha um professor real de sua preferência no Curso. O que num primeiro momento motivou a sua escolha:

- ( ) Ele(a) é atencioso(a).
- ( ) Ele (a) tem um grande conhecimento dos conteúdos da disciplina.
- ( ) outras

13. Se você um dia for professor (a), você usará como referência o professor escolhido na alternativa acima?  ( ) sim  ( ) não  ( ) não sei dizer.

Por que? \_\_\_\_\_

14. Quais as características você julga necessárias para um professor ser considerado admirável? \_\_\_\_\_

15. O que é mais importante para você na sua relação com o professor na universidade:

( ) Conhecer profundamente a disciplina ministrada

( ) Conhecer os alunos.

( ) Outras \_\_\_\_\_

Obrigada pela colaboração

Dracena/ Junho/ 2007.

# **Apêndice d**

Questionário de Pesquisa para Professores

**“Contribuições da Psicologia para a compreensão da relação professor x aluno no Ensino Superior”.**

Pesquisadora: **Cláudia Regina Parra**

Orientadora: **Profa. Dra. Lúcia Helena Tiosso Moretti**

**UNOESTE-UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA-PRES. PRUDENTE SP.**

---

Campo de Pesquisa: **CESD-CENTRO SUPERIOR DE ENSINO EM DRACENA**

Endereço: Rod. Eng. Byron Nogueira, km 0.

Dracena SP 17 900 000- tel. (18) 3822 1099.

Caro colega docente:

Gostaríamos de contar com a sua colaboração em responder este questionário.

Para tanto se faz necessário esclarecer os seguintes pontos:

3. *Suas respostas serão analisadas e contribuirão para a melhor compreensão da relação professor aluno no Ensino Superior, por esta razão contamos com sua sinceridade.*
4. *Todas as informações prestadas são meramente informativas, poderão, contudo os resultados ser publicados em artigos ou livros científicos ou apresentados em Congressos profissionais, porém as informações pessoais serão mantidas em sigilo absoluto conforme acordado em TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO assinado anteriormente.*

**I. Identificação:**

**Sexo:** ( ) masculino      **faixa etária:**      **ministra aulas no(s) curso(s)**

( ) feminino      ( ) de 20 a 29 anos      ( ) Turismo

( ) de 30 a 39 anos      ( ) C. Contábeis

( ) de 40 a 49 anos      ( ) Direito

( ) de 50 a 59 anos      Termo \_\_\_\_\_

( ) mais que 60 anos.

**Estado civil:** ( ) Casado(a)    ( ) Solteiro(a)    ( ) Outro.

Qual? \_\_\_\_\_

**Nacionalidade:** ( ) brasileira ( ) outra. Qual? \_\_\_\_\_

**II. Formação:**

1. É professor na área da sua primeira formação?    ( ) sim    ( ) não.

Quantas formações possui? \_\_\_\_\_ Qual a sua carga horária? \_\_\_\_\_

2. Graduação : ( ) Licenciatura    ( ) Bacharelado

em \_\_\_\_\_ ano \_\_\_\_\_

Instituição e Local da formação \_\_\_\_\_

( ) Licenciatura    ( ) Bacharelado

em \_\_\_\_\_ ano \_\_\_\_\_

Instituição e Local da formação \_\_\_\_\_

Outros? \_\_\_\_\_

**3. Títulos:**

( ) Especialista      ( ) concluído ano \_\_\_\_\_      ( ) cursando

área \_\_\_\_\_ Instituição/Local \_\_\_\_\_

( ) Mestrado      ( ) concluído ano \_\_\_\_\_      ( ) cursando

área \_\_\_\_\_ Instituição/Local \_\_\_\_\_

( ) Doutorado      ( ) concluído ano \_\_\_\_\_      ( ) cursando

área \_\_\_\_\_ Instituição/Local \_\_\_\_\_

**III.Quanto ao curso que você é professor e a sua prática docente:**

1. Você conhece o Projeto Pedagógico do seu curso?

( ) Bem ( ) Razoavelmente ( ) Não conheço.

2. O Projeto foi apresentado:

( ) Pelo coordenador do Curso ( ) Por um professores do curso

( ) Pelo site da Universidade ( ) outros.

Quais? \_\_\_\_\_

3. Participou na Elaboração do mesmo? ( ) Sim ( ) Não

Qual foi a sua contribuição? \_\_\_\_\_

4. Você considera que o currículo do curso em relação à formação profissional do futuro acadêmico é:

( ) Adequado à realidade dos alunos

( ) Pouco adequado a realidade do aluno

( ) Totalmente inadequado a realidade do aluno

( ) Não sei responder.

5. Você considera a disciplina por você ministrada:

( ) Fundamental para o desempenho profissional futuro do acadêmico.

( ) Importante, mas não fundamental para o desempenho profissional futuro do acadêmico.

( ) Opcional na carreira profissional futura do acadêmico.

( ) Irrelevante para a carreira profissional futura do acadêmico.

6. Você se considera um professor:

( ) Excelente ( ) Bom

( ) Razoável ( ) Ruim

( ) Muito exigente ( ) Moderadamente exigente

( ) Pouco exigente ( ) Nada exigente.

7. Você acredita que a sua personalidade influencia seu aluno a gostar da disciplina?

Sim, seguramente       Sim, provavelmente

Não influencia       Não sei responder.

8. Em sua opinião é importante que o professor estabeleça uma boa relação com os alunos para que se construa o conhecimento profissional?

Sim       Não       Indiferente.

Por quê? \_\_\_\_\_

9. A didática que você utiliza em sala de aula **incentiva** os alunos a novas idéias:

Plenamente     Parcialmente     Não me preocupo com isso.

10. Quais das **características** abaixo se enquadram no **seu perfil**:

Freqüenta as festas acadêmicas.

É assíduo.

É pontual.

Usa de vários recursos didáticos pedagógicos.

Usa sempre os mesmos recursos didáticos pedagógicos por preferência dos alunos.

Não usa recursos didáticos pedagógicos diferenciados por falta de conhecimento de recursos diferenciados.

Oferece um atendimento extra-classe para que o aluno construa o conhecimento.

Gostaria de oferecer um atendimento extra-classe, mas não pode fazê-lo, pois não tem disponibilidade de tempo.

Gostaria de oferecer um atendimento extra-classe desde que a Escola a disponibilizasse algumas horas para que pudesse fazer essa atividade.

Adapta os métodos de trabalho as características de cada turma.

Fala dos mais diferentes tipos de assuntos abordados pelos alunos de importante relevância social ou profissional.

Fala dos mais diferentes tipos de assuntos abordados pelos alunos sem necessariamente ter relevância social ou profissional.

Tem domínio dos conteúdos da disciplina ministrada.

Se tiver dúvida sobre um assunto referente à disciplina ministrada pesquisa e esclarece para o aluno oportunamente.

É exigente quanto ao comportamento e a frequência do aluno.

É exigente quanto ao desempenho do aluno.

não exige nada do aluno deixa-o a vontade, pois um aluno universitário deve saber o que é importante para o seu conhecimento.

Não dá bronca no aluno sob nenhuma hipótese.

Se o aluno estiver causando algum transtorno chama-lhe a atenção.

11. Recorrendo às suas lembranças, procure lembrar um professor de sua preferência. O que, num primeiro momento, motivou a sua escolha:

A atenção que ele(a) dispensava a você.

Ele(a) tinha um grande conhecimento dos conteúdos da disciplina.

Ele(a) sabia como motivar os alunos nas aulas.

Ele(a) era uma pessoa agradavelmente atraente.

Nenhum dos motivos acima.

A(s) seguinte(s) razão(es) \_\_\_\_\_

12. Você como professor usa esse (a) professor(a) como **modelo/ referência** para sua prática?

Sim

Não

Não sei dizer.

Por quê? \_\_\_\_\_

13. Quais as características você julga necessárias para um professor ser considerado admirável? \_\_\_\_\_

14. O que é mais importante para você na relação com o aluno na universidade:

Conhecer profundamente a disciplina ministrada.

Conhecer os alunos.

Estar disponível para o aluno.

15. Na prática você:

- Empresta material para aluno  
 Não empresta material para aluno

**IV. Quanto `a sua capacitação profissional e atualização:**

16. Você se julga um profissional atualizado em sua área específica de atuação?

- Sim, muito atualizado  
 Sim, relativamente atualizado  
 Pouco atualizado  
 Desatualizado

Com é feita esta atualização? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

17. Você tem participado de eventos científicos relacionados à sua disciplina nos últimos três anos?

- Sim  Não  As vezes

Cite os eventos em que você participou.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

18. Você tem apresentado trabalhos nesses eventos?  Sim  Não

Liste-os ;

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

19. Você tem publicado artigos em sua área de especialização?

- Sim  Não

Cite os títulos/ periódicos/livros e ano de Publicação. (Considere os últimos três anos)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

20. A Instituição tem contribuído ou contribuiu, de alguma forma, para a sua capacitação? ( ) Sim ( ) Não .

Como?

---

---

---

21. Você gostaria de que a instituição tivesse participação mais efetiva na sua capacitação? ( ) Sim ( ) Não.

Como?

---

---

22. Você acredita que seu curso precisa melhorar?( ) sim ( ) não . Que contribuições você pode dar?

---

---

23. Comentários que deseja fazer:

---

---

---

colaboração.

Obrigada pela